



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÉTRAS**

IARA MELO DOS SANTOS

**MEMÓRIA COLETIVA E ETHOS DISCURSIVO: A  
IMPORTÂNCIA DO ATO DE ARGUMENTAR EM RELATOS DE  
PESCADORES**

São Cristóvão  
2018

IARA MELO DOS SANTOS

**MEMÓRIA COLETIVA E ETHOS DISCURSIVO: A  
IMPORTÂNCIA DO ATO DE ARGUMENTAR EM RELATOS DE  
PESCADORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, na Linha de pesquisa Descrição, análise e usos linguísticos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima.

São Cristóvão  
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Iara Melo dos

S237m Memória coletiva e ethos discursivo : a importância do ato de argumentar em relatos de pescadores / Iara Melo dos Santos ; orientadora Geralda de Oliveira Santos Lima.– São Cristóvão, SE, 2018.

129 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Análise do discurso. 2. Memória coletiva. 3. Pescadores – Gararu (SE). 4. São Francisco, Rio. I. Lima, Geralda de Oliveira, orient. II. Título.

CDU 81'42

IARA MELO DOS SANTOS

**MEMÓRIA COLETIVA E ETHOS DISCURSIVO: A  
IMPORTÂNCIA DO ATO DE ARGUMENTAR EM RELATOS DE  
PESCADORES**

Trabalho de defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, na linha de pesquisa Descrição, análise e usos linguísticos, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

São Cristóvão, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2018.

**Banca Examinadora**

---

---

Profª. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima (Orientadora)  
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
Universidade Federal de Sergipe

---

---

Profª. Dra. Márcia R. C. P. Mariano (Membro interno)  
Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo  
Universidade Federal de Sergipe

---

---

Profª. Dra. Valquíria Claudete Machado Borba (Membro externo)  
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas  
Universidade do Estado da Bahia

São Cristóvão  
2018

A meu pai, José Rodrigues,  
À minha mãe, Marinalva.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ser o principal responsável pela força que me sustenta todos os dias.

Aos meus pais, José Rodrigues e Marinalva, por todo apoio e amor de sempre. A toda minha família, em especial a meus irmãos, Zé Anselmo, Jairson, Genelice, Magnólia, Robison, Ronaldo, Reney e Ângela. Ao meu cunhado Edson Alencar.

À minha orientadora, Geralda Lima, pelo acolhimento no PPGL e disponibilidade de atenção durante o mestrado.

À banca, Márcia Mariano e Valquíria Borba, pelas dicas preciosas e perfeitas. À Isabel Azevedo que esteve presente na banca da qualificação, por toda contribuição ao meu trabalho.

Aos meus amigos da UFS, em especial, Danillo Pereira, João Paulo Fonseca, Isabela Marília, Lorena Castro e Emilly Silva, por todo crescimento pessoal e intelectual que me proporcionaram.

Aos amigos que fiz no Observatório de Educação da Unit, em especial à querida professora Ada Augusta (In Memoriam), Soane Menezes e Amélia Santos, por tudo.

Às minhas amigas da vida, Maria Mendes, Elilde e às minhas primas, Greice, Allana, Wendiane, Claudineide e Priscila, porque eu amo cada uma.

Aos pescadores de Gararu, pela confiança e disposição de contribuir com a pesquisa.

## *SÚPLICAS DO VELHO CHICO*

*Senhor, faça com que o homem,  
Tenha consciência  
E que jamais se esqueça  
Que eu já tive abundância,  
Mas hoje em dia  
Praticam a ganância  
Muito pouco soube  
Usar a inteligência.*

*Me oprime, represando minhas águas  
Minhas margens cruelmente desmatam.  
Como é grande esse meu sofrimento  
Resultando no assoreamento.*

*[...]*

*Sou eu, quem te faz o pedido,  
Sou o seu Velho Chico,  
Não sou desconhecido.  
Por favor! Não decretes o meu fim  
Talvez aches que é um começo  
Cuidado com um preço  
Que é não ter recomeço.*

*Oh! Humanidade cruel,  
Não maltrates quem te amparou  
Te deu o alento e te saciou.*

*Pois não sejas um filho ingrato  
Já estou cansado de sofrer descatos.  
Ao final só me resta repetir  
Clemência! Clemência!  
Cuidem bem de mim!*

## RESUMO

Nas diferentes maneiras de se expressar por textos, consideramos que os seres humanos, nas suas práticas sociodiscursivas, utilizam-se deles não só para se comunicar, mas também para se colocar diante do mundo. Em Gararu/SE, cidade ribeirinha banhada pelo Rio São Francisco, muitos pescadores constroem e reconstróem, interativamente, suas histórias de vida, tendo sempre em consideração a relação que há entre eles e o rio, uma vez que suas experiências fazem com que eles deem opiniões, revelando, assim, seus posicionamentos. Nesta pesquisa, propomo-nos a analisar como a memória coletiva, evidenciada a partir das experiências e vivências desses pescadores, aponta para a construção do *ethos discursivo* na enunciação. Desse modo, buscamos alcançar o objetivo geral, a partir dos seguintes objetivos específicos: evidenciar a noção de *ethos discursivo* atrelada a de *ethos prévio* de maneira que se perceba a estereotipagem confirmada ou modificada (neste caso, o *ethos prévio* do pescador exagerado, sem compromisso com a verdade); estabelecer a relação entre *ethos* e *pathos* como condição fundamental do *logos*; contribuir com o registro das memórias do grupo de pescadores sobre o lugar que viveram/vivem. Para tanto, recorreremos ao argumento pragmático como via de avaliação favorável ou desfavorável sobre as causas e consequências da realidade que se apresentam nos relatos. Ao considerar a situação e/ou a dinâmica argumentativa, vemos que o *pathos* fundamenta todo e qualquer discurso (o *logos*), enquanto o *ethos* se associa a uma postura enunciativa capaz de agir sobre o *pathos*. A partir do argumento pragmático, tipo de argumento que se baseia na experiência de vida, apresentamos como hipótese a proposição de que os pescadores, ao retratar a realidade que vivenciam por meio de suas histórias, argumentam desfavoravelmente sobre a realidade atual, buscando modificar o *ethos prévio*. Este trabalho está definido sob pressupostos teórico-metodológicos de estudiosos da memória social e da argumentação retórica, como Halbwachs (2006); Bosi (2003; 1994); Nora (1993); Weiduschadt e Fischer (2009); Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Ferreira (2010), Amossy (2016) e Maingueneau (2008; 2016). O *corpus* foi constituído por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com onze pescadores residentes no referido município. Como resultado, percebemos que quando o pescador traz à memória coisas do passado o *ethos prévio* se confirma, então, o exagero se faz presente, e.g. “era uma época *farta, abundante, cheia, rica*”, quando se trata da realidade atual há uma busca pela construção de um *ethos* que fuja das causas e consequências desfavoráveis explicitadas pelos atos de alguns pescadores, criando assim dois *ethé*, um revelado pelos pescadores conscientes (os informantes) e outro revelado pelos pescadores inconscientes (os que causam as consequências desfavoráveis).

**Palavras-Chave:** Argumentação. Memória social. Ethos discursivo. Pescadores de Gararu. Rio São Francisco.

## ABSTRACT

In the different manners of expressing oneself by texts, we consider that human beings in their socio-discursive practices used these practices not only to communicate but also to put themselves at the head of the world. In the city of Gararu (an state's countryside), an riverside city, surrounded by The São Francisco River, a lot of fishermen build and rebuild, interactively their life stories, always taking into account the relation between themselves and the river, by their experiences, giving their opinions, and revealing this way, their placement. In this research, we propose to analyze how the collective memory, evinced by these fisherman's experiences points to the construction of the discursive ethos in the enunciation. Therefore, we search to reach the general goal, by specifics goals: evince the notion of discursive *ethos*, linked to the previous *ethos*, in a manner to realize the stereotyping confirmed or modified (in this case, the fisherman's ethos exaggerated, without compromise with the truth); establish a relation between *ethos* and *pathos* as a fundamental condition of the *logos*; contributing with the recordings of the fishermen's memories group about the place where they live/lived. For this purpose, we have used the pragmatic arguments as a route of favorable assessment or unfavorable on the causes and consequences of the realities which are presented in the records. Considering the situation and/or the argumentative dynamic, we can see that the *pathos* substantiates any and all discourse (the *logos*); while the *ethos* joins in an enunciative position, able to act over the *pathos*. From of the pragmatological argumentation a kind of argument which is based on the life experience, we present as a hypothesis the proposition of the fisherman portraying the reality faced by them, trough their stories, arguing unfavorably about the current reality, trying to modify the previous ethos. This research is based on the theoretical-methodology of scholars and researchers in the field of the social memory and the rhetorical argumentation, as Halbwachs (2006); Bosi (2003 e 1994); Nora (1993); Weiduschadt e Fischer (2009); Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Ferreira (2010), Amossy (2016) e Maingueneau (2008; 2016). The corpus was developed through semi-structured narratives, performed by eleven fishermen, residents of the above-mentioned city. As a result, we realized when the fisherman brings to the memory things related to the past, the *previous ethos* is confirmed, so the exaggeration was made present "it was a plentiful, abundant, full and rich era", when it is related to the current reality, there is it attempt to build an *ethos* which escapes from the causes and unfavorable consequences explained by some of the fishermen, creating this way, two *ethé*, one revealed by the aware fishermen (the informants), and the other, revealed by the unaware fishermen (those who cause the unfavorable consequences).

**Keywords:** Argumentation. Social Memory. Discursive Ethos. Fishermen of Gararu. São Francisco River.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL: LEMBRANÇAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDA</b> .....	16
<b>2.1 Memória coletiva e história oficial</b> .....	17
<b>2.2 História oral e memória</b> .....	28
<b>3 NA DIREÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO</b> .....	34
<b>3.1 Postulado da Nova Retórica</b> .....	34
<b>3.2 O agumento pragmático baseado na estrutura do real</b> .....	43
<b>3.3 Noção de <i>ethos discursivo</i></b> .....	47
<b>4 PROCESSO DA ARGUMENTAÇÃO NA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E <i>ETHOS DISCURSIVO</i></b> .....	54
<b>4.1 Procedimentos metodológico-descritivos</b> .....	54
<b>4.2 Contextualização: a relação dos ribeirinhos de Gararu com o rio São Francisco</b> ....	58
<b>4.1.1 Sertão de riquezas</b> .....	64
<b>4.2.2 O Baixo São Francisco: a pescaria como uma das atividades mais antigas e tradicionais da região de Gararu</b> .....	71
<b>4.3 Memória coletiva, argumento pragmático e <i>ethos discursivo</i>: análises de relatos de pescadores do baixo São Francisco/Gararu</b> .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94
<b>ANEXOS</b> .....	98

## **LISTA ILUSTRAÇÕES**

FOTOGRAFIA 1 – Vista aérea da cidade de Gararu nos anos 70/80 .....	58
FOTOGRAFIA 2- Cural de Pedras .....	62
FOTOGRAFIA 3- Cheia do Rio São Francisco no ano de 1978, em Gararu .....	67
FOTOGRAFIA 4- Procissão com o Bom Jesus dos Aflitos .....	70
FOTOGRAFIA 5- Chegada da procissão do Bom Jesus dos Navegantes .....	70
FOTOGRAFIA 6 –Pescador e criança num bote em enchente de março de 1986 .....	71
QUADRO 1- Sinopse dos procedimentos argumentativos .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

Em cidades ribeirinhas, muitos grupos constroem suas histórias a partir da relação com o rio, como é o caso das cidades às margens do São Francisco, seja por motivos de trabalho seja por motivos de lazer como as lavadeiras, os pescadores, banhistas, nadadores, esportistas, participantes de festas religiosas, as pessoas que são transportadas de lanchas, além de praticantes de outras atividades. Dentro desse universo, em Gararu/SE, cidade banhada por esse rio, os pescadores representam uma das profissões mais tradicionais da região. Como nasci e cresci nesta cidade, escolhi como meu objeto de estudo, no mestrado, as histórias de vida dos pescadores de Gararu, justamente, porque do rio depende o futuro da profissão. O rio São Francisco, que faz parte dos relatos de tantos moradores da região, é um dos bens naturais mais preciosos do qual depende a população gararuense.

Os pescadores, de maneira geral, são pertencentes de uma dada cultura e colaboram com a estabilização de certos dizeres populares. A imagem discursiva dos pescadores está atrelada a uma estereotipagem, conforme a representação coletiva cristalizada, que os constrói enquanto exagerados ao relatar suas histórias de pescaria e, por isso, seus relatos são nomeados, de maneira informal, como “conversa de pescador”.

Considerando os estudos de Amossy (2016) e Maingueneau (2008; 2016), a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói no discurso podem ser confirmadas ou modificadas, a partir do que foi mostrado e dito na enunciação. Nesse sentido, buscamos aplicar essas teorias aos relatos de pescadores gararuenses. Para tanto, recorreremos inicialmente a alguns pressupostos da antiga retórica teorizada por Aristóteles, os quais ainda estão muito presentes na Nova Retórica, como é o caso da teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), na qual o triângulo aristotélico serve de prova na construção de um discurso persuasivo: *o ethos*, *o pathos* e *o logos*. Reboul (2004) explica que o *ethos* é caracterizado como o caráter que o orador precisa assumir para que o auditório confie em seu discurso. O *pathos* seria, em tal perspectiva, o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório através do seu discurso e o *logos* é entendido como sendo a argumentação propriamente dita no discurso.

Contudo, nesta pesquisa, adotamos a noção de *ethos discursivo* (AMOSSY, 2016), num sentido alargado, diferindo do que fora teorizado na argumentação retórica, visto que não se pode separar “o *ethos discursivo* da posição institucional do locutor, nem dissociar totalmente a interlocução da interação social” (Op. cit. p.136). A posição

institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia. “Esse *ethos prévio* ou *pré-discursivo* faz parte da bagagem dóxica dos interlocutores e é necessariamente mobilizado pelo enunciado, podendo ser confirmado ou modificado” (AMOSSY, 2016, p. 137).

O *corpus* foi formado a partir de entrevistas semiestruturadas com onze pescadores residentes no município de Gararu/SE. Para as entrevistas, tomamos como ponto de partida algumas questões relacionadas à profissão de pescador, focando em suas histórias de vida. Ao passo que o pesquisado relata os acontecimentos, as entrevistas tomam um caminho peculiar. Assim, apesar de partir de um ponto comum que é a experiência como pescador, as observações subsequentes podem variar conforme as especificidades de cada história.

As entrevistas foram gravadas com permissão dos voluntários da pesquisa, autorizadas sob assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual se explica o objetivo, metodologia, riscos, benefícios, direito do anonimato e a retirada do consentimento a qualquer momento que lhe convir, entre outros. Por questões éticas, os voluntários não serão identificados pelos nomes originais, apenas, por números.

Uma vez que nossa materialidade se apresenta na forma de relatos, a memória ganha destaque em nosso trabalho. Reiterando Hawbachs (2006), tomamos o indivíduo dentro de um grupo social e não isoladamente. A memória recordada por cada indivíduo só é possível por estar inserida dentro de um grupo social, por isso, ela é coletiva e não individual, está intimamente ligada à história e à cultura. Com efeito, a preocupação não se centra em se as memórias são, de fato, reais, mas, sim, se conseguem apreender a realidade, pois elas são constituídas como uma representação.

O ser humano, ao emitir sua opinião sobre algum assunto, age retoricamente e constrói uma realidade a partir do discurso, tal realidade produzida influi, também, na construção da imagem do orador (FERREIRA, 2010). Dessa forma, os pescadores, por pertencerem a uma realidade sócio-cultural determinada, agem retoricamente na representação da realidade por intermédio da memória social, na qual estão inseridos, quando revelam as suas histórias de vida.

Considerando a situação argumentativa, o *pathos* fundamenta todo e qualquer discurso (*logos*), pois o locutor (*ethos*) se baseia nos valores do locutário (*pathos*), para ser capaz de agir sobre ele. Nesse ponto, a relação entre o *pathos* e o *ethos* constrói o *logos*. Nos relatos, observou-se que, mesmo se tratando de histórias de vidas de pescadores, suas posturas enunciativas foram além das posições esperadas devido a

influência do *pathos*. Os discursos dos entrevistados foram explicitadores de grandes problemas ambientais do rio São Francisco, que influenciam no futuro da profissão.

Desse modo, interessa-nos entender em que medida a relação entre *ethos pré-discursivo* (ou *ethos prévio*) e *ethos discursivo* (o *dito e mostrado* na enunciação), que estão ligados aos estereótipos sociais e culturais, condicionam a produção do *ethos* a partir do *pathos*, posto que analisaremos entrevistas.

Este trabalho olha para um grupo social que ao representar a memória em que está inscrito recorda, lembra e age retoricamente diante de uma dada realidade vivenciada. Ao mesmo tempo em que se relaciona memória e argumentação na busca do que é importante para esse grupo e de sua representação e, conseqüentemente, de sua construção, traz-se à tona, também, os elementos ausentes e se apresentam lembranças de modo necessário para satisfazer a coerência argumentativa e cultural de práticas que condicionam uma normatização do grupo, condizentes com o momento da enunciação, que podem confirmar ou modificar o *ethos prévio* estabelecido socialmente.

Associamo-nos a um posicionamento teórico que entende que a argumentação é produzida tanto em contextos mais elaborados, como em situações cotidianas. Opinar sobre algo é agir retoricamente dentro de uma situação contextual dada. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), as técnicas argumentativas se fazem presente, também, nas situações cotidianas. Filiados a essa abordagem, estabelecemos como objetivo geral dessa dissertação, investigar como a memória coletiva, evidenciada a partir das experiências e vivências dos pescadores, aponta para a construção do *ethos discursivo* na enunciação, utilizando o argumento pragmático como via de avaliação, favorável ou desfavorável, no que tange às causas e conseqüências da problemática apresentada nos relatos. Nessa visada, optamos, neste trabalho, por uma perspectiva sociocognitiva e textual-interativa para abordar o objeto de estudo. Para se alcançar o objetivo geral, elaboramos os objetivos específicos a seguir:

- a) evidenciar a noção de *ethos discursivo* atrelada a de *ethos prévio* de maneira que se perceba a estereotipagem confirmada ou modificada;
- b) estabelecer a relação entre *ethos* e *pathos* como condição fundamental do *logos*;
- c) contribuir com o registro das memórias do grupo de pescadores de Gararu/SE sobre o lugar que viveram/vivem.

Este trabalho será construído sob pressupostos teórico-metodológicos dos estudos da memória social e da argumentação retórica, associado ao conceito de *ethos pré-*

*discursivo* e *ethos discursivo*, a partir de estudos desenvolvidos, na atualidade, por Amossy (2016) e Maingueneau (2008; 2016). A partir do argumento de tipo pragmático, aquele que se baseia na experiência de vida, apresentamos a hipótese de que os pescadores, ao retratar a realidade que vivenciam, argumentam desfavoravelmente sobre a realidade atual, buscando modificar o *ethos prévio*. Verifica-se, então, a capacidade do pescador trazer à sua memória elementos do passado que confirmam o *ethos prévio* e a modificação quando se refere à realidade atual. Dividimos o desenvolvimento de nossa pesquisa em três seções, além da introdução e conclusão, que se complementam na busca de se chegar ao objetivo proposto.

Na seção, *Considerações sobre a constituição da memória social: lembranças e experiências de vida*, buscamos demonstrar a importância da memória para representar as subjetividades de um povo, contrapondo-a à historicidade cuja metodologia sempre foi privilegiada ao longo dos séculos. Este capítulo compreende dois subtópicos: o primeiro, “Memória coletiva e História oficial”, propõe um contraponto entre elas, ressaltando a importância da memória coletiva; o segundo, “História oral e memória”, discute a relação da história com a memória, além das questões teórico-metodológicas sobre a história de vida, considerando o papel do pesquisador nesse tipo de metodologia.

A seção seguinte, *Na direção do ethos discursivo*, aborda os principais pontos do *Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), advindos de Aristóteles, os quais possuem grande influência nos estudos da argumentação retórica contemporâneos. Desenvolvemos o nosso trabalho na direção de demonstrar a importância da noção de *ethos* para os estudos discursivos atuais. Assim, subdivide-se em três tópicos: em “Postulado da Nova Retórica”, são demonstrados os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) que partem da retórica aristotélica, mas inovam com o estudo das técnicas argumentativas; o segundo, “O argumento pragmático baseado na estrutura do real”, por partir da relação entre um ato ou um acontecimento e a consequência que dele resulta, possibilita verificar a construção retórica do ponto de vista dos pescadores sobre a relação entre sua profissão e o rio; o terceiro, “Noção de *ethos discursivo*”, atenta para a concepção da noção de *ethos*.

A seção, *Processo da argumentação na relação entre memória coletiva e ethos discursivo*, destina-se, sobretudo, às análises interpretativas do *corpus*. Contempla, também, os procedimentos teórico-metodológicos adotados na análise. Contextualizaremos, ainda, a relação dos ribeirinhos de Gararu com o Rio São Francisco, com vistas a mostrar, de maneira breve, a história de Gararu, ressaltando os pontos

principais da cultura local ao longo do tempo. Para tanto, dividiremos a seção em dois subtópicos: “Sertão de riquezas” e “O baixo São Francisco: a pescaria como uma das atividades mais antigas e tradicionais da região de Gararu”. O propósito, deste último subtópico, é demarcar melhor o objeto desta pesquisa, a saber, a história de vida dos pescadores, e contextualizar o *corpus*, de modo a explicitar a cultura dos ribeirinhos. Para a construção desta seção, devido à ausência de informações em registros escritos sobre a história de Gararu, optamos por contar a história oral por meio de entrevistas com três moradores mais antigos da cidade, revelando aspectos inerentes à cultura de maneira geral.

Ressaltamos que, a fim de organizar textualmente o trabalho, buscamos construir uma intersecção entre teoria e *corpus*, de modo que articulamos a disposição do texto com a inserção de fragmentos dos relatos que confirmam a teoria discutida para que se possa perceber de maneira mais clara e coesa o que se pretende explicar no trabalho.

Assim como Santana (2015), que focou em questões concernentes à referenciação, no âmbito da Linguística Textual, e à Argumentação Retórica, e como Santana (2017), que a partir dos estudos sobre o *ethos*, relacionou a identidade discursiva de Aracaju e aracajuanos com foco em abordagens teóricas neoretóricas e discursivas, buscamos com este trabalho contribuir com o diálogo entre os estudos sobre memória, argumentação e *ethos*, junto ao Programa de Pós Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS), com o intuito de alargar a produção realizada no interior do grupo de pesquisa LETAM (Laboratório de Estudos em Texto, Argumentação e Memória), liderado por nossa orientadora, Geralda Oliveira dos Santos Lima.

## **2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL: LEMBRANÇAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDA**

A tradição ocidental, desde a *Teogonia* de Hesíodo e o *Deuteronômio*, tem reconhecido a importância central da memória para a civilização humana. As formas de conservação do conhecimento e manutenção das instituições são orientadas de maneira diferentes para cada sociedade, dispondo de um leque de rituais, símbolos, epopeias, escrituras sagradas, historiografia, códigos legais, etc., significativos para a sociedade. A memória *stricto sensu* e a história começam a se estabilizar nas sociedades modernas, como campos distintos (GALLE; SCHIMDT, 2010).

A historiografia é que começa a monopolizar a determinação e a interpretação dos acontecimentos do passado, tidos como relevantes. Reagindo à hegemonia da institucionalização da historiografia como disciplina científica de referência para o século XIX, começou-se a tentativa de colocar a memória como destaque de uma função distinta, relacionada aos processos vitais e à experiência humana. Nesse contexto, diante de tantas outras interpretações sobre o “valor” da memória em detrimento à história, Halbwachs (1990) percebeu o significado da memória atribuído a um grupo social (GALLE; SCHIMDT, 2010).

A memória coletiva, por desempenhar um papel central na constituição de ordens políticas, sistemas jurídicos e identidades nacionais, está sujeita à política da memória e às lutas entre diversos atores sociais. As representações culturais das artes e da literatura participam desse processo afirmando ou contestando a política da memória dominante na sociedade, e essas intervenções geram um significativo potencial para mudanças e revisões (GALLE; SCHIMDT, 2010).

O estudo da memória, segundo esses autores, criou uma nova maneira de conscientizar o indivíduo sobre a não objetividade dos historiadores, pois seus pontos de vista partidários eram colocados na escrita em função da sua sociedade, da sua classe, da sua dinastia. Assim, a história está dentro do processo em que as sociedades representam seu passado: a memória. Nesse entendimento, a história está “sujeitada” aos processos sociais da memória e não é mais vista como fonte única e verdadeira de todas as versões que contam o funcionamento da humanidade, a partir de uma aderência à seletividade do arquivo nacional, de guardar aquilo que é importante apenas para alguns grupos. Por isso que se faz importante estabelecer as relações entre a memória coletiva e a história oficial na busca de explicar os caminhos estabelecidos para as duas.

## 2.1 Memória coletiva e história oficial

Para os antigos gregos, a memória era tida como algo sobrenatural que precisava ser exercitada. A deusa Mnemosine<sup>1</sup> possibilitava aos poetas se lembrar do passado e transmiti-lo aos mortais, além de reservar lembranças do seu papel social em um dado grupo. Os poetas resgatam o que é importante do esquecimento, como uma espécie de memória viva do seu grupo (VERNANT, 2001).

Segundo Yates (2008), para os romanos, a memória está relacionada à arte retórica, por ser destinada a convencer e emocionar os ouvintes por meio do uso da linguagem, o orador não recorria a registros escritos. No período medieval, a memória litúrgica ligada à memória dos santos ganha destaque, visto que o cristianismo e o judaísmo pautam o presente pela rememoração dos acontecimentos e milagres do passado. O tempo é marcado por comemorações litúrgicas, louvam-se santos e mártires, seus milagres são lembrados em datas precisas.

As relações e as distâncias entre a memória e a história sempre foram frutos de estudos e crenças direcionados a perceber a relevância de cada uma para as subjetividades de um povo. A memória em algumas sociedades representa um papel crucial para o seu desenvolvimento, no entanto, nos diversos contextos de representação social estava esquecida em detrimento dos registros escritos, porém, ao ser vista como forma de representar um passado da história humana orientada pelo indivíduo, as possibilidades de lembrar o passado de acordo com a história de vida de cada um e/ou do grupo social ao qual pertence foram, cada vez mais, trabalhadas do século XX para cá, a memória se converteu em objeto de estudo de várias disciplinas científicas.

Rouso (2005) diz que a memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. Conforme o ponto de vista desse memorialista, a construção psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um dado contexto social. Uma reconstrução do passado feita pelo indivíduo, mas que não fica só numa história de vida dele e que também faz parte dos contextos diversos em que está inserido.

Para Bosi (2003, p. 15), é a partir da memória oral que se é possível constituir a crônica do cotidiano, é na memória que os detalhes são revelados, “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. É nesse ponto que a memória se mostra importante

---

<sup>1</sup>A *deusa* que personificava a memória.

na ilustração da construção de uma história, os detalhes vividos e recordados que possibilitam evidenciar episódios que se tornam desnecessários em documentos oficiais. Como nestes depoimentos<sup>2</sup> a seguir, que comprovam essa teoria, ao falarem sobre os detalhes da rede velha, rasgada, da rede estancada de aragu, do peixe que pulava dentro da canoa, do banho que o pescador tomou por conta de um peixe, da profundidade do rio, entre outros, revelam momentos guardados na memória do grupo que não se apoiam em documentos oficiais:

- (1) Eu lembro de um pescador que ia com meu irmão pescar, nós pegávamos muito no rio, na beira das croas *pilombeta*, rapidinho nós pegávamos um balaio cheio de *pilombeta*, a gente ia com uma rede velha mesmo, rasgada. Era tempo de fartura, hoje, pra pegar uma *pilombeta* só se for lá pra baixo porque aqui em Gararu é difícil (Inf. 05).
- (2) Tinha época de *aragu* também que eu pesquei, também nós demos um lanço uma vez que a rede estacou daqui pra aquele pau, tirava de balaio, tirava uns dez balaio de *aragu*, era uma coisa (Inf. 10).
- (3) Eu já cansei de ver a gente vim remando numa canoa, pegar uma ponta d'água, a canoa parar e a *tubarana* vir, pulava dentro da canoa e isso ela ficava pulava, pulava, caía na canoa, às vezes ela batia nos peitos, a gente caía n'água, não morria não, subia de novo, isso aí eu cansei de ver, elas pularem, aí ela se bate depois pula né, quem tá aperreado no beijo d'água não vai soltar a canoa pra depois pegar ela né. Já alcancei tempo da gente botar uma ingarea na rede, a gente botava um remo na proa do barco, outro no lugar do pano do meio do pano né, passar uma rede de travessa e sair subindo, beirando o rio, daqui acolá batendo o remo nas pedras, o peixe vinha, pulava, batia na rede e caía dentro do barco, colocava uns galho de pau em cima do barco né, o ramo, quando ela batia dentro do barco e caía aí ficava debaixo do ramo, ela não pulava mais né, cansamos de fazer isso (Inf. 02).
- (4) Uma vez eu mais César pegou um *tambaqui* né, a gente riu pouco com isso, porque ele molhava ele todo, ia embarcar, ele tomou um banho todo com o movimento desse peixe (Inf. 04).

---

<sup>2</sup> A transcrição dos depoimentos/relatos foi feita respeitando a ortografia formal, embora as marcas de oralidade foram mantidas.

- (5) Tinha um tempo tão fundo que nós soltávamos a caceia e não sabia nem a fundura, hoje em dia você vê lugar que você pescava bem fundão, hoje tá tão raso no mundo que você atravessa de pé mesmo, sem embarcação, tem lugar que não passa embarcação, antigamente passava lancha e tudo, tinha as lanchas grande (Inf. 08).

Bosi (2003, p. 15) afirma que por haver instituições formais que medeiam os constituintes da cultura, a memória dos velhos é vista como uma intermediária informal da cultura e que “faz intervir pontos de vistas contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí é que se encontra sua maior riqueza”. As contradições dos diversos pontos de vistas percebidos na memória dos velhos são entendidas como enriquecedoras, o que as fazem ainda mais se tornar importantes. Por isso, é que a memória baseia-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, enquanto a história apenas nas continuidades temporais, nas evoluções e nas relações entre as coisas.

No interior dessa abordagem, vemos que do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade. A autora coloca que nem sempre haverá autenticidade nas testemunhas orais em relação a versão oficial, pois se a memória individual de um recordador tiver sido dominada pela estereotipia de uma ideologia já construída na memória coletiva haverá desvios, preconceitos, inautenticidades que servem ao poder que a transmite e a difunde. A memória não escolhe os acontecimentos no espaço e no tempo de forma aleatória, mas, sim, porque se relacionam através de índices comuns, assim acontece quando incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003). Como a importância do que representava o rio cheio para esses pescadores.

- (6) É muita lembrança o rio cheio, riacho cheio, hoje em dia até o riacho tá seco, essa é uma verdade, não era como antes né, muito triste mesmo (Inf. 06).
- (7) O rio de antes era diferente né, agora tá tudo acabado, tudo aterrado, tudo cheio de mato, croa pra todo lado, é tudo seco e os pescadores só sofrendo. A pessoa vai passar com a embarcação é tudo pregando, antigamente ele não ficava nessa situação, tinha uma época que ele vazava, mas não era assim, era natural, na outra época recuperava, mas agora não (Inf. 01)
- (8) O rio de antes era muito diferente né, era aquele cheio, tinham as enchentes, os peixes enchiam as lagoas, os peixes ia tudo pra lagoa, desovavam, a produção de peixe era outra né (Inf. 04).

- (9) Tá tudo diferente nosso rio, antigamente tinha muita água, de novembro pra dezembro soltava água, enchia essas lagoas (Inf. 07).

Para Bosi (2003), no estudo feito por Bergson as memórias são “as lembranças que estão na cola das percepções atuais, ‘como a sombra junto ao corpo’. A memória seria o ‘lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas’”. Ela explica que:

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se compõe da totalidade da nossa experiência adquirida (BOSI, 2003, p. 37).

No processo de socialização tem lugar a *memória-hábito*, repetição do mesmo esforço, adestramento cultural. No outro pólo, a *lembrança pura* traz à tona da consciência um momento único, singular, irreversível da vida. Dessa maneira, a memória é entendida como atividade do espírito, não repositório de lembranças, para Bergson, “a conservação do espírito pelo espírito” (BOSI, 2003, p.52).

Para a autora, a memória é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, e o tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo em cada sociedade diferente para cada classe e cada pessoa (BOSI, 2003). É como observar a relação que esses pescadores têm com o rio de quando começaram a pescar.

- (10) O rio quase que não tem o que falar muito, porque alcancei cheio, topei ele cheio, mas quando comecei mesmo a pescar ele já tava assim: secava, enchia (Inf. 11).
- (11) Quando eu pescava tinha muito peixe, hoje em dia não tem mais né, o rio enchia e vazava e tinha a desova pra o peixe se criar né, e hoje em dia não tem mais nada né, hoje você vai pra o rio não arruma nem o que assar (Inf. 010). De primeiro a gente via né, no rio sempre teve ilha, croa, mas sempre teve o canal fundo, andava uma lancha, andava uma canoa e hoje não tem mais, devido ao rio tá seco (Inf. 2).
- (12) Eu gostava de tá pescando né, hoje é mais difícil porque o rio secou, você vai hoje pescar e quando volta, volta com a mão abanando e a rede nas mãos, peixe que é bom nada (Inf. 04).

- (13) O rio era cheio né, não era cheio de ilha como hoje, de banco de areia, tinha os canais, hoje nem as navegações grandes não viajam mais por falta de água, tudo é baixo né (Inf. 01).

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-7).

Bergson (1999 *apud* BOSI, 1994) também chama a atenção para a conservação do passado que não se dá somente pelo presente sob formas de lembranças, mas também em estado inconsciente. Para ele, a lembrança antes de ser atualizada pelo consciente “vive” em estado latente, o “inconsciente”. Nos estudos desse autor não há um tratamento da memória como fenômeno social, já que ele defronta a subjetividade pura (o espírito) filiando à memória e a pura exterioridade (a matéria) à percepção, desse modo não há uma tematização do sujeito. Já o memorialista Halbwachs, em 1990, o faz, pois denomina seus estudos como “quadros sociais da memória”. Para ele, “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (HALBWACHS, 2006, p. 55).

As lembranças bergsonianas, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seriam possíveis no caso em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Por essa via, Halbwachs, em 1994, “amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (BOSI, 1994, p.55). Para Bosi (1994), um dos elementos mais importantes que afirma o caráter social da memória é a linguagem, na medida em que as convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro mais elementar e mais estável da memória coletiva, nesse sentido, a linguagem torna-se o instrumento socializador da memória. Ainda, segundo essa autora, cada geração tem de sua cidade a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. É o caso do depoimento, a seguir, de como fazia o pescador para conservar a produção do peixe:

- (14) Eu mesmo gostava de pescar *piaba*, pescava muita *piaba*, subia aí pra cima, a embarcação vinha rasa, nesse tempo não tinha gelo, nós salgávamos, não levava gelo de caixa, nós levávamos uns tanque de cimento que fazia, comprava, depois apareceu umas borrachas grandes, pegava oitenta quilos, largava sal tirava o fato todinho daquele peixe. Hoje é você pegando um botando dentro da caixa né, chegar em casa pode tirar o fato, pronto! tá bonzinho, somente o que resta é a saudade, quando a gente chega nessa idade não pode mais pescar né, fico com saudade do rio, da fartura (Inf. 10).

Bosi (1994) evidenciou a mudança de versões do mesmo relato com sujeitos que o reproduziam, no caso em que o sujeito viu, houve sempre um encontro face a face com o objeto original. Quando ele ouve falar, a desfiguração é mais rápida, porque se um membro da série cai num erro de identificação, esse se acentua à medida que se difunde. Nesse trecho, os informantes (02) e (08) contam um acontecimento dito por outra(s) pessoa(s), em que ouviram falar, ou seja, não houve um encontro face a face, daí a difusão de um acontecimento pode ser repassado como erro, caso seja comparada com outra versão:

- (15) Nós já tivemos épocas boas que eu não pescava, na época né, mas a gente via esperar o *aragu* né e desapareceu, que nem teve época aqui, um rapaz ali das Intãs que nem o velho João Guarú estava dizendo, tinha umas oito canoa esperando a *pilombeta* né, encarou, jogou a tarrafa e pegou, disse que os outros todinho jogaram, mas não pegaram, mas um só que jogou pegou dez mil *pilombetas*. Veja só: dez mil *pilombetas*, foi fazer a conta oitenta a cem quilo no lanço, também só pegou um, estava só naquele lugar, jogou a tarrafa, estava tudo juntas, isso já foi visto no nosso rio (Inf. 02).
- (16) [...] subiu até navio, não era da minha época, mas eu lembro o povo mais velho falar hoje em dia tem lugar de você passar do meio do rio pra o outro lado, que era o lugar mais fundo, tá aterrado, você passa de pé que não molha nem a bermuda (Inf. 08).

Para Halbwachs (2006), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. É a partir de seus estudos que começa a se pensar em uma dimensão da memória que não fica presa ao plano individual, pois as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma

lembrança pode existir fora de um contexto social. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais. São eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. Assim se posiciona:

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Relacionar memória e identidade estabelece uma associação entre memória e tradição, nesse sentido, a memória por estar ligada ao grupo é recordada por laços sociais importantes naquela relação, já que não se trata de uma memória vivenciada no passado e lá mesmo concluída, mas sim de uma memória viva nos grupos do presente. Portanto, a memória quando ainda existe significa que os laços sociais ainda são fortes e importantes, mas quando não existe mais, o próprio grupo deixou de existir, o que por outro lado, diferencia da história no momento em que para ela não interessa se o fato é rememorado no grupo presente, mas sim o registro escrito dos acontecimentos que são importantes para diferentes gerações.

Desse modo, Halbwachs (2006) diz que a memória constitui particularidades ligadas a grupos diferentes. A multiplicidade da memória é evidenciada nos grupos, enquanto que a história estabelece uma visão externa e racional, vinculada a uma universalidade desconhecida na esfera subjetiva. Dessa maneira, a história se faz necessária quando não há mais a memória-tradição.

Ao longo das obras de Halbwachs, sobressai a noção de que a memória consistiria num fenômeno eminentemente coletivo. Ou seja, ao invés de ser um fato puramente individual – como era defendido pela filosofia, pela psicologia e pelo senso comum da época –, a memória seria uma construção social, constituindo-se a partir das relações mantidas entre os indivíduos e grupos. Essa é a tese central de Halbwachs, para quem a memória tampouco poderia ser concebida como um fenômeno puramente biológico, ou como uma mera reação fisiológica. A caracterização da memória como um fenômeno coletivo segue, portanto, a mesma fórmula tradicional que opõe a constituição do social aos planos do indivíduo e da natureza – fórmula que sustentou a especificidade da sociologia, num primeiro momento de sua formação (RIOS, 2013, p. 4).

Nessa abordagem, o indivíduo isolado do grupo é incapaz de sustentar por muito tempo uma lembrança. A necessidade de testemunhos para alimentá-la afirma o caráter coletivo, mesmo sendo o indivíduo que a recorde, pois só é possível recordar dentro de um grupo social. A construção e o acesso a lembranças não dependem de um único ser, por isso, conceber a memória como *status* biológico e/ou fisiológico foge do plano social, relação estabelecida entre indivíduos dentro de um grupo (RIOS, 2013). Desse modo, Halbwachs (2006) explica que:

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p.30).

Sendo assim, a memória coletiva engloba a memória do grupo portadora das relações que constroem as lembranças dos indivíduos dentro do próprio grupo, identificada e concordada por cada membro. É no ambiente dessas relações que as lembranças são construídas e estão cheias das memórias dos que nos cercam. “O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p.72), ainda que não se possa estar presente neste, em um dado momento, pois a maneira de perceber a constituição das lembranças a partir de experiências são possibilitadas pela memória do grupo. Conforme o memorialista, o tempo é visto como recuperação, uma recordação de um período, não se limitando à exatidão do dia em que ocorreu o fato lembrado. Para a recorrência dessa memória, muitas vezes, se faz necessário voltar ao momento do fato ocorrido, o que faz com que aos poucos a lembrança seja rememorada. A identificação de um contexto temporal particulariza aquele acontecimento diante de muitos outros por meio de vestígios. O fato de antes o rio estar muito cheio e hoje estar muito seco é identificado pelo Informante (08) pelo acontecimento de que no contexto temporal atual a bermuda não é mais molhada quando passa pelo rio:

- (17) porque a diferença que o rio era daquele tempo pra hoje tá uma diferença tão grande, chegar no rio e diz assim: eita! aqui foi o rio nós pescamos? Tinha um tempo tão fundo, que nós soltávamos a caceia e não sabia nem a fundura, hoje em

dia, você vê lugar que você pescava bem fundo, hoje tá tão raso no mundo, que você atravessa de pé mesmo, sem embarcação, tem lugar que não passa embarcação, antigamente passava lancha e tudo, tinha as lanchas grandes, subiu até navio, não era da minha época, mas eu lembro o povo mais velho falar, hoje em dia tem lugar de você passar do meio do rio pra o outro lado que era o lugar mais fundo, tá aterrado, você passa de pé que não molha nem a bermuda (Inf 08).

Em Pimenta (2012, p.48), “a memória é, assim como a representação social, uma construção presente com base na compreensão, nas leituras e reproduções que realizamos hoje das experiências, tradições ou quadros sociais passados”. A constituição da memória envolve experiências vividas, como também, as que são herdadas, aprendidas de outras gerações, transmitidas das tradições aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização.

Segundo Pollak (1992), o indivíduo possui lembranças, capazes de formar e acessar memórias na construção das recordações dos grupos. Nesse sentido, esse indivíduo consegue administrar a construção das suas próprias recordações, selecionando as influências que recebe. Desse modo, por mais que as lembranças dos indivíduos e dos grupos estejam organizadas em torno de pontos mais ou menos estáveis, ordenando as suas representações, o poder dos indivíduos se faz pertinente e, assim, deve também ser considerado. É como o informante (11) fala sobre quando começou a pescar o rio já era seco, embora hoje esteja mais seco ainda, nos outros relatos verificamos que desde quando os pescadores começaram a pescar o rio era cheio, nesse contraponto, percebemos o poder do indivíduo sobre a ordenação da representação da memória:

- (18) Fácil não era não encontrar peixe no rio, eu quando comecei, pescava mais *camarão*, o *camarão* era bom. Peixe era *piau* mais, *piau*, *bambá* às vezes pegava, era difícil pegar o *bambá*, mas às vezes pegava, agora mais mesmo era *piau*, quando eu comecei já era seco, desde quinze anos que já pescava, já estava secando nesse tempo, ainda enchia, ainda peguei uns tempos cheios ainda, depois secava e agora nunca mais encheu mesmo, tá seco direto agora (Inf. 11).

Assim, esse autor constitui o conceito de memória relacionando-o ao de identidade como construção social, e não tomados como essência. Do mesmo modo, se concebe a noção de *ethos discurso*, que será mais detalhada na próxima seção. Essa noção estabelece um saber extradiscursivo em que se considera a imagem que o enunciador constrói de si

no discurso influenciado pela construção discursiva, o imaginário social e a autoridade institucional, nos termos de Amossy (2016). A memória é uma construção do passado realizada a partir de interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Então, vai ser sempre mutável, na medida em que o processo de reinterpretação pode ser alvo de mudança, conforme as circunstâncias às quais a memória vai estar exposta. Memória esta que pode variar, mas deve prevalecer um tipo de consonância das novas representações com as que já havia no passado. De igual maneira que a memória pode variar conforme o processo de reinterpretação devido a mudanças na sociedade, o *ethos* varia, também, conforme estabelece uma imagem prévia do *pathos* e a ela se adapta, bem como às situações comunicativas.

Para Halbwachs (2006), a influência dos *quadros sociais da memória* sobre a formação das lembranças dos indivíduos serve como pontos referenciais que organizam as memórias dos grupos – e dos indivíduos, enquanto membros dos grupos –, conferindo uma representação coletiva estável e coerente. A memória contribui para a formação de identidades, na medida em que os grupos se constituem como *comunidades de sentimentos*.

Essa ideia de comunidades de sentimento é refletida como uma forma dos indivíduos aderirem aos grupos e às representações coletivas no plano afetivo. Essa visão, para Pollak (1992), mascara os processos de coerção e dominação que estão relacionados à formação das memórias. Segundo ele, a homogeneidade de um grupo, vista por Halbwachs como sinal de funcionalidade, só pode ser entendida como o resultado da hegemonia de um segmento mais poderoso sobre os demais. Sarlo (2007) reconhece a importância da memória e do testemunho como fontes de conhecimento para os estudos históricos, porém contesta os exageros ligados à subjetividade, o que faz assumir uma posição de fontes indubitáveis e infalíveis na recordação do passado, como se fossem mais reais e verdadeiras que as demais.

Por reconhecer uma valorização exagerada da subjetividade, Sarlo (2007) entende que a memória e toda experiência tida como puramente subjetiva apresenta um caráter discursivo, as lembranças só se constituem quando narradas, organizadas a partir dos acontecimentos da vida pessoal em torno de princípios bem definidos, e elas conferem um sentido socialmente inteligível às trajetórias individuais, o que transcende o indivíduo. Desse modo, não há uma experiência pura, verdadeira e plena que se deixe expressar por inteiro através dos testemunhos individuais, nem uma relação de identidade entre o relato e a experiência, assim como não existe uma relação referencial entre as palavras e as

coisas. Por mais que as memórias e relatos pessoais sejam importantes, não são o único caminho que nos leva ao passado, tampouco o mais confiável.

Para Lisboa (2010), o conceito de *lugares de memória* elaborado por Pierre Nora (1993) é resultado de um descaso da historiografia com a memória coletiva, pois esta é muito importante na construção das identidades dos grupos e das nações. Também ressalta a importância desse conceito para a contribuição de problematizações ligadas às transformações das concepções de passado e futuro de sociedade e nações, que pareciam estar sem respostas, além da falta de problematização de memórias e de esquecimentos como formadores de uma identidade nacional. Nora (1993) tinha como desafio resgatar a memória francesa a partir desses lugares onde se condensavam as memórias da nação.

O conceito de *lugares de memória* sintetiza as relações entre história e memória, de modo que apresenta as peculiaridades entre esses dois fenômenos.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientes de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal [...] (NORA, 1993, p. 9).

A partir do posicionamento desse autor, a descrição feita à memória em oposição à história evidencia um caráter subjetivo, dependente dos grupos para a sua atualização, ancorada no que se fez importante às particularidades que os confortam, diferente da história, que não busca descrever a subjetividade, mas apresentar um ponto de vista crítico de caráter universal.

Como explicita Lisboa (2010), no estudo que fez da obra de Nora (1984), o estudo dos *lugares de memória* se encontra no cruzamento da memória com a história, esses lugares nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea, manter

aniversários, organizar celebrações, pronunciar necrológios, lavrar atas e etc... São entendidas pelo historiador como operações nada naturais e espontâneas. São atos complexos, na medida em que coexistem nas dimensões material, simbólica e funcional, como um minuto de silêncio que tem sua materialidade enquanto recorte de uma unidade temporal e possui extremo significado simbólico e serve como uma evocação concentrada de lembranças. No próximo subtópico, veremos as relações entre a história oral e a memória, de maneira que ressaltemos as importâncias na representação dos fatos.

## **2.2 História oral e memória**

Montenegro (2010) defende o estudo da cultura popular como fonte oral frente à questão da elite – apontada para o próprio exercício da dominação econômica, política e cultural que se situa em um quadro de tensão permanente –, contudo, não a coloca como totalidade em oposição à cultura dominante, nem como dominada, nem como reduzida a um quadro simbólico. Para o autor, a cultura popular se distingue da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência presentes nos depoimentos, por isso, a relação memória popular/história oral é importante, pois na história oral o importante são os caminhos que a memória cultural (re)constrói como parte da consciência contemporânea, não, necessariamente, os fatos acerca do passado.

Apesar de Halbwachs (2006) estabelecer uma distinção entre memória e história concordável, pois o vivido em nossas lembranças, que se circunscreve ao campo da memória, pode se distinguir da história, o autor apresenta, em contrapartida, uma posição frontalmente contra trabalhar a memória como documento histórico, o que distancia essa perspectiva do que vem sendo desenvolvido pela pesquisa histórica. Memória e história não são separáveis, já que “a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro” (MONTENEGRO, 2010. p. 17), estabelecendo pontes entre ambas. Dentro dessa perspectiva dos estudos de Montenegro (2010), que estabelece pontes entre a memória e o documento histórico, exemplificamos as memórias sobre a produção do arroz que se constituiu uma das fontes de renda para os gararuenses por muito tempo:

- (19) Era grande produtora de arroz e essas lagoas com a cheias do rio, com a água barrenta, ela ficava cheia de água, abria a porta d’água quando enchia fechava com as tábuas pra plantar arroz, nessa época mesmo agora era a época do corte do arroz, estava

cortando arroz e a palha do arroz servia para a ração de animal de gado, ovelha, cavalo e de todos os tipos de animais (Inf. 01).

- (20) Da quantidade de pessoas que trabalhavam comigo dependia, quando era a lagoa, eu fui comprando, aí aumentou o terreno, passou pra umas trinta e tanta tarefas por quarenta, agora a plantação de arroz dava umas trinta tarefas, aí eu tinha seis meeiros que plantava, era de meia o arroz, eu dava a sementeira pronta, a planta como chama, só vir arrancar e plantar, era uns oito meeiros que eu tinha e o arroz era dividido ao meio, se um meeiro duas tarefas, dava quatro alqueire dois era meu, dois era dele, quem tinha mais área de cinco tarefas de plantação eu tinha metade do arroz, se desse quarenta alqueire tinha vinte (Inf 12).

Le Goff, citado por Montenegro (2010), estudou a relação dos pais com a construção de sua consciência histórica. A abordagem de Le Goff manteve uma significativa intersecção entre memória e história, apesar de distintas, no escopo desse estudo é possível entender que a memória contém elementos básicos para a construção de uma concepção histórica. Para esse historiador, por meio das memórias dos pais, pode-se edificar o sentido de duração, de continuidade histórica e, ao mesmo tempo, de rupturas. Dessa maneira, o autor mostra a relação da memória e da história como intrínseca uma a outra.

Paul Thompson, referenciado, também por Montenegro (2010), em um dos seus estudos na Inglaterra, no século XX, documenta, a partir de entrevistas, transformações políticas, sociais e econômicas da sociedade inglesa à época. Além de depoimentos orais, esse sociólogo analisa fontes impressas, que não apresentaram nenhum problema intrínseco relacionado a evidências retrospectivas existentes também nos depoimentos. Por outro lado, reconhece a memória coletiva numa dimensão individual ou mesmo singular, resultante de uma elaboração subjetiva, distinguindo-a da história de maneira bastante específica. Enquanto a memória coletiva representa os fatos, as situações, os acontecimentos, reelaborando-os constantemente, numa dimensão inconsciente e subjetiva, a história dimensiona o fato, o acontecido, o acontecimento em sintonia com o que foi estabelecido no momento em que foi ocorrido, não opera no imaginário ou no comportamento social como elemento fundante.

“A história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado *para e pela* sociedade, em algum momento, em algum lugar” (MONTENEGRO, 2010, p. 19) e, embora esse fato evidente se apresente distinto do que foi vivido “o processo de

construção ou de produção opera em uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória – como um elemento permanente vivo -, atende a um processo de mudança ou conservação” (MONTENEGRO, 2010, p.19). Nesse sentido, a memória caracteriza o resultado do impacto que a realidade provocou no sujeito.

Weiduschadt e Fischer (2009), ao proporem uma discussão sobre questões de ordem teórico-metodológica direcionada a uma nova história e história oral, mais precisamente, a história de vida, procuram discutir problemáticas acerca da memória e da história oral, que muitas vezes produzem críticas severas, consideradas na análise investigativa, que invalida a qualidade dos depoimentos, por isso é preciso saber lidar de forma adequada com determinadas metodologias de história oral. Uma preocupação que diz respeito a esse debate é saber lidar com realidade-ficção, ao tentar reconstruir o passado, o pesquisador tenta escrever uma história, reconstituindo um passado que omite partes, extrapola fatos, ou mesmo corta fragmentos de um todo maior, o que acarreta em não estar, necessariamente, reproduzindo acontecimentos com fidedignidade. Para Weiduschadt e Fischer (2009), não se pode negar uma similaridade entre narrativas de base historiográfica e as de base literária. Para se reconhecer tal diferença é preciso se direcionar para os aportes metodológicos, principalmente, o compromisso em lidar com as fontes, em aproximar-se ao máximo de uma verdade sobre a temática defendida.

As abordagens historiográficas, de acordo com Weiduschadt e Fischer (2009), estão sendo inscritas dentro do campo da nova história, o que implica na variação de posicionamentos e na oposição à chamada história tradicional. A história tradicional considera válidos somente documentos escritos, por eles serem creditados como neutros e objetivos, desqualificando outras fontes, como o caso dos depoimentos e também da arquitetura, enfatizados competitivamente pela nova história. Explicam, também, que a nova história trata de versões sobre os fatos, por isso é eliminada a possibilidade de selecionar uma metodologia (única) mais apropriada para descobrir a *verdadeira* história. Acontecimentos do passado são sempre vistos sob determinado ponto de vista do pesquisador, o que diferencia esse modelo de interpretações tradicionalmente predominantes na historiografia clássica tradicional, que enfatizava aspectos políticos, em sua maioria. Para historiadores da nova história interessa a atividade humana em sua totalidade de aspectos, para eles, “a realidade é social ou culturalmente construída” (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009, p. 69). Nos fragmentos a seguir, referentes ao início dos relatos de alguns pescadores, percebemos as histórias de vidas deles por meio das

quais justificam o porquê de serem pescadores, uma realidade construída culturalmente e socialmente, não se limitando a aspectos políticos:

(21) Eu nasci no beíço do rio, mas nunca fui pescador sabe, eu vivi, vamos dizer, trabalhando fora, mas aí quando foi no ano dois mil, eu desci pra Propriá, aí quando cheguei em Propriá, lugar ruim de se viver né, aí comecei a pescar né, em dois mil ... dois mil e quatro a gente arrumava um peixinho, aí foi mudando, mudando, foi sacrificando, cada vez ficando mais difícil, esse negócio de arpão judiou muita gente (Inf. 02).

(22) Meu pai era pescador há muito tempo né, aí como não tinha trabalho comecei a pescar também né, era uma maneira mais fácil de arrumar alguma coisinha, o peixe era farto, tinha muito peixe naquele tempo né, aí comecei a pescar né, que era uma maneira melhor de melhorar alguma coisa né (Inf. 04).

(23) Comecei a pescar desde eu pequeno né, eu já morava praticamente na beira do rio né, graças a Deus até hoje eu tenho meus pais, meu pai mesmo era pescador e eu comecei a pescar assim, vendo ele pescar, ia mais ele, ele ia pescar de tarrafa, de rede, o que fosse, eu saía mais ele né, aí pescava, eu ia com ele, o jeito que ele pescava eu aprendia (Inf. 08).

No interior dessa abordagem, a história de vida, metodologia de trabalho que ouve o depoimento do sujeito acerca de sua própria história ao longo dos anos através da memória, é uma adequada quanto à articulação da dimensão individual, em que a experiência de vida de determinada pessoa se relaciona aos fenômenos sociais mais amplos. Ao focalizar o indivíduo, é necessário redimensioná-lo em um contexto mais alargado, pois vai além do enfoque pessoal. Deve-se, também, insistir nas ligações conectas entre os fatos relatados e a situação social, econômica, cultural, as quais perpassam os indivíduos.

As pesquisadoras, Weiduschadt e Fischer (2009), ressaltam três aspectos fundamentais que ajudam a direcionar investigações em história de vida, que são: todo conhecimento será sempre parcial; a realidade é uma construção; a identidade é sempre um estado de processo. Neste último, o *ethos* dos pescadores se associa a imagens que podem variar devido à imagem que fazem do *pathos*, daí a identidade sempre passará por um processo. Nesse sentido, as autoras supracitadas explicam que “a utilização de

depoimentos ou relatos de alguém sobre si mesmo tem como objetivo menos a busca da verdade e muito mais a identificação das condições de possibilidades para que determinada narrativa possa emergir enquanto discurso” (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009, p.71). Essa ressalva se justifica por ser tomado o contrário em muitas abordagens que utilizam a história de vida como metodologia, e acabam favorecendo a crítica que fazem referências a esses exemplos como gerais.

Weiduschadt e Fischer (2009), concordando com Halbwachs (2006), discutem o motivo pelo qual a memória individual se assenta na memória coletiva, já que as lembranças e recordações vividas do grupo são construídas com base na memória, pois cada indivíduo tem uma singularidade, porém construída socialmente. Nesse sentido declaram que:

a memória coletiva, as recordações do grupo, marcam as lembranças individuais, uns e outros se auxiliam mutuamente neste processo. Em outras palavras, é necessário ter o grupo para reforçar e lembrar a recordação ou as práticas que os grupos tentam conservar. [...] A lembrança de qualquer pessoa vai estar ligada à construção histórica e à identificação com o grupo que a constituiu, pois as relações sociais e culturais dos grupos são marcantes na formação destas memórias coletivas. [...] É relevante pensar a história oral como uma metodologia que analisa os relatos dos depoentes e, ao mesmo tempo, leva em consideração as lembranças dos sujeitos pertencentes a um grupo social, já que eles se constituem com influências e marcas de sua pertença (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009, p.77-8).

Quando se pensa na categoria da memória, vale lembrar que os discursos produzidos pelos sujeitos que depõem são representações da realidade, intimamente ligada à história cultural, em que não há a necessidade de preocupação quanto ao caráter real das memórias, mas, sim, se conseguem apreender a representação da realidade, desse modo, a memória é constituída como uma representação, não um fato da realidade, ela não é pessoal, sempre estará inscrita num contexto social de várias vozes.

Nesta seção sobre memória, em que foram discutidos alguns pontos da teoria de Halbwachs (2006), assumimos que a memória é coletiva e social, pois os indivíduos recordam por pertencer a um grupo social e, por isso, vinculamos a memória à história oral, que se utiliza do verbal para recorrer ao passado. A metodologia da história de vida vinculada à história oral reforça o ponto crucial da memória coletiva, pois os relatos dos sujeitos são considerados dentro de contextos mais amplos como o social, o cultural e o histórico, dos quais participam. Nesse ponto, evidenciamos uma coerência argumentativa

desse grupo quando retrata seus pontos de vista sobre realidades que vivenciam e/ou vivenciaram relacionadas à memória do grupo.

Na seção que se segue, direcionaremos o trabalho no contexto das técnicas argumentativas, tendo em vista que o argumento pragmático é justificado por estar relacionado a constatações percebidas pelas pessoas que dão a ele credibilidade de verdade, assim como a memória é percebida dentro de uma representação social em que as crenças e vivências de um povo são tidas como verdadeiras. Esse tipo de argumento se relaciona com as experiências vividas, por isso, é possível inferir uma ligação com a memória. Direcionamos, também, a discussão para a noção de *ethos discursivo* relacionada à identidade de um grupo social.

### 3 NA DIREÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO

Neste capítulo, trazemos a definição de argumentação retórica, de acordo com os postulados teorizados por Aristóteles, atualizados e alargados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), como, por exemplo, a esquematização das técnicas argumentativas. Elegemos a técnica argumentativa do *argumento pragmático*, presente no *logos*, como estratégia na construção do *ethos discursivo* dos pescadores. Nesse sentido, buscamos também teorizar sobre o conceito de *ethos discursivo* estudado em Amossy (2016) e Maingueneau (2008; 2016), como aportes teóricos dessa dissertação.

#### 3.1 Postulado da Nova Retórica

A argumentação de Aristóteles destina-se a todos os discursos públicos, não só o do judiciário, na esfera do direito, ou da política. Quando se participa de situações polêmicas, as palavras são as armas mais eficazes para definir o justo e o injusto, o útil e o nocivo, o nobre e o desprezível, é seguindo tal pensamento que a retórica se apresenta indispensável e legítima. Para o filósofo citado, segundo Reboul (2004), o *ethos* é caracterizado como o caráter que o orador precisa assumir para que o auditório confie em seu discurso. Apesar da variação do perfil que o auditório pode ter – idade, competência, nível social –, o orador precisa de três condições mínimas para que seu discurso tenha credibilidade: (i) ser sensato, na medida em que será capaz de dar conselhos razoáveis e pertinentes; (ii) sincero, não dissimulará o que pensa; e (iii) simpático, estará disposto a ajudar o auditório. O *pathos* é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório através do seu discurso, o *logos* é a argumentação propriamente dita no discurso.

Os estudos da argumentação passam a ser desenvolvidos na Europa, depois da Segunda Guerra Mundial, e reconstruídos em um contexto ideológico que surge em plena guerra fria, visando à rejeição dos discursos totalitários nazistas e stalinistas em detrimento da construção de um discurso democrático racional. Essa nova função do *logos*, que suscita uma nova reflexão sobre o mesmo, é atravessada por um conceito autônomo da argumentação, pelo qual Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) são influenciados na construção do seu projeto (PLANTIN, 2008, p.20). Em 1958, com a publicação do *Tratado da Argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca refundaram o estudo da argumentação, atentando-se, principalmente, aos estudos das técnicas argumentativas. Nas palavras de Ferreira (2010, p.46):

A retórica contemporânea veio cheia de saúde: não mais pretende, ensinar a produzir textos, mas, sobretudo, objetiva oferecer caminhos para interpretar os discursos. Alargou-se e não se limita aos três gêneros oratórios, pois incorpora todas as formas modernas de discurso persuasivo. Apodera-se também das produções não-verbais e invade o cinema, o cartaz, a música, as artes, enfim. Por não serem normativas, as novas retóricas continuam suscitando comentários, discussões, argumentação. Enriquecem a visão de mundo, fomentam o diálogo, infiltram-se nos meios de comunicação, aproximam-se dos atores políticos, econômicos, sociais, que atuam no espaço público.

Para Ferreira (2010), somos seres retóricos, por nos valermos das palavras para exprimir crenças, valores, sentimentos, as tomamos como instrumento revelador de nossas impressões sobre o mundo, de nossos sentimentos, convicções, dúvidas, paixões e aspirações. Por meio do uso adequado dessas palavras, também, tentamos influenciar, orientar, excitar, acalmar pessoas, expor pensamentos, emocionar, incrementar ações, casar interesses e estabelecer acordos harmoniosos. Pela palavra também somos seres sociais, sujeitos ativos, que na interação e comunicação com o outro buscam construir seus textos/discursos<sup>3</sup> que serão compreendidos e interpretados pelos nossos interlocutores.

Assim, age-se retoricamente quando o orador vale-se do discurso para descrever, explicar, justificar a sua opinião com o objetivo do outro aceitar a sua posição. Nesse sentido, o orador é um influenciador e demonstra a realidade a partir de certos ângulos para ajustar seu interesse à realidade e à sensibilidade de quem o ouve. Desse modo, quando se defende uma ideia, utiliza-se da argumentação para que o ponto de vista possa ser explicitado dentro de um universo de significação, no qual a atividade discursiva justifica uma opinião, e serve, também, como prática social, pois se argumenta diante de uma questão polêmica e controversa.

Argumentar é o meio civilizado, educado e potente de construir um discurso que se insurja contra a força, a violência, o autoritarismo e se prove eficaz (persuasivo e convincente) numa situação de antagonismos declarados. Argumentar implica demonstrar ideias para clarear no espírito do outro nossa posição diante de um assunto polêmico (FERREIRA, 2010, p.14).

---

<sup>3</sup> O termo discurso, aqui, o tomamos como equivalente a texto, visto que estamos desenvolvendo nossa pesquisa na perspectiva da textualização do discurso; por isso, o uso da expressão texto/discurso.

Nesse espaço do dizer, em que a habilidade no manejo do discurso se impõe, de forma potencial, para que o orador consiga mover seu auditório a favor de suas causas, habita a retórica (FERREIRA, 2010). Diante de um tema polêmico, podemos observar como as opiniões, crenças, valores condicionam as relações políticas, econômicas e sociais, as quais fazem parte do discurso retórico.

Nesse ponto em que argumentação e retórica se relacionam para um mesmo objetivo, apesar de não partilharem de um mesmo significado, falar em argumentação retórica é compreender a retórica como arte de argumentar, assim como defende Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), é se posicionar defendendo uma ideia, com vistas a convencer/persuadir o outro pelo discurso.

O discurso persuasivo se fundamenta sob duas ordens distintas, relacionadas ao racional e ao afetivo, à razão e ao sentimento, na retórica, esses fenômenos são inseparáveis. A razão se consolida justamente pelos argumentos que se integram pelo raciocínio silogístico<sup>4</sup> e os que se fundamentam no exemplo, enquanto que os meios que dizem respeito à afetividade são o *ethos* e o *pathos*. O primeiro, o *ethos*, corresponde ao caráter do orador mostrado no discurso, necessário para se conquistar a confiança do auditório. Já o segundo, o *pathos*, concerne às emoções, aos desejos do auditório, do qual o orador pode se utilizar ao seu favor no discurso. É através da exploração da razão e da afetividade que os meios de persuasão se condicionam (REBOUL, 2004). A persuasão tem três finalidades distinguidas por Cícero: (i) *docere* (instruir, ensinar) é o lado argumentativo do discurso; (ii) *delectare* (agradar) é seu lado agradável, humorístico, etc. e (iii) *movere* (comover) é aquilo com que ele abala, impressiona o auditório.

Ferreira (2010) demonstra a relação entre os termos persuadir e convencer na retórica, como conceitos entrelaçados ao objetivo desta área, visto que razão e sentimento são fundamentais na intenção de persuadir o auditório diante de um tema polêmico. Ao persuadir, o orador leva alguém a aceitar um ponto de vista, utilizando as palavras de maneira habilidosa, não as impondo. O convencimento está contido, pois equivale a persuadir o outro por meio de provas e vencer o opositor com sua participação. Porém, faz uma distinção entre os termos. Para ele, *persuadir* significa mover pelo coração, pela exploração do lado emocional, coordenar o discurso por meio de apelos às paixões do outro e *convencer* significa mover pela razão, pela exposição de provas lógicas e coordenar o discurso por meio de apelos ligados ao campo da racionalidade. Segundo

---

<sup>4</sup> Silogismo é um modelo de raciocínio baseado na ideia da dedução, composto por duas premissas que geram uma conclusão.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.30), para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação.

Essa distinção entre *convencer* e *persuadir* também está relacionada aos tipos de auditório, que pode ser particular ou universal. Quando se tenta persuadir, o auditório é particular, pois há como conhecer melhor suas reações, ao contrário do quando se quer convencer, pois essa ação se relaciona ao auditório universal, construído pela humanidade inteira. Assim, a argumentação se constrói a partir daquilo que o orador acredita que o auditório deve concordar, uma vez que “[...] a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 21).

O auditório universal não se iguala ao particular, no sentido de que no particular o auditório é uma realidade, enquanto que no universal é um ideal e, por isso, é caracterizado como um truque retórico. “O orador sabe bem que está tratando com um auditório particular, mas faz um discurso que tenta superá-lo, dirigido a outros auditórios possíveis que estão além dele, considerando implicitamente todas as suas expectativas e todas as suas objeções” (REBOUL, 2004, p. 93-4).

Como vemos, o orador e o auditório são construções discursivas ativas que visam modificar e ser modificados pelo discurso. A ação que o orador quer exercer sobre seu auditório depende da interpretação que este faz do discurso, na qual estão em jogo valores e preferências diante do que se argumentou (ou argumenta). A persuasão é dependente da interpretação que o auditório faz do discurso do orador, discurso esse fundamentado no conhecimento que o orador tem de seu auditório.

O *ethos* retórico pode ser entendido como um conjunto de traços de caráter que o orador mostra ao auditório para causar uma boa impressão. Incluem-se nesses traços as atitudes, os costumes, a moralidade, elementos que aparecem à disposição do orador. As representações de mundo, a imagem prévia do locutor construída no imaginário social, a autoridade institucional angariada e a imagem de si projetada na construção discursiva que o auditório tem do orador são fatores que contribuem para a consolidação do *ethos*, a qual no ato retórico será confirmada ou não.

O orador competente, em princípio, exprime-se em consonância com as ideias do interlocutor, quer para concordar, quer para opor-se às teses do outro. Precisa também levar em conta o presente, o passado e o futuro da causa que defende, pois o auditório assume um papel

preponderante nas decisões e envolve, no decidir, múltiplos fatores de qualquer natureza, tais como a moral, os valores em vigor, o bom-senso, os interesses pessoais e de grupo, a intensidade das paixões, a capacidade de discernimento daquilo que, na situação proposta, é conveniente, justo, legal, útil, nocivo, vergonhoso ou honrável (FERREIRA, 2010, p.23).

O orador atua nas áreas de valores aceitáveis frente ao auditório, pois por intensificar paixões que sejam consideradas valorosas, o risco que se corre ao argumentar sobre o contrário, coloca sua imagem discursiva em cheque. “É, portanto, a noção de identidade que consolida o ato de adesão. São os estereótipos, os lugares-comuns que circulam em suas manifestações” (MOSCA, 2001, p.23). A identificação do que espera o auditório, por meio do compartilhamento de princípios e expectativas, é que possibilita a ativação das paixões.

Para Mosca (2001), os três elementos do discurso persuasivo se destinam a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e razão), posto que esse envolve disposição que o ouvinte confere dos que falam (*ethos*), promovendo a reação nos que ouvem (*pathos*) e irão figurar as definições posteriores e que compreendem o instruir (*docere*), comover (*movere*) e o agradar (*delectare*). A noção de que se pode referir àquele a quem se fala como um juiz é que caracteriza o caráter interativo e dialógico em que a Nova Retórica está inserida.

A Retórica se identifica com a teoria do discurso persuasivo, tanto para Aristóteles como para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Assim, retórica e argumentação representam uma ligação, na medida em que a argumentação pressupõe retórica e todo discurso é direcionado a um auditório. As novas retóricas “beberam” de muitos postulados da Retórica de Aristóteles, entrelaçando pontos que até hoje são mantidos. Nessa visada, Mosca (2001) fez uma lista desses pontos comuns, nos quais os postulados de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) estão inseridos:

- A finalidade prática. O exercício da argumentação no cotidiano.
- A concepção de discurso convincente. Argumentação/Persuasão.
- O mundo da opinião, a doxa. O conjunto das opiniões partilhadas.
- A presença do não-racional. O sentir, as categorias pulsionais, as paixões.
- A adequação ao público e suas características. O auditório contextualizado.
- A argumentação situada. Teorias do sujeito e procedimentos enunciativos.
- O bem público, o cidadão. O quadro social da argumentação.
- A existência de alguém que julga. Relações intersubjetivas. Lógica dos valores.

- O jogo de representações. Construção mútua dos sujeitos. Papéis sociais.
- Função persuasiva da figura. Papel relevante da metáfora (MOSCA, 2001, p.40-41).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), com a publicação do *Tratado da Argumentação*, vinculam-se à retórica e à dialética gregas e rompem com a concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes, considerada na primeira parte do discurso do método, no qual tudo que era apenas verossímil era, necessariamente, falso. Apesar da natureza do deliberar e do argumentar ser entendida como característica do ser racional, essa tradição negligenciava os estudos dos meios de provas para obter a adesão. A razão entendida por Descartes fazia adoção única do cartesianismo como meio de produção do saber, considerando racionais apenas provas apodíticas<sup>5</sup>, a evidência dos axiomas a todos os teoremas, o que contradiz àquilo a que se propõem os reinventores da retórica, pois consideram que “o campo da argumentação é do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.1).

Com a nova retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), criticam a característica da razão vinculada à ideia de evidência, em que toda mente normal tomaria como sinal de verdade aquilo que se impõe por ser evidente, ligando o psicológico ao lógico, que poderia passar de um plano ao outro, e que toda prova se reduziria à evidência, tudo que fosse evidente não precisaria de prova. Concordando com Leibniz, que não admitiu que o evidente não dispensava provas e que a argumentação não poderia ser desenvolvida com a redução das provas à evidência. Desse modo, o objeto da nova retórica é “o estudo das técnicas argumentativas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.4).

Ao mesmo tempo em que se relaciona o tratado da argumentação com as preocupações do Renascimento, que estudaram a técnica de persuadir e convencer, apresentam uma nova retórica, de base aristotélica, que visa reviver uma tradição. Apesar de considerar a dialética, como propunha Aristóteles, a arte de raciocinar a partir de opiniões geralmente aceitas, preferem se aproximar da retórica. Isso se dá, principalmente, porque a dialética apoia as teses no estatuto do opinável como impessoal e não relativas aos espíritos que elas aderem. A retórica antiga, ao contrário, tinha por

---

<sup>5</sup> Parte da lógica que tem por objeto a demonstração.

essencial a adesão dos espíritos aos quais os discursos se dirigiam. Assim, essa teoria enfatiza que “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.6).

Com a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, ampliam-se os limites da retórica antiga. A retórica já não é mais compreendida como gênero apenas oral, nem o auditório como multidão reunida na praça, como era entendido na retórica tradicional, que referenciava a arte de falar em público de modo persuasivo, como seu objeto de estudo. O conceito de auditório é conservado da retórica tradicional, de modo que persiste a ideia de que esse é invocado assim que se pensa num discurso. Procura-se mostrar, ainda, que “as mesmas técnicas de argumentação se encontram em todos os níveis, tanto no da discussão ao redor da mesa familiar como no do debate num meio muito especializado” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.8). Para eles, se a qualidade dos espíritos adere a certos argumentos garantindo seu valor num nível mais especulativo, os níveis menos especulativos utilizados nas discussões cotidianas explicam porque e como se chega a compreendê-los.

Para explicarem a argumentação, os autores supracitados a contrapõe a demonstração. Na demonstração de uma proposição, não interessa de onde vem os elementos fornecidos dentro de uma sequência dedutiva para construir os sistemas axiomáticos a partir dos quais se efetua a demonstração. Já na argumentação, pelo contrário, por se tratar de influenciar a intensidade da adesão dos espíritos de um auditório por meio do discurso persuasivo, não se pode considerar irrelevante as condições psíquicas e sociais para o efeito da argumentação. Para eles, “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.16).

Nesse sentido, o alargamento da razão se fundamenta da ação ao pensamento, e não o contrário, pois se firma nos valores, nas preferências, determinados por práticas de seres situados, históricos, enraizados, contextualizados, que diante do discurso do orador, avalia o que se argumentou. São argumentos partidos de lugares comuns (*doxa*), ideias partilhadas, suscetíveis a discordâncias. Fundados sobre o verossímil, ou seja, buscam convencer seu auditório por meio da negociação, destacando a dimensão intersubjetiva do discurso, como concepta Mosca (2001, p. 297):

O terreno da argumentação parte dos lugares-comuns, das ideias partilhadas, enfim, da doxa, mas o seu campo específico não é o das

certezas, e sim do que é suscetível de discordância, visto abarcar a diversidade de opinião e o dissenso, em torno do objeto de discussão.

Para que uma argumentação seja aceita é preciso que seu ponto de partida e seu desenvolvimento estejam em acordo com o auditório. Aquilo que é admitido pelo auditório é o que se será versado na argumentação, caso contrário, o auditório pode recusar e contrariar a eficácia da argumentação em sua intensidade de obter a adesão de espíritos. Diante disso, o ponto de partida diz respeito a uma preparação de raciocínios utilizados de maneira persuasiva, pois na introdução dos elementos a própria escolha das premissas e sua formulação são revestidas de valor argumentativo.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) agrupam os objetos dos acordos que servem de premissas em duas grandes categorias, uma relativa ao *real* e outra ao *preferível*. Para a primeira categoria, eles a dividem em fatos, verdades e presunções e a segunda categoria, em valores, hierarquias e lugares do preferível. Colocam que tudo que versa sobre o real procura uma validade do auditório universal, em contrapartida, tudo que versa sobre o preferível é ligado a um ponto de vista determinado apenas identificado num auditório particular.

Os fatos, na argumentação, são caracterizados por se ligarem a uma realidade objetiva e, por serem comuns a vários seres pensantes, podem ser comuns a todos. Caracterizam-se, também, por uma adesão do auditório universal, numa reação subjetiva do indivíduo, esse acordo universal precisa ser não controverso. Assim, se o acordo for suscetível ao questionamento por parte do auditório ao qual foi apresentado, deixará de ser um fato, da mesma maneira, se o fato for questionado quando se amplia o auditório e passa a ser não reconhecido por ele, que significa dizer que esse auditório, o qual admitia o fato, era particular. Na teoria discutida, o fato como premissa é um fato não-controverso.

A verdade concerne a tudo que é colocado para os fatos. Esse fenômeno é relativo a ligações entre os fatos, com um alcance mais complexo, de teorias científicas, ou concepções filosóficas, ou religiosas, que transcendem as experiências. As relações entre fatos e verdades caracterizam auditórios diferentes, o que pode ser fato para uns, pode não ser verdade ou o enunciado de um fato seja uma verdade e vice-versa.

As presunções admitem também um acordo universal, contudo, para que sejam aderidas precisam ser reforçadas, para que seu estatuto seja conservado, diferente dos fatos que precisam ser justificadas. O seu uso está ligado à verossimilhança, que varia conforme cada caso particular. Em Reboul (2004), o verossímil é uma confiança

presumida, as presunções variam conforme cada auditório e cada ideologia, e.g., para um conservador, os costumes não precisam ser justificados, mas sim as mudanças.

Na categoria do preferível, ligada ao auditório particular, o acordo do valor se admite quando um objeto, um ser ou um ideal, exerce influência determinada sobre a ação e suas disposições, numa alegação de argumentação, sem considerar que esse valor é imposto a todos os auditórios. Por outro lado, alguns valores passam a ser tratados como fatos ou verdades. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) fazem uma distinção entre valores abstratos, como justiça ou veracidade, e valores concretos, vinculados a um ente vivo, um determinado grupo, ou a um objeto particular que é considerado por seu caráter único. Alguns valores abstratos são apoiados nos concretos, como as noções de fidelidade, solidariedade, disciplina.

As hierarquias são justificadas em virtude dos valores. Na hierarquia entre pessoas e coisas, os valores relativos às pessoas são naturalmente superiores aos valores relativos às coisas, porém não se busca seus valores se não for defendê-los. As hierarquias também são admitidas sob dois aspectos: os concretos, a superioridade dos homens sobre os animais, e os abstratos, a superioridade do justo sobre o útil. Os lugares do preferível são premissas de ordem ampla e geral, permitem fundamentos de valores e hierarquias, na medida em que asseguram a adesão do auditório a determinados valores. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) classificam esses lugares em: da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência, da pessoa.

Os lugares da quantidade são utilizados quando se considera uma coisa ser melhor que outra por questões quantitativas, pois quando os números maiores são utilizados para demonstrar lucros e benefícios em relação a outros menores, o discurso será persuasivo; com os lugares da qualidade, ao contrário, a persuasão não se dá pelos números, mas pela qualidade que algo tem sobre os demais; os da ordem mostram a superioridade do anterior sobre o posterior; os lugares do existente alegam a superioridade do que há, do que é real sobre o que é possível, eventual, impossível; os lugares da essência expõem a superioridade de indivíduos que representam melhor uma função; e os lugares da pessoa são valores vinculados à sua dignidade, autonomia, mérito, aquilo que é feito com cuidado, que requer esforço.

Além do já discutido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) dizem que a argumentação necessita do emprego de dadas figuras, cabe-nos estudar em que e como se explica a utilização dessas figuras nesse processo de argumentação. Comentamos que, desde a Antiguidade, o homem pensa a linguagem reconhecendo a existência de certos

modos de expressão que não se enquadram no comum. Esses autores partem dessa definição para explicar as figuras de retórica, quando falam de expressões que não se enquadram no comum, visto que associam tais figuras, ao que é diferente, inesperado, gerando um efeito de sentido persuasivo por chamar a atenção do auditório sobre aquilo que lhe é apresentado como novo naquele contexto. Qualquer estrutura poderá ser uma figura dependendo da reação do ouvinte, o que mostra a característica funcionalista sobre a estruturalista. Os autores classificam as figuras retóricas em figuras de escolha, de presença e de comunhão, seus efeitos se manifestam na apresentação dos dados, se impõe ou se surge uma escolha, se aumenta a presença ou realiza comunhão com o auditório.

### **3.2 O argumento pragmático baseado na estrutura do real**

Perelmam e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 211) explicam a importância de se analisar o contexto no qual o argumento está inserido, porque “[...] a análise de um elo da argumentação, fora do contexto e independente da situação em que ele se insere, apresenta inegáveis perigos”. É crucial, no momento da análise, a situação e o contexto representarem os caminhos a serem percorridos pelo analista, porém não se resume a isso. O pensamento real, do qual o orador e o ouvinte se utilizam, deve ser entendido como uma hipótese do que eles pensam, pois não se percebe uma única maneira de se estruturar um argumento.

Nesse ponto, vale dizer que nosso interesse na argumentação se justifica por entendê-la como um fato de discurso, associada à prática da linguagem dentro de um contexto dado. Corroborando com Mosca (2001), também, defendemos ser a linguagem não só instrumento de informação, mas também de argumentação inter-relacionada na comunicação e pela comunicação, por isso dizemos que a argumentação é sempre situada, processando-se num contato entre sujeitos.

Para Perelmam e Olbrechts-Tyteca (2005), o discurso é visto como um ato, pois não só o orador é ativo na argumentação, mas também o ouvinte, já que quando o orador coloca seu ponto de vista, o ouvinte, por sua vez, também quer dar sua opinião, de forma espontânea, acerca desse discurso, avaliando-o e determinando o devido crédito que lhe deve dar, a fim de tomar uma atitude a seu respeito. E nessa medida, ao ser um avaliador, passa a ser autor de novos argumentos espontâneos. Nessa troca, a maneira como os argumentos estão estruturados condiciona a persuasão diante do auditório acerca do valor que esses empregam no acordo, assim as estruturas, esquemas, são consideradas lugares

da argumentação. Lugares esses que são nomeados, por esses pesquisadores, como processos de ligação e dissociação.

Dentro de uma enorme lista de tipos de técnicas argumentativas, o que nos interessa, sobretudo, nesta pesquisa, é analisar o argumento pragmático, uma vez que o nosso objetivo não é só apresentar como se dispõe cada um desses tipos, mas analisar o modo como a técnica argumentativa do argumento pragmático é, estrategicamente, utilizada como meio de construção do *ethos discursivo* relacionado à memória. Todo o caminho de categorias expostas serve para direcionar de onde partiremos na análise. No próximo capítulo, veremos nossas estratégias de análise.

Dentro da caracterização das estruturas dos argumentos por ligação e dissociação, o primeiro é entendido como esquemas que aproximam elementos diferentes, permitindo estabelecer uma solidariedade que visa estruturar ou valorizar positiva ou negativamente um esquema pelo outro. Os processos de dissociação, por sua vez, são técnicas de ruptura, que visam separar, dissociar, desunir elementos que são considerados como um todo. Como reitera Azevedo (2016), a natureza dos processos de ligação e dissociação constitui duas técnicas complementares, pois ao tempo em que a articulação dos pensamentos é revelada, também, está associada às práticas discursivas que constituem o saber de uma época.

Os esquemas de ligação são divididos em três tipos: (i) os argumentos quase-lógicos, que compreendemos melhor aproximando-os do pensamento formal, matemático, lógico, em que há só uma aparência demonstrativa, apesar de próximos do pensamento formal não podem ser tomados em seu sentido estrito e, por isso, o uso dessa expressão (quase-lógico); (ii) os argumentos baseados na estrutura do real são apresentados, conforme a própria estrutura das coisas, a qual insere o argumento pragmático; (iii) os argumentos que visam fundar a estrutura do real são “os que estribam no caso particular, de analogia que se esforçam em reestruturar certos elementos do pensamento em conformidade com esquemas aceitos em outros campos do real” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 216-17). As técnicas de dissociação se caracterizam-se, sobretudo, “pelo remanejamento que introduzem nas noções, porque visam menos utilizar a linguagem aceita do que proceder a uma nova modelagem” (Op. cit. p. 217).

Segundo Ferreira (2010), (i) na categoria dos argumentos quase-lógicos, encontram-se a contradição e a incompatibilidade: o ridículo, a identidade e a definição, a regra de justiça, argumentos de reciprocidade, argumentos de transitividade, a inclusão

da parte no todo e a divisão deste em partes, argumentos de comparação e argumentos pelo sacrifício; (ii) na categoria dos argumentos baseados na estrutura do real encontram-se as ligações de sucessão, o argumento pragmático, o argumento do desperdício, o argumento de direção, o argumento de superação, ligações de coexistência, o argumento de autoridade e o argumento de hierarquia dupla; (iii) na categoria dos argumentos que fundamentam a estrutura do real, temos: o exemplo, a ilustração, o modelo, a analogia e a metáfora. Nos procedimentos de dissociação, o autor cita: *ad hominem*, *ad humanitatem* e petição de princípio.

#### I. ARGUMENTAÇÃO POR LIGAÇÃO

1. ARGUMENTOS QUASE-LÓGICOS	1.1. Argumentos quase-lógicos de estrutura lógica	1.1.1. contradição e incompatibilidade 1.1.2. identidade, definição, analiticidade e tautologia 1.1.3. regra de justiça e reciprocidade
	1.2. Argumentos quase-lógicos de estrutura matemática	1.2.1. transitividade, inclusão e divisão (parte/todo) 1.2.2. comparação (pequeno/grande) 1.2.3. pesos, medidas e probabilidades
2. ARGUMENTOS BASEADOS NA ESTRUTURA DO REAL	2.1. Argumentos por ligações de sucessão	2.1.1. pragmático (relação de causa/consequência) 2.1.2. finalidade: do desperdício, do supérfluo e do decisivo (relação de meio/fim)
	2.2. Argumentos por ligações de coexistência	2.2.1. de pessoa 2.2.2. de autoridade
3. ARGUMENTOS QUE FUNDAM A ESTRUTURA DO REAL	3.1. Argumentos por indução	3.1.1. pelo exemplo 3.1.2. pela ilustração 3.1.3. pelo modelo e anti modelo
	3.2. Argumentos por transferência	3.2.1. analogia 3.2.2. metáfora

QUADRO 2- Sinopse dos procedimentos argumentativos  
Fonte: Azevedo (2016, p. 255).

Para Reboul (2004), os argumentos desse segundo tipo, que são baseados na estrutura do real, não tendem a implicar, mas sim a explicar, quanto mais fatos uma tese explicar, mais provável será, pois não se apoia na lógica, como os argumentos do primeiro tipo, mas na experiência.

Dizer que os argumentos baseiam-se na estrutura do real, não é dizer que se trata de uma descrição objetiva do real, mas verificar como as opiniões que estruturam esse real estão apresentadas, pois podem ser tratadas como fatos ou como verdades ou como

presunções. Conforme Azevedo (2016), esse tipo de argumento está ligado às representações feitas em situações concretas vivenciadas no dia a dia; aos elos reconhecidos entre objetos, pessoas, interações sociais e aos juízos admitidos ou que se procuram promover. É importante, também, ressaltar o caráter de apropriação que um sujeito demonstra quando se dispõe a apresentar o objeto, pois parte de acontecimentos de uma determinada época que condiciona os arranjos discursivos. São argumentos admitidos pelo auditório como existentes e, por isso, aceitos pela sociedade como reais, implicando os fatos como verdade, crença e valor. Esses argumentos são aplicados a dois tipos de ligações: (i) a de sucessão, que une um fenômeno à suas consequências ou às suas causas; e (ii) a de coexistência, que liga uma pessoa a seus atos, um grupo aos indivíduos que dele fazem parte e, em geral, uma essência a suas manifestações.

Nesse tipo de discurso, encarado como realidade, o efeito argumentativo poderá variar, conforme a opinião que o ouvinte construirá sobre o significado atribuído à ligação argumentativa, o que justifica “portanto se o orador pretender que semelhante ligação seja coerciva, o efeito argumentativo poderá ser reforçado por isso; ou poderá ser diminuído se o ouvinte achar insuficiente e a rejeitar” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 299-300). Os autores dispõem três efeitos argumentativos quanto às ligações de sucessão: (i) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal; (ii) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que o pode determinar; e (iii) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar.

O *argumento pragmático*, na subcategoria de ligações de sucessão, é “o que permite apreciar um ato ou um acontecimento em função de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.358). Esse argumento goza de tal verossimilhança que de imediato presume confiança a quem contesta, no entanto, o contestante deve justificar o motivo pelo qual se posicionou de tal forma.

O argumento pragmático, que permite apreciar uma coisa consoante suas consequências, presentes ou futuras, tem uma importância direta para a ação. Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificação. O ponto de vista oposto, ao contrário, cada vez que é defendido, necessita de uma argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 303).

As consequências, fonte do valor de evento que as acarreta, podem ser observadas ou simplesmente previstas, cabais ou puramente hipotéticas; a influência delas exercerá

sobre a conduta ou unicamente sobre o juízo. “A argumentação pelas consequências pode aplicar-se quer às ligações comumente aceitas, verificáveis ou não, quer às ligações que são só conhecidas por uma única pessoa” (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 304). Como nesses exemplos:

(24) [...] E o rio cada dia como a gente vê né, cada dia que passa secando mais, depois dessa barragem que fizeram no Xingó (Inf. 06).

(25) [...] um dia pega peixe, passa duas, três semanas sem pegar nada, só caminhando, pescando, andando no rio, o rio muito seco, não tem mais aquelas enchentes de antigamente para o peixe produzir, agora só encontra croa, ilha, aí se tornou difícil né, pra quem é pescador, praticamente daqui a uns dias vai o quê? Vai morrer de fome, tem que ter uma ajudazinha por fora porque senão é complicado (Inf. 04).

Assim como constatado nesses trechos acima e nos fragmentos analisados no *item 4.3*, focalizados na análise central dos relatos de pescadores, a partir do momento em que uma ligação *fato-consequência* é constatada, a argumentação se torna válida, seja qual for a legitimidade da própria ligação, sua autenticidade é dependente do próprio tipo do argumento. No geral, o argumento pragmático só pode se desenvolver a partir do acordo sobre o valor das consequências. O argumento pragmático é apresentado amiúde como uma simples avaliação de algo por meio de suas consequências. Diante disso, valemo-nos do *argumento pragmático*, dentro da categoria dos argumentos baseados na estrutura do real, para analisar ideias e valores baseados nas experiências de pescadores da região do baixo São Francisco (Gararu/SE) sobre a realidade em que são inscritos dentro de uma determinada época ao focalizar suas histórias de vida.

### 3.3 Noção de *ethos discursivo*

Para Amossy (2016, p.9), todo ato de tomar a palavra permite que se construa uma imagem de si. Essa imagem não é dependente de seu autorretrato, nem do detalhamento de qualidades que o locutor possa fazer de si mesmo. O estilo adotado, assim como as competências linguísticas, enciclopédicas e as crenças implícitas são suficientes para construir uma representação desse locutor. A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, ela é efetuada nas trocas verbais corriqueiras e pessoais.

Já podemos perceber que o modo de conceber o *ethos* retórico e o *ethos discursivo* se configura com propósitos diferentes. Como já vimos, na retórica, o *ethos* diz respeito ao caráter do orador que é necessário para se conquistar a confiança do auditório mostrado no discurso. Dessa forma, o efeito do discurso é que determina o caráter moral do *ethos* ligado à enunciação e não a um saber extradiscursivo sobre o locutor, como acontece à maneira de Amossy (2016) e Maingueneau (2008 e 2016). Para este autor, é possível perceber que a noção de *ethos* foge do quadro da argumentação retórica, de modo que ultrapassa a situações necessariamente argumentativas. Ao estudar a incidência do *ethos* em textos escritos e falados os quais não apresentam nenhuma sequencialidade de tipo argumentativo, conclui-se, então, que a noção de *ethos* permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma dada posição discursiva.

Para Maingueneau (2016), o saber extradiscursivo sobre o locutor está ligado não só àquilo que ele deve se conferir, mas também ao que é conferido ao destinatário, um certo *status* para legitimar seu dizer, uma posição institucional que marca sua relação com um saber qualquer. Da mesma maneira, o modo como se mostra na enunciação, instaura uma maneira de dizer. Pescadores do baixo São Francisco relatam-nos situações vivenciadas por eles, no desempenho de sua profissão, demonstrando um saber específico relacionado ao que viveram/vivem, de modo que esse saber legitima seu discurso numa posição institucional e instaura uma maneira de dizer própria do grupo. Essa maneira de dizer está associada ao tipo de discurso que comporta uma distribuição preestabelecida de papéis. Assim, a noção de *ethos* se alargou de forma articulada a de *cena de enunciação*, pois o locutor pode escolher qual melhor *cenografia* para estabelecer certo papel.

A partir de *uma dupla figura de enunciador* (a de um caráter e de uma corporalidade), o autor relaciona a cena da enunciação à noção de *tom* que substitui com vantagens a de voz, pois remete tanto à escrita quanto à fala. A articulação entre a maneira de dizer e o processo de legitimação pela fala do locutor permite uma verdadeira construção de uma imagem de si, na medida em que o coenunciador busca depreender os diversos índices discursivos no estabelecimento de uma inter-relação entre o enunciador e seu parceiro.

Tanto Amossy (2016) quanto Maingueneau (2016) consideram a posição do locutor como ser empírico no campo em que ele se situa. Desse modo, Amossy (2016) associa a noção de *ethos* a construção de uma imagem de si em sua relação com a representação coletiva cristalizada e com a atividade de estereotipagem. Considera,

também, a noção de posição no campo intelectual, tomada de Bourdieu, para destacar a dimensão do *ethos prévio*, que é a imagem que o auditório faz do locutor no momento em que este toma a palavra. Em Maingueneau (2016), considera-se que o *ethos pré-discursivo* também está ligado à construção representativa que o público faz do *ethos* do enunciador antes que fale.

Longe de reservar uma teoria que remeta a noção de *ethos* à oralidade ou à eloquência judiciária, Maingueneau (2016) propõe que qualquer discurso escrito, mesmo que a negue, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse. Ele explica que a instância subjetiva que se manifesta no discurso se deixa conceber também como uma “voz” indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado. Assim, o *ethos* recobre a dimensão verbal para se apoiar também num conjunto de determinações psíquicas e físicas ligadas ao “fiador” pelas representações coletivas estereotípicas. O fiador investe-se de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social, apreendida através de um comportamento. “Esse caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2016, p. 72).

Para designar como o coenunciador se apropria do *ethos* de um discurso, Maingueneau (2008, p. 18) apontam-se três regras indissociáveis sobre como se estabelece o que chama de “incorporação”:

- (i) A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá corpo.
- (ii) O coenunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- (iii) Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

No caso dos relatos dos pescadores, a incorporação acontece quando o enunciador dispõe de representações sociais ligada à história cultural, como apresentada no *item 4.2*, sobre a contextualização da relação dos ribeirinhos de Gararu e o rio São Francisco, em que o co-enunciador reconhece o conjunto de esquemas relacionados àquele mundo de

maneira específica, o que o faz aderir ao mesmo discurso. Assim, a noção de tom está articulada à noção de identidade. O tom específico possibilita a vocalidade estabelecida numa dimensão que faz parte da identidade de um posicionamento discursivo. Aquilo que se apresenta como as “ideias” remete a uma maneira de dizer, a uma maneira de ser, à participação imaginária em um acontecimento.

Para Maingueneau (2016), o texto é uma enunciação direcionada a um coenunciador, que precisa se mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido, não uma contemplação dele. A identificação do leitor com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados influencia, em boa medida, o poder de persuasão de um discurso. Nessa medida, se instaura a qualidade do *ethos*. A figura do “fiador” remete a uma identidade compatível com o mundo que se supõe surgir no discurso.

A forma como o enunciador se expressa não está limitada à maneira como isso ocorre, mas é preciso ser considerado “um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado” (MAINGUENEAU, 2016, p.75). Ele discorre ainda sobre três fatos de cena que se integram *a cena da enunciação*, a saber: *cena englobante*, *cena genérica e cenografia*. A primeira corresponde ao tipo de discurso; a segunda é a do contrato associado a um gênero, a uma instituição discursiva; e a terceira, a cenografia, é constituída pelo próprio texto.

No interior dos estudos de Bourdieu (1982), por Amossy (2016), numa análise sociológica, o *ethos* não é construção discursiva, mas sim a autoridade exterior que goza o locutor. Nesse sentido, o autor desconsidera qualquer maneira de autorizar o discurso como legítimo nele mesmo, pois, a eficácia das palavras deriva da adequação entre a função social do locutor e seu discurso que é pronunciado por pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situação legítima, diante dos receptores legítimos. Assim, a “substância propriamente linguística” da palavra não ativa nenhum tipo de eficácia, já que as trocas simbólicas não se reduzem a relações de pura comunicação, o contrário disso, revela um caráter artificial. Nos estudos desse sociólogo, a eficácia simbólica das palavras “só se efetiva quando aquele que a sofre reconhece aquele que a exerce como capacitado a exercê-la. A eficácia da palavra não depende do que ele enuncia, mas daquele que a enuncia e do poder do qual ele está investido aos olhos do público” (AMOSSY, 2016, p.121). Diante dessa abordagem, verificam-se duas perspectivas as

quais tomam o discurso como interacional e institucional, na primeira a eficácia discursiva não pode ser compreendida fora das trocas dos participantes e, na segunda, essa troca é indissociável das posições ocupadas pelos participantes no campo do interior do qual atuam.

Amossy (2016) retoma tanto o *ethos* dos pragmáticos, na linha de Aristóteles, construído na interação verbal e puramente interno ao discurso, quanto dos sociólogos, que se inscrevem em uma troca simbólica regrada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores, para demonstrar essas duas abordagens como complementares. Sendo assim, (i) a construção discursiva que permite trabalhar a materialidade do discurso em termos de enunciação e de gênero discursivo na construção do *ethos*; (ii) o imaginário social que destaca a dimensão social do *ethos discursivo*; e (iii) a autoridade institucional que destaca sua relação com posições sociais exteriores, contribuem para estabelecer o *ethos* e a troca verbal da qual ele é integrante. A correlação entre *ethos* institucional e *ethos discursivo* é mútua.

Para demonstrar a importância do diálogo possível entre um orador e seu auditório, nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2016) investe na *doxa* comum a possibilidade do interlocutor compartilhar o conjunto de valores, evidências e crenças do auditório sob a interação que se efetua necessariamente por meio da imagem que um faz do outro. Ao desenvolver o pensamento desses autores, Amossy (2016, p.124) conclui que “o orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações que o orador confiável e competente que ele crê ser as do público”. Dessa maneira, o que modela a empresa da persuasão não é sua pessoa concreta, mas, sim, a representação que o enunciador faz do auditório, as ideias e as reações que ele apresenta, sem adequação entre *ficção* e realidade.

Para um bom andamento da troca, é necessário que haja uma correspondência da imagem do auditório com uma imagem do orador, visto que a autoridade que goza o locutor é fundamental para estabelecer a ideia que seus locutários fazem de sua pessoa. A *doxa* compreende o *saber prévio* que o auditório possui sobre o orador. Ao tempo que o orador apoia seus argumentos sobre a *doxa* compartilhada pelo público, modela seus *ethos*, pois assume as representações coletivas, que ocasiona no público um valor positivo, uma vez que demonstra que seu *ethos* é capaz de produzir uma impressão apropriada às circunstâncias (AMOSSY, 2016).

Diante disso, em consonância com a autora, faz-se necessário inserir nesse contexto o conceito de estereótipo, que está associado à ideia prévia que se faz do locutor

e à imagem de si que ele constrói em seu discurso. Para que o locutor seja reconhecido pelo auditório, para parecer legítimo, é preciso que a ideia prévia e a imagem de si sejam assumidas em representações partilhadas, relacionadas a modelos culturais hegemônico, mesmo que sejam modelos contestatórios.

No nosso caso, os pescadores possuem o *ethos prévio* de que exageram ao contar histórias sobre a pescaria, de maneira que fazem ser reconhecidos como mentirosos. Em nosso *corpus*, podemos encontrar exemplos desse estereótipo mostrado nos excertos a seguir:

(26) [...] tinha umas oitos canoas esperando a *pilombeta* né, encorajou, jogou a tarrafa e pegou, disse que os outros todinhos jogaram, mas não pegaram, mas um só que jogou pegou dez mil *pilombetas*, veja só, dez mil *pilombetas*, foi fazer a conta oitenta e cem quilos no lanço, também só pegou um, estava só naquele lugar, jogou a tarrafa, estava junto, tudo isso já foi visto no nosso rio. (Inf. 2)

(27) [...] Antigamente quando nós pescávamos, pegávamos era cinquenta de uma lanço, eram três pessoas, arrastávamos, nós fazíamos era aquele balaio, já demos lanço de pegar cento e trinta quilo de *aragu*, *tubivin* (Inf. 7).

A estereotipagem é “a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado” (AMOSSY, 2016, p. 125). Nessa medida, os conteúdos globais do setor da *doxa* se situam nos modos de raciocínios próprios a um grupo, os quais o estereótipo permite designar. Assim sendo, a construção do auditório passa necessariamente por um processo de estereotipagem. Dependendo do perfil do seu auditório, o orador faz algumas adequações em “sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo” (AMOSSY, 2016, p.126), visto que é a construção dessa imagem de si, que confere ao discurso uma parte importante de sua autoridade.

A partir do exposto, podemos tomar como exemplo, a construção *da imagem de si* dos pescadores de Gararu diante da entrevista realizada por nós, a fim de desenvolvermos nosso projeto de mestrado. Sabemos que o estereótipo que se faz do auditório, como sério, avaliador, não só influencia na forma como o orador se apresenta, mas também desempenha papel essencial no estabelecimento do *ethos*.

Portanto, o processo de estereotipagem condiciona tanto o orador quanto o auditório a partir da imagem que um faz do outro. Com isso, a eficácia da palavra não é nem puramente exterior (institucional) nem puramente interna (linguageira). A associação da interlocução da interação verbal como troca simbólica e a posição institucional do locutor são fundamentais para o estabelecimento do *ethos discursivo*. Dessa forma, “a posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia. Esse *ethos pré-discursivo* faz parte da bagagem *dóxica* dos interlocutores e é necessariamente mobilizado pelo enunciado em situação” (AMOSSY, 2016 p. 136-7), o qual pode ser confirmado ou modificado.

Esses dois primeiros capítulos são fundamentais para a compreensão do processo da argumentação na relação entre a memória social de pescadores do baixo São Francisco e a construção de seu *ethos discursivo*, a partir do desenvolvimento das nossas análises, na seção (4) seguinte.

## **4 PROCESSO DA ARGUMENTAÇÃO NA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E *ETHOS DISCURSIVO***

Nesta seção, focaremos nas análises interpretativas do *corpus*, nos procedimentos teórico-metodológicos adotados na análise, além da contextualização da relação dos ribeirinhos de Gararu com o Rio São Francisco, em que procuramos mostrar, de maneira breve, a história de Gararu, ressaltando os pontos principais da cultura local ao longo do tempo, focando principalmente na relação do sujeito com o rio. Para a construção desta seção, por falta de algumas informações em registros escritos sobre a história de Gararu, revelando aspectos inerentes à cultura de maneira geral, priorizamos a história oral com entrevistas a três moradores mais antigos.

### **4.1 Procedimentos metodológico-descritivos**

Para a obtenção do material que possibilitou o tema desta dissertação relacionado à argumentação retórica e à memória social, foi utilizada a pesquisa qualitativa que tem como propósito a interpretação de algo que não pode ser mensurável, isto é, não pode ser traduzido em números quantificáveis. Nesse tipo de pesquisa, não há a preocupação em representar os resultados numericamente, mas há o privilégio de aprofundar a compreensão de um grupo social. Segundo Goldenberg (1997, p. 34), referenciado por Gerhardt; Silveira (2009, p.32) “os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria”. Desse modo, o modelo positivista, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa, não é considerado ao aplicar o estudo da vida social.

O método qualitativo busca explicar o porquê das coisas, sem quantificar os valores e as trocas simbólicas. Os pesquisadores que utilizam esse método não se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos e se valem de diferentes abordagens (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritivo-analítica, visto que exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo busca descrever e analisar os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 2007). O método exploratório é um tipo de pesquisa que tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais

explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências ou práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão dos dados pesquisados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Quanto aos procedimentos, segundo esses autores, utilizou-se a pesquisa com *Survey*, é a pesquisa que busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas.

Esta pesquisa é baseada em entrevistas sobre história oral, tomadas como fontes para compreensão do passado e o entendimento do panorama atual, através de perguntas feitas pela pesquisadora ao entrevistado, buscando investigar um determinado fato. Os relatos (memórias) serão analisados para compreender melhor como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações de vida de um grupo, os quais influenciam na construção da imagem do locutor.

Foram feitas onze entrevistas semiestruturadas, o local de geração de dados para compor este *corpus* foi a residência dos pescadores, sendo três do povoado Oiteiro e oito da cidade Gararu. Por questões técnicas com o áudio, um relato foi excluído (o que seria informante 03) do *corpus*, ficamos, ao todo, com dez entrevistas para análise. Por ser garantido o anonimato, os pescadores foram identificados pelas letras Inf. (Informantes) e o número de acordo com a sequência das entrevistas. Além dos dez pescadores que constituem o *corpus* da análise, há mais dois informantes, que contribuíram com informações valiosas para a contextualização desta pesquisa, na seção 4 (*item 4.2*), totalizando 12 informantes, todos entre 41 e 83 anos de idade, no momento da entrevista.

Outros povoados em Gararu como Lagoa primeira, Cabaceiro e Genipatuba são lugares tradicionais de pessoas que pescam, contudo, por serem lugares mais distantes, que precisaria de maior disponibilidade de tempo para o deslocamento, foi preferível não optar por essas regiões, também porque já se tinha um número de relatos adequado para a constituição dos dados de nossa investigação.

De acordo com os relatos, constatamos os lugares onde os pescadores costumavam pescar. Naquela época, saíam por vários dias, viajando por vários lugares do rio, os quais se localizavam em cidades ribeirinhas tanto do estado de Alagoas, quanto de Sergipe. Dos lugares citados, encontram-se: Pão de Açúcar (AL), Piaçabuçu (AL), Penedo (AL), Belo Monte (AL), Propriá (SE), Amparo do São Francisco (SE) entre outros.

As entrevistas foram realizadas em três momentos no mês de agosto de 2017, entre os dias 02 e 15, e a transcrição dos relatos foi realizada nos dois meses subsequentes. Na transcrição, respeitamos os traços da oralidade como *né*, *aí*, entre outros, contudo buscamos corrigir a ortografia, a concordância verbal e nominal, a fim de facilitar a leitura.

Nessas entrevistas, buscamos como ponto de partida questões relacionadas à profissão do pescador, focando em suas histórias de vida. Ao passo que as entrevistas iam acontecendo, a nossa investigação tomava um caminho peculiar a cada caso relatado. As entrevistas foram gravadas com permissão dos voluntários da pesquisa sob assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde se explica o objetivo, metodologia, riscos, benefícios, direito do anonimato e a retirada do consentimento a qualquer momento que lhe convir.

Os pescadores representam uma profissão tradicional na região de Gararu/SE, a qual aos poucos vai sendo ameaçada, tendo em visto que a grande maioria, na atualidade, não sobrevive e/ou vive exclusivamente dela. No passado, em que toda a família era mantida por conta dos benefícios econômicos da produção abundante de peixes grandes, gordos, variados, no entanto, hoje, precisam de outras formas para garantir a renda mensal.

No início da pesquisa, quando decidimos (ou optamos) trabalhar com esse grupo, foi pensado em entrevistar pescadores mais tradicionais, que entendessem a dinâmica do passado e do presente de maneira que trouxessem contribuições de uma visão panorâmica dos fatos, dado que muitos pescadores mais novos, como demonstrado nos relatos, não pescam de maneira correta e/ou tradicional.

Nessas entrevistas, buscamos recuperar as histórias de vida desses pescadores tradicionais (ou de pescadores do lugar). Inicialmente, tentamos mostrar para cada um deles a importância do registro de suas memórias nessas entrevistas, visto que até hoje não há nada similar. Para tanto, sempre, procuramos explicar que se tratava de uma conversa, na qual podiam expor (i) suas experiências na profissão; (ii) onde (ou como) a vida profissional começou; (iii) sua relação com o rio; (iv) as técnicas de pesca que utilizavam; (v) se sentem saudade de algo; (vi) se era fácil encontrar peixes no rio. Depois dessa orientação, o rumo da entrevista era adaptado conforme o que eles relatavam, partindo de um ponto comum, cujo propósito era explicar (ou mostrar) como tudo era quando se tornaram pescadores.

Ao começarmos as entrevistas ainda não tínhamos claro o recorte teórico, apenas sabíamos que trabalharíamos com memória social. Depois das entrevistas transcritas, percebemos que se sobressaía o posicionamento deles a respeito da realidade em que atuam, de modo a se contrastar com a realidade de quando começaram a pesca. Dessa maneira, o fator comparativo entre “o antes”, “tinha um tempo”, “naquele tempo”, “de primeiro”, “antigamente”, “aquele tempo atrasado”, “naquela época” e “o agora”, “o hoje”, direcionava os relatos de modo que se faziam perceber as marcas argumentativas nos textos/discursos.

Foi quando se tornou perceptivo que para nos debruçarmos melhor sobre o *corpus*, a correlação entre memória social e argumentação retórica traria ganhos de fins mais produtivos, pois, ao contar uma história, a remissão à memória faz com que o entrevistado tanto articule sua vida à experiência, quanto à ressignificação daquilo que tenha vivenciado ao longo dos anos. Essa rememoração pode levá-lo a uma justificativa de seus posicionamentos quando argumenta acerca do que vê, pensa, sente e prevê.

A partir dos estudos da argumentação retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), delimitamos o *argumento pragmático* como foco de análise para alcançar o objetivo de direcionar os argumentos de forma favorável ou desfavoravelmente. A nosso ver, o *argumento pragmático* correlaciona-se com a memória, na medida em que parte da experiência vivida para (re)significar o que falam. Nessa direção, buscamos, também, verificar de maneira generalizada: quais memórias são importantes para esse grupo de pescadores? O que opinam sobre essas memórias? A comparação do fato passado com o fato presente é favorável ou desfavorável para a realidade observada? Para, a partir daí, relacionar a memória com a construção do *ethos discursivo*, considerando sua relação com o *pathos*.

Em nossa situação argumentativa, a entrevista que possibilitou os relatos dos pescadores. Desse modo, procuramos analisar fragmentos dos relatos a partir do entendimento de que o *logos* é construído por meio da imagem que o orador quer imprimir, considerando o que o auditório quer ouvir. Ainda assim, essa imagem não está apenas relacionada ao relato em si, mas também a um *ethos prévio* que pode ser confirmado ou modificado diante de uma bagagem *dóxica* dos interlocutores que são necessariamente mobilizados pelo enunciado em uma dada situação comunicativa.

Devido ao recorte adotado nas análises, foram escolhidos alguns fragmentos de cinco relatos, priorizados pelo número de informações que tinham, considerando o alinhamento à teoria adotada. Tendo em vista que nesses relatos se utilizam de

argumentos mais ou menos similares, acreditamos que a análise de um relato pode ser aproveitada também em outros não contemplados e, assim, estabelecer uma coerência argumentativa que pode estar presente em diferentes relatos.

#### **4.2 Contextualização: a relação dos ribeirinhos de Gararu com o rio São Francisco**

Este tópico tem como objetivo contextualizar vários aspectos como os culturais, históricos, sociais, cognitivos e interacionais do município de Gararu, para que possam, por meio da inferenciação, situar os relatos dos pescadores no tempo e espaço específicos. Em se tratando de uma realidade vivida em tempos passados, diferentes dos atuais, a memória desse grupo é caracterizada como crucial para a história deste lugar, a qual se situa na dimensão de papel importante da memória coletiva do grupo.



FOTOGRAFIA 1 – Vista aérea da cidade de Gararu nos anos 70/80  
Fonte: Blog Bia Gararu<sup>6</sup>

Gararu está situada na zona do alto sertão sergipano, a noroeste do Estado, distanciado a 161 quilômetros de Aracaju. Ocupa uma área de 598 quilômetros quadrados. Limita-se ao norte com o estado de Alagoas, separado pelo rio São Francisco (pertence ao Baixo São Francisco); ao sul com o município de Graccho Cardoso; ao leste com os municípios de Nossa Senhora de Lourdes e Itabi; e a oeste com Porto da Folha e

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 27/03/2017, às 18h42min

Nossa Senhora da Glória. Sua relevância como município e o seu povo são vistos como importantes e dignos de estudos científicos.

O município de Gararu nasceu de um Curral de Pedras. Sempre houve duas explicações possíveis acerca de sua origem, sem a certeza de qual das duas corresponde à verdade. A primeira versão presume Tomé da Rocha Malheiros como o primeiro a iniciar o povoamento a partir da Serra da Tabanga, pois por concessão da Coroa Portuguesa, obteve uma sesmaria de dez léguas, no início do século XVII. A segunda versão conta que essa região foi invadida por portugueses. Devido à ameaça de invasão holandesa, os portugueses acabaram refugiando-se no sertão, mais precisamente, na Serra da Tabanga.

Para Nunes (2008), foi no início do século XVII que a invasão holandesa estimulou a colonização do estado de Sergipe pela coroa portuguesa, pois a fim de evitar a facilitação de invasões estrangeiras, várias sesmarias foram doadas principalmente para a criação de animais, o que ocasionou o primeiro crescimento das atividades pecuárias.

No interior desse contexto, o vaqueiro é um dos precursores do povoamento do sertão sergipano, como reafirma Diniz (1996, p.52): “Na expansão do povoamento para o sertão, não se pode ignorar a figura do vaqueiro, que, se utilizando da quarteação,<sup>7</sup> acabou por se transformar em criador, dando origem a uma estrutura de pequenos pecuaristas, a qual persiste até os dias atuais”. O que possibilita verificar o vaqueiro como indispensável para o desenvolvimento do sertão, conseqüentemente, do sertanejo. É através dele que a relação de trabalho e renda é estabelecida com o animal, que simboliza uma das fontes de sobrevivência.

Menezes e Almeida (2008) relatam que nesse período, no sertão de Sergipe, os camponeses se dedicavam ao cultivo de milho, feijão, mandioca e algodão, além da criação de gado. Esses alimentos abasteciam a população urbana e as grandes propriedades. A terra de que precisavam para desenvolver tais atividades era negociada com o grande proprietário numa relação indireta, em que o uso da terra era pago com trabalho e/ou produto. Quando a terra não era cedida, os trabalhadores transformavam-se em posseiros e ocupavam novas áreas, contribuindo, assim, com o crescimento da agricultura que se fazia ser destacada nesse âmbito.

No entanto, “diante da pecuária, a produção de alimentos não se constituiu na atividade mais importante do sertão” (MENEZES; ALMEIDA, 2008, p.183). Apesar do

---

<sup>7</sup> O vaqueiro se apropriava de um bezerro a cada quatro nascidos, como forma de pagamento.

desenvolvimento da produção de alimentos, a pecuária continuava forte, o que se evidencia também nas palavras de Andrade (1986, p.155): “a agricultura não foi a atividade principal; desenvolveu-se mediocrementemente à sombra dos “currais”, devido à grande distância que separava aquela zona do litoral e ao elevado preço que os gêneros atingiam após o transporte por dezenas de léguas”. Apesar da importância que a agricultura exercia naquele momento, a criação de animais era mais lucrativa e viável e, por isso, não perdia espaço e importância.

O povoamento do interior do Nordeste, no sertão, caracteriza-se pela sua forma sem ordem determinada, com grandes propriedades de terra e com pouca densidade populacional e a criação de gado como principal base econômica (PRADO JÚNIOR, 1994). A pecuária era a atividade principal desta região, tendo a agricultura voltada para a subsistência dos moradores que trabalham nas fazendas de gado (VIEIRA 2007, p.8).

Para Pimentel (1997), o sertão foi assim concebido e construído, a partir de 1500 até os idos de 1920: tratado sempre com a noção de lugar afastado, terra distante, terra sem lei, local povoado por bárbaros indígenas, sempre colocado em contraposição ao litoral e à cidade, visto em oposição à noção de nação.

Menezes e Almeida (2008) destacam o papel dos vaqueiros quando montados a cavalo, usando chapéu e guarda-peitos de couro, gibões e perneiras, adentravam a caatinga em busca do gado que resistia ao clima semiárido, pois, apesar da pecuária ser uma atividade importante, até a metade do século XX, ainda se constituía pouco intensiva e muitos bovinos eram criados soltos, o que pouco modificava a vegetação nativa do sertão. Na busca do gado na caatinga, o vaqueiro protegia o cavalo utilizando largos peitorais e cabeçadas protetoras.

Para Cascudo (1969), as expressões culturais nordestinas refletem o processo de ocupação vinculado à pecuária, como é o caso das vaquejadas, que desde meados do século XIX e contemporaneamente estão ameaçadas de extinção na maior parte do sertão nordestino ou não mais existem. Essas festas estão intimamente ligadas à cultura da criação de gado, como reitera esse autor, as festas dos vaqueiros estão ligadas ao ciclo do gado na região. As festas populares no campo, na maior parte, são produtos de antigas heranças de sistemas de produção, determinadas pelas relações de trabalho à época, e acrescenta essa ligação também orientada por crenças religiosas e o poder político do lugar. Vieira (2007, p.13) relata que a Vaquejada configura a festa mais importante das realizadas em torno da figura do vaqueiro.

Em Gararu, por ser cidade ribeirinha, as primeiras atividades econômicas concentravam-se também na abundância de água que existia no Rio São Francisco, como a plantação de arroz e a piscicultura, sobretudo.

De acordo com Santos (2008), historicamente, sabemos que quando Pedro Álvares de Cabral chegou a terras brasileiras, em 1500, por volta de um ano depois, Américo Vespúcio chegou à foz do rio São Francisco pelo Oceano Atlântico. O rio ainda não era chamado de São Francisco, mas sim de “Opara” pelos primitivos regionais, mas devido ao fato do navegador ter encontrado o rio em 04 de outubro, no dia do santo São Francisco, foi batizado e ficou conhecido por esse nome.

Os primeiros meios de acesso à exploração das terras brasileiras foram pelo rio São Francisco e em suas margens, instalaram-se diversos currais de criação de gado, contribuindo, assim, com a expansão territorial regional. Em meados do século XVI, quando consideráveis extensões de terras passaram a ser exploradas, o crescimento populacional foi influenciado nessas regiões onde se instalaram os currais. Por conta disso, o São Francisco também chegou a ser conhecido como “Rio-dos-currais” (SANTOS, 2008).

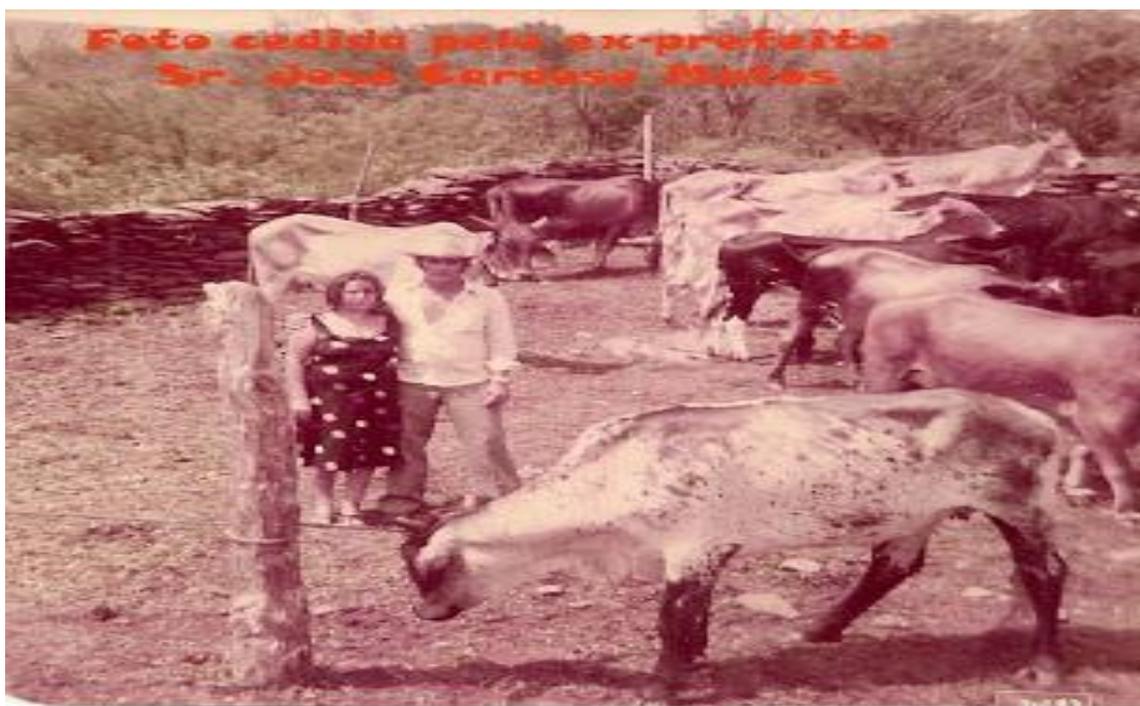
A partir do estudo que fez sobre a historiologia da festa de Bom Jesus dos Aflitos e dos Navegantes em Gararu/SE, no capítulo destinado às primeiras povoações no município, Rocha (2014) explica que o desenvolvimento efetivo do município depois da povoação se deu a partir dos sitiantes do Morgado de Porto da Folha. Região esta conhecida como Curral de Pedras. Por ser um local muito pedregoso, os primeiros habitantes construíram paredes com as pedras, na intenção de fazer cercados para a criação de bovinos, caprinos e suínos.

A Resolução 1003 de 10 de abril de 1875 estabeleceu “o desmembramento entre a povoação de Curral de Pedras, erigido em sede da Freguesia de Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos, separando-a dos limites de Nossa Senhora da Conceição de Ilha do Ouro” (TERMO DE ABERTURA DA CÚRIA METROPOLITANA DE ARACAJU, 1949, p.30), que dizia:

Em 10/04/1875, pela resolução nº 1003, foi tomada, definitivamente, freguesia, desmembrada de N. Senhora da Conceição da Ilha do Ouro, com estes limites: princípio na margem do rio São Francisco, no riacho aningas de baixo, rumo direto do atalho, aí à lagoa da vaca, dessa a travessa da casa de Antonio Pernambuco, e seguindo em direitura a cabeceira do barreiro da pedra, seguira por ele até o riacho Gararu, por este riacho seguirá até a foz do riacho fivela, desce as suas cabeceiras daí linha reta as cabeceiras da gruta, onde se acha colocado o tanque da fazenda riacho grande, e, respeitando sempre as divisões da paróquia de

Sant'Ana de Aquidabã, descerá fazendo rumo direto para a pedra do mocó; daí procurará a antiga estrada do bonito para a fazenda quixaba e por ela seguirá para a fazenda lagoa; [...]

Na segunda metade do século XIX, os limites geográficos foram novamente alterados com a resolução nº 1058, em 28 de março de 1876. E finalmente em 15 de março de 1877, a resolução nº 1047 mudou o nome de Freguesia de Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos do Curral de Pedras para Gararu, em que a escolha do nome homenageou o Cacique indígena que habitava essas terras (ROCHA, 2014). Com a divisão administrativa de 1911, que começou a vigorar em 1926, Gararu passa a ser sede da Comarca, compreendendo os termos jurídicos de Gararu e Porto da Folha. Em 1927, a Comarca foi extinta passando à comunidade de Propriá. A divisão territorial de dezembro de 1937 estabelece no município dois distritos: Gararu e Providência (atual município de Itabi, desmembramento de Gararu em 1953), sendo que Gararu volta à situação de Comarca em 1943.



FOTOGRAFIA 2- Curral de Pedras.  
Fonte: Blog Bia Gararu<sup>8</sup>

Nessa foto, podemos ver o curral formado por pedras prendendo o rebanho de gado. No interior do cercado, aparece uma rés presa (amarrada) a um mourão no centro

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 27/03/2017, às 18h43min

do curral que serve para amansar o gado. Os currais de pedra tornaram-se símbolos da cultura e da história do município, pois foi a partir deles que tudo foi passando a se desenvolver, o informante (01), na sua entrevista, revela-nos por meio da memória por onde passavam os currais da época:

(28) [...] aqui foi começado através dos portugueses, colonizadores portugueses que vieram para o Brasil, fixaram nessa região em companhia dos africanos, que foram os africanos a mão-de-obra dos currais de pedra. [...] pode viajar embarcada no rio que você ver as cercas de pedra em toda parte, obra e mão-de-obra dos africanos, foram quem construíram, então foi daí que começou Gararu [...] não sei exatamente quantos currais tinham, mas todo esse baixio aqui, do Oiteiro indo até o Juazeiro, até Fernando era tudo cercado de pedra, eram os currais o abrigo do gado (Inf. 01).

Outro cidadão entrevistado, fazendeiro e residente do povoado Oiteiro da cidade de Gararu, uma das pessoas que mais preserva os currais e as cercas de pedra até hoje, costume herdado do pai, que herdou do avô, conta que a cerca por menos serventia que tenha, não vende a ninguém, pois custou caro para o pai construir. Por outro lado, muitas outras cercas foram desaparecendo ao longo do tempo. Esse fazendeiro nos revela que a Vargem de Gararu era toda cercada de pedra, saía da boca da Vargem até São Paulo de Nelson (fazenda), mas a maioria das cercas já não é mais encontrada:

(29) No Cabaceiro, a parte do alto ainda tem, vem de lá da parte do sacco, tem até uma rua estreita, chamado de Beco do Agripino, João de Nego era de baixo do beco e o sacco da parte de cima era do povo de Agripino, até o João de Nego era cerca de pedra, pra cima era de arame (Inf. 12).

O curral, que fica no terreno desse informante (12), foi feito pelo avô há mais de cem anos. A cerca, que fica depois da lagoa, já não foi feita pelo avô, e nem sabe por quem, visto que quando comprou o terreno a cerca de pedra já existia. O avô dele foi quem fez as quatro cercas, segundo o entrevistado. Com a morte de seu pai, ele dá continuidade à tradição, fazendo muitas outras cercas de pedras.

#### 4.1.1 Sertão de riquezas

O informante (01), também, nos fala sobre as casas do município, que eram de taipa e o telhado de palha, feito pelos indígenas. Desse modo, as moradias no início eram construídas de taipa e palha, com o passar do tempo surge o tijolo de barro. Muitas das paredes das casas antigas de Gararu ainda são feitas de tijolo. É o que podemos perceber no exemplo a seguir:

(30) As casas residenciais daquela época, não eram de alvenaria, as casas eram de taipa e barro, pau a pique tapada com barro, os primeiros telhados eram de palha no tempo dos indígenas, aí os africanos foram trabalhando... aí passaram a construir os currais de pedras e outra parte que os administradores que eram os portugueses colocavam um pra uma coisa, outros para outras coisas, foram fazer telhas para cobrir essas casas. As primeiras casa de Gararu foram de taipa e palha, depois taipa e telha, então depois veio o tijolo de barro... Essas casas antigas de Gararu, as paredes ainda são de tijolo. Então daqui veio a história fundamental de Gararu, situado a margem do rio, por muitos anos foi Curral de Pedra, então veio o indígena e deu de presente o nome dele para fundar Gararu, essa cidade linda que a gente mora (Inf. 01)

Com a abundância de água do rio São Francisco e com as enchentes certas todo ano, a garantia do cultivo do arroz e do peixe era certa. Com as enchentes, as lagoas ficavam cheias, tanto serviam para plantar arroz, quanto para criar o peixe, essa realidade foi mudando com a diminuição da água e sem a água barrenta, a piracema do peixe também foi prejudicada, conforme o relato desse informante.

Esse mesmo informante (01), ao explicar sobre a plantação do arroz que havia na época, declarou que durante o plantio, primeiro se processava a semente, quando a semente nascia, o trabalhador arrancava-a manualmente e fazia os pacotinhos para plantar com o dedo da mão direita na lama, medido com o espaço de um palmo e pouco de um pé para outro. Levava três meses para que a semente fosse gerada. Todas as regiões do baixo ribeirão eram plantadas de arroz. As lagoas tinham as portas d'águas; o rio enchia tudo e antes dele vazar, os proprietários colocavam umas tábuas, tipo caixilhos, para que a água ficasse presa, durante o tempo necessário. Eles trabalhavam nas sementeiras do arroz para quando este estivesse com um tamanho adequado fosse removido (ou extraído) manualmente para ser plantado.

Ainda segundo o informante (01), a partir daí, começavam a soltar as águas das lagoas que escoavam, baixavam em proporção aos caixilhos e iam sendo descobertos e cobertos pela semente de arroz. A semente não era daqui, vinha do exterior para o Brasil. Alguns trabalhadores eram diaristas, apenas trabalhavam para ganhar dinheiro, outros dividiam a parte plantada. Quando colhiam o arroz plantado era separado em socas, feito pilhas, depois era transportado num lençol para o terreiro onde os homens batiam com um pedaço de madeira, depois de batido, o arroz era colocado em sacos. De acordo com a produção, o proprietário da terra tinha o percentual dele, no montante de três sacos, o trabalhador ficava com um e o proprietário da terra com dois.

A cultura do arroz foi introduzida no Brasil pelos portugueses, nos fins do século XVII, quando importaram da Índia a espécie *Oryza sativa*. Entretanto, consta na historiografia sergipana que o arroz foi plantado pela primeira vez em 1614, às margens do rio Poxim (SERGIPE, 1972, p.68).

A lagoa no terreno do informante (12) servia para a plantação de milho, feijão e arroz, em enchente grande chegava a cinco até seis metros de fundura no centro da lagoa. O milho e o feijão, eles plantavam apenas para consumo, o arroz que tinha mais com abundância não só era para o consumo, mas também vendido. O espaço destinado à plantação de arroz chegava a trinta tarefas. Para o seu plantio, trabalhavam para o proprietário oito meeiros que davam a sementeira pronta. Ao realizar o passo a passo desse plantio (semear, remover, plantar) era dividido ao meio, por exemplo, se um meeiro trabalhasse em duas tarefas, equivalentes a quatro alqueires, dois deles eram do proprietário e os dois outros do meeiro.

O alqueire corresponde a quatrocentos e oitenta quilos, são trinta e dois “salamins”, era vendido no peso pela medida de dez litros, no carregar para casa quem ensacava, cada saco oito medidas que correspondia a quatro salamins, vendia por quatrocentos e oitenta quilos ou trinta e dois salamins medidos com a medida de dez litros. O informante (12) vendeu muitos alqueires de arroz, teve ano que chegou a bater setenta alqueires, trinta e cinco dele e trinta e cinco para os meeiros, ajudava muito naquela época, mas depois que represou as águas em Xingó, as lagoas não foram mais cheias.

O milho e o feijão eram plantados manualmente, na enxada, hoje é na máquina, o processo de plantio é diferente, mais modernizado. As lagoas, quando fechavam, ficavam cheias de peixe, o trabalhador ia trabalhar e pescar. Ele pegava o peixe para se alimentar e vender. Observemos agora a forma como o pescador se posiciona diante de tal situação:

(31) [...] peixe eu vendia no caldeirão, que o pessoal pescava até quando fechava as lagoas, pegava muito peixe, aí no caldeirão às vezes eu vendia seiscentos, oitocentos quilos de peixe, peixe de qualidade, era *mandim*, era *surubim*, era *cumatá*, *mandim* [...] Às vezes até estava batendo arroz, aí via assim no caldeirão o *surubim* colocando as barbas assim de fora, a gente matava de cacete, *sururbim* de dez quilos, oito quilos, gordos. O *mandim* salgava e mãe retalhava assim, botava no sol pra enxugar, a gordura pingava no chão, torrava mesmo com a gordura do *mandim*, agora, hoje são uns peixes de viveiros... (Inf. 12)

Para esse informante (12), as águas do Rio São Francisco hoje estão empossadas porque os morros estão cheios de croas. Vejamos o que ele diz no exemplo abaixo:

(32) Eu tinha uma tia que chamava Emília. Ela dizia que teve um padre, acho que era Padre Francisco, que dizia que o Rio São Francisco ia virar poço, está virando... Tem parte que tem cem metros de fundura e tinha muita água pra um lado e para o outro, para Alagoas e Sergipe, lá onde a gente fica quando faz o passeio já é estreito, é cada morro danado, mas é fundo. Croa teve toda vida, mas quando tinha uma croa de um lado do rio, o lado de lá corria com toda força, né?... As canoas viajavam pelo canal forte, antigamente quando o rio baixava, a força d'água ficava numa parte só, croa era de uma parte só, não ficava como tá aí, ficava a croa do lado e a carreira d'água de outro lado, quando saía uma croa em Sergipe, a carreira d'água ficava em Alagoas, quando saía em Alagoas a carreira d'água ficava em Sergipe e era fundo. Andava o Comendador era um navio grande, não era um naviozinho pequeno não, era bem grande o Comendador [...]. (Inf. 12)

Explica que as croas sempre existiram. Também, em sua fala, relembra uma enchente do São Francisco, em 1960: “em sessenta teve uma cheia que atravessou o Beco de Napoleão, a minha casa caiu nessa enchente, aí eu levantei em sessenta e um, fiz toda nova, de repente o tempo passa”. A seguir um texto imagético que mostra a enchente de 1978, na região do baixo São Francisco – Gararu.



FOTOGRAFIA 3 - Cheia do Rio São Francisco no ano de 1978, em Gararu.  
 Fonte: Blog Bia Gararu<sup>9</sup>

De acordo com o relato do informante (13), durante o período de cheias, as águas invadiam não só as casas mais próximas, mas também a cidade. Os que moravam por ali conviviam diretamente com as águas do rio. A última cheia já com a construção da Hidrelétrica de Xingó foi em 2007, mas nada comparada com as cheias que tinham acontecido antes da construção das barragens. Apesar das grandes cheias, em 1970, quando no rio não existiam ainda as barragens de Xingó, Itaparica, Sobradinho, apenas a de Paulo Afonso, o rio esteve muito seco, ao ponto das lanchas grandes como a Tupan (mencionada anteriormente) pararem de navegar, pois, além de ter sido seco na região do Baixo São Francisco, foi seco no decorrer de todo o rio. Em contrapartida, em 1983, houve uma grande cheia que inundou Gararu e várias outras cidades, como Brejo Grande, Piaçabuçu, parte de Penedo, parte de Propriá e a parte baixa de Pão de Açúcar.

O informante (13) revela que ao se aproximar os meses de outubro ou novembro, era comum, nessa região, esperar-se pelas enchentes, visto que na região do Alto São

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 27/03/2017, às 18h44min

Francisco, as trovoadas aconteciam e, conseqüentemente, as águas desciam independente se no Baixo São Francisco estava seco ou chovendo. Dessa forma, as enchentes são decorrentes da quantidade de chuvas da região da nascente desse rio, isto é, o que faz o rio cheio são as chuvas que vêm do Alto e do Médio São Francisco.

O informante (13) argumenta que apesar das barragens segurarem as águas e dificultarem o aumento do nível do rio, por outro lado trouxeram desenvolvimento com a energia elétrica para os ribeirinhos, porém os impactos ambientais que o rio vem sofrendo ao longo dos anos, o desmatamento, a poluição, os agrotóxicos através da irrigação, prejudicam a sua vitalidade, considerando que a nascente do rio, na Serra da Canastra, em Minas Gerais, já chegou a secar. Fenômeno este que antes nunca havia sido noticiado. Então, antes de tudo, para que o rio siga no seu fluxo normal, precisa haver um projeto de fiscalização sobre os crimes ambientais, e de revitalização para a recuperação das matas ciliares.

Quanto ao transporte, na região do Baixo São Francisco, naquela época, era pelo rio, por meio de canoas, lanchas, navios. O informante (01) explica que para o transporte de mercadoria, os navios cargueiros de fora entravam na barra até Penedo, baldeavam a carga com canoas que saíam distribuindo mercadorias de porto em porto, em todas as cidades até Piranhas, pelo lado de Sergipe e pelo lado de Alagoas. Vejamos como o depoimento do entrevistado (01) faz referência ao transporte local da época:

(33) O transporte do Baixo São Francisco era a canoa. Na época não tinha rodagem essas canoas aí abordo do navio vinha aqueles navio cargueiro de fora entrava na barra até Penedo aí baldeava a carga com essas canoas... Essas canoas saíam distribuindo essas mercadoria de porto em porto todas cidades até Piranhas pelo lado de Sergipe e pelo lado de Alagoas era canoa de toda e na parte mais perto aonde as canoas grande andavam tinha outro tipo de canoa menor chamado Chata. As velas eram diferentes também era canoa de transporte e isso acabou... O navio que nós chamávamos do Comendador... O Comendador afundou-se no porto de Penedo em setenta e sete, ele era um transporte de Penedo a Piranhas era cheio de gente pra cima e pra baixo aí foi diminuindo... diminuindo... diminuindo até que não compensava mais a despesa aí depois parou aí ficou a empresa Tupan... mas isso com o decorrer do tempo já não compensava... aí também pararam foi quando começaram as estradas de rodagem de um lado e de outro [...] (Inf. 01).

O informante (12) diz que o Comendador era um navio grande, a empresa Tupan tinha a primeira e tinha a segunda, eram lanchas grandes, com quatro camarotes para dormir, eram lanchas luxuosas, organizadas, e ofereciam almoço. Nos dias de hoje, o barco é o meio de transporte mais utilizado pelos ribeirinhos de Gararu para se transportarem aos municípios vizinhos de Alagoas.

Em relação à produção de algodão da região Sergipe e Alagoas, que também era uma cultura muito forte no município de Gararu, da margem do rio até uma média de quinze a vinte quilômetros para o interior, toda produção era escoada para as indústrias têxtil. Esses dois estados produziam muito algodão que abastecia quatro fábricas de tecido, uma em Propriá, a Brito; a Têxtil em Neópolis; a Penedense em Penedo e a Marituba na barra da Aranjeira. Eram as quatro que existiam, mas que depois faliram, pois a produção do algodão acabou-se, por não compensar comprar fora, fecharam-se as fábricas.

Quanto à religiosidade em Gararu, começou desde os primeiros habitantes que ergueram uma capela em louvor ao Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos, que segundo Pereira (2004), teve início aqui no Brasil no período quinhentista. A partir da colonização portuguesa vieram padres jesuítas e outras ordens religiosas para iniciar a catequização dos indígenas. A devoção ao Bom Jesus foi desenvolvida principalmente com os mais pobres, numa espécie de identificação com o Cristo sofredor se tornando popular entre os marginalizados pelo sistema colonial.

A festa religiosa em Gararu em devoção ao Bom Jesus dos Aflitos ocorre desde 1875. Segundo Rocha (2014), sobre entrevista feita ao senhor Geraldo Vieira de Melo, afirma que a partir de 1977, o senhor Geraldo teve a iniciativa de criar no município de Gararu a festa do Bom Jesus dos Navegantes, agregando-se ao Bom Jesus dos Aflitos numa só realização. A festa é realizada com missas durante nove noites no mês de janeiro, no décimo dia há uma procissão pelas águas do Rio São Francisco e outra por terra, enquanto o Bom Jesus dos Navegantes segue por via fluvial, Bom Jesus dos Aflitos fica na Igreja esperando a procissão por terra.



FOTOGRAFIA 4- Procissão com o Bom Jesus dos Aflitos.  
Fonte: Blog Bia Gararu<sup>10</sup>



FOTOGRAFIA 5- Chegada da procissão do Bom Jesus dos Navegantes.  
Fonte: Blog Bia Gararu<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 27/03/2017, às 18h45min

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 27/03/2017, às 18h46min

As croas ao longo do município de Gararu, como por exemplo, a da Genipatuba, Cabaceiro, Oiteiro, Lagoa Primeira e na cidade de Gararu, sempre foram pontos turísticos para os moradores das cidades vizinhas e também para o próprio povo gararuense. Essas croas movimentavam o comércio com venda de bebidas e comidas em finais de semana e feriados, mas com a água rasa e a criação de ilhas no meio do rio, o turismo foi prejudicado, pois não tem lugar propício ao banho, além de alterar o costume dos ribeirinhos de frequentar o rio como o melhor passeio para fazer com amigos e família. Ao longo do rio, percebe-se o quanto está raso e cada vez mais com o nível baixo de suas águas, há trechos em que não dá para ver o canal do rio do lado de Sergipe, só do lado de Alagoas.

#### **4.2.2 O Baixo São Francisco: a pescaria como uma das atividades mais antigas e tradicionais da região de Gararu**



FOTOGRAFIA 6 –Pescador e criança num bote em enchente de março de 1986.  
Fonte: Blog Bia Gararu<sup>12</sup>

O rio São Francisco, popularmente conhecido por “Velho Chico”, nasce na Serra da Canastra (Minas Gerais). Possui uma extensão de 2800 quilômetros e atravessa os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. O rio São Francisco desemboca no Oceano Atlântico e possui vários rios afluentes em sua bacia hidrográfica:

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<http://beatrizcruzsantos.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 27/03/2017, às 18h47min

Abaeté, das Velhas, Paraopeba, Jequitaiá, Paracatu, Verde Grande, Urucuia, Carinhanha, Corrente e Grande. O São Francisco possui uma grande importância econômica na região por onde passa, pois, é usado para navegação (em alguns trechos), irrigação de plantações e pesca.

O rio São Francisco é um dos mais importantes cursos d'água do Brasil e da América do Sul. O rio passa por cinco estados e 521 municípios. Seu percurso atravessa o estado da Bahia, fazendo sua divisa ao norte com Pernambuco, bem como constituindo a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas e, por fim, deságua no oceano Atlântico, drenando uma área de aproximadamente 641 000 km<sup>2</sup>. Seu comprimento medido a partir da nascente histórica, a Serra da Canastra, é de 2 814 km. Esse rio atravessa regiões com condições naturais das mais diversas e tem seis usinas hidrelétricas. Ao longo de seu percurso, o rio se divide em quatro trechos: o Alto São Francisco, que vai das cabeceiras até Pirapora (MG); o Médio, de Pirapora até Remanso (BA); o Submédio, de Remanso até Paulo Afonso (BA); e o Baixo, de Paulo Afonso até a Foz.

Segundo o *Caderno da Região Hidrográfica do São Francisco* (Brasil, 2006), a água do São Francisco representa cerca de 2/3 da disponibilidade de água doce do Nordeste brasileiro segundo o Projeto Áridas (1995), daí sua importância e as pressões a que está sujeito. No fim dos anos 1990, já havia desaparecido 66% das matas originais na Bacia desse rio e a redução da produção pesqueira no Baixo São Francisco em 90% devido aos sucessivos barramentos no curso do rio. Além do desmatamento, três fatores exercem pressão sobre a qualidade da água: a crescente urbanização, a expansão da indústria e a mecanização da agricultura.

Para o *Caderno da Região Hidrográfica do São Francisco* (Brasil, 2006), à montante de Xingó (no Alto, Médio e Submédio), o trimestre mais chuvoso é de novembro a janeiro, contribuindo com 53% da precipitação anual, enquanto o período mais seco é de junho a agosto. Porém, existe uma diferença marcante na ocorrência do período chuvoso no Baixo São Francisco, que se estende de maio/junho a agosto/setembro. Ainda relacionada ao clima, cabe destacar uma área relevante, a qual extrapola o âmbito da Bacia, que é o semi-árido. Este é um território vulnerável e sujeito a períodos críticos de prolongadas estiagens, que apresenta várias zonas geográficas e diferentes índices de aridez. As frequentes e prolongadas estiagens da região têm sido responsáveis por êxodo de parte de sua população. A região semi-árida ocupa cerca de 57% da área da Bacia, abrange 218 Municípios que possuem sede na Bacia. Situam-se majoritariamente na região Nordeste do país, alcança um trecho importante do norte de

Minas Gerais. Somente três Municípios da região semi-árida têm população superior a 100.000 habitantes: Petrolina (PE), Arapiraca (AL) e Juazeiro (BA).

As águas do Rio São Francisco representam para muitas famílias uma fonte de renda e trabalho, pode ser até mesmo a única. A profissão de pescador é uma das mais antigas e tradicionais da região de Gararu, localizada no Baixo São Francisco. Os pescadores artesanais desempenham essa função por ser algo passado de geração em geração ou simplesmente por uma questão de necessidade, por não ter outros meios para se garantir a sobrevivência.

Essa profissão sempre foi sustentada por causa da grande abundância de peixe que sempre existiu no rio, essa abundância era ocasionada, principalmente, por conta dos períodos de cheias naturais. No mês de outubro, novembro e dezembro havia a época da cheia, momento em que se concentrava uma enorme quantidade de água que chegava a ultrapassar os limites normais das outras épocas do ano, no mês de março o rio vazava.

Como explica o informante (01), no período das enchentes, se dava também o período da piracema dos peixes. Era quando eles reproduziam devido à água barrenta. Na água limpa, os predadores naturais dos peixes, como a traíra e a piranha, capturam a sua produção, o que diminui o número de pescado que o pescador costumava fazer. Quando o rio vazava, os peixes eram mais numerosos, pois conseguiam reproduzir na época da piracema. Suas reproduções dependiam da força da água que deveria estar forte, pois só nadando contra as águas que o peixe desova. Por isso que o local do rio onde mais tem força d'água é o mais propício à desova.

Segundo relatos de alguns pescadores, os peixes também se concentravam nas enchentes das lagoas, onde os pescadores eram convidados a pescar quando o rio vazava, a água ficava presa com uns caxios, espécie de coitos. As enchentes das lagoas, que também serviam para a plantação de arroz, funcionavam como formas de armazéns dos peixes e quando o rio ia baixando eram liberados com a retirada dos caxios que prendiam a água, a porta d'água, os peixes concentravam-se no lugar mais fundo da lagoa, daí, ser chamado de caldeirão.

Dos peixes que os pescadores eram acostumados a pescar, poucos se encontram nos dias de hoje, como o surubim, mandim, pirá, capadinho, tilápia, tubarana, aragu, cumatá, bambá, chira, tubi, sarapão, crumatá, piau, pacamão, níquim, piranha, pilombeta, pirago, piaba, tambaqui, pacu, pirambeba, traíra, cutia, camarão, tucunaré, aratanha, sapateiro, fia, robalo, camarupim e outros. Os pescadores utilizam várias técnicas para capturá-los, como rede, tarrafa, anzol, cerco, caceia, covo, minhunsa, ingarea, travessia,

poita, etc. Eles costumam pescar à noite. Houve épocas em que saíam viajando, por exemplo, uma semana, a fim de pescar o peixe. O informante (10) relata que por não haver o gelo para conservar o produto pescado, tratavam-no e já tinham que o salgar. O peixe tanto servia para o consumo, como para a venda nas casas das pessoas ou nas feiras livres locais. Devido à grande quantidade, às vezes, o peixe era doado, pois, poderia perder (estragar).

Segundo o informante (13), em 30 de maio de 2007, um grupo de pescadores se reuniu para fundar a colônia de pescadores, a Z-18, com o intuito de se organizar, porque antes a maioria dos pescadores do município de Gararu e vizinhança era afiliada em Propriá (SE) e Traipu (AL). Dessa maneira, os pescadores tinham dificuldades grandes de se mobilizarem de uma cidade para outra, já que viviam exclusivamente da pesca. Não eram sindicalizados pela dificuldade que tinham para ir a Propriá ou até mesmo Traipu. Com essa fundação, eles puderam regularizar os documentos e se legalizar, apesar de que ainda se encontram pescadores de Gararu registrados em outras colônias de Propriá e Traipu.

A colônia torna-se importante para eles, porque é uma forma de organização conjunta, coletiva, podendo reivindicar seus direitos, e, assim, ter esses direitos sociais garantidos, pois sem a colônia não tem como ter garantia desses direitos sociais, nem de reivindicarem. Os benefícios sociais oferecidos pela colônia aos sindicalizados são aposentadoria, auxílio-doença, salário maternidade, auxílio-reclusão, além disso, precisam contribuir também com o governo através do GPS (Guia da Previdência Social) e da contribuição sindical, não obrigatória.

Ao se associar à colônia, o pescador preenche um formulário, declarando ser pescador, que vive da pesca como profissão única. Essa declaração deve ser assinada pelo solicitante e reconhecida a firma em cartório. Além disso, há, também, o preenchimento do formulário de um documento do governo que depois de assinado, o pescador já pode ser membro do sindicato. Os documentos exigidos são a identidade, CPF, título de eleitor, comprovantes de residência e duas fotos. Depois cadastra na Receita Federal para fazer o SEI (Sistema Eletrônico de Informações) e encaminha o cadastro para o INSS para poder fazer então o nit de segurado especial.

O informante (13) diz que a partir do dia primeiro de novembro ao dia 28/ 29 de fevereiro é proibida a pesca, por ser a época da piracema. Quando os peixes estão desovando, e como os peixes vêm diminuindo muito, cada vez mais, nessa época, eles se recompõem e ficam vulneráveis por conta da desova; fica mais fácil de serem pegos. Por

isso, nesse período a pesca é proibida. Por conta disso, o governo paga um salário a cada mês para o pescador proibido de pescar, são quatro meses de proibição, ou seja, ele recebe quatro meses de compensação salarial pelo período que está parado, sem pescar, de forma alguma. Aquele que estiver pescando, nessa época, estará ilegal, cometendo uma infração.

Em consonância com alguns depoimentos, são inúmeras as dificuldades dessa profissão, de pescador. Tal atividade, da pesca, quando se processa de forma correta, adequada, não ofende o meio ambiente, mas por depender da natureza do rio São Francisco, os desafios ao longo do tempo são determinantes para o futuro da profissão, dado que o rio, cada vez mais, seca, diminui, e, com o rio seco, os peixes ficam mais difíceis ainda. A tendência é que os peixes se acabem porque a água está diminuindo, apesar de ainda ter muita água. Antes, o que contribuía bastante com o aumento dos peixes eram as lagoas que enchiam periodicamente e serviam de berçário de aumento dos peixes que iam para o rio. Outro fator que também pode ser apontado é a quantidade de pescadores que aumentou. O esforço para pegar o peixe está cada vez mais complicado, até porque várias espécies não se encontram mais no rio. Em contrapartida, o *pacu* era um tipo de peixe que ninguém queria, que quando pegava, soltava, hoje, estão pegando não só para comer, mas também para vender.

Segundo opinião de pescadores, outro problema que eles enfrentam é a pesca criminosa, isto é, pegar peixes com veneno, uma vez que, algumas pessoas cozinham o arroz com veneno e o jogam no fundo do rio. O tipo de peixe chamado de *Piau* é o que mais acaba morrendo. Peixes que a piranha venha a morder acabam morrendo também, além dela própria. Esses pescadores pegam 80% dos peixes, os outros se perdem, porque descem. Para o informante (13), são pessoas de Propriá, Amparo e Colégio, que já foram identificadas e denunciadas, mas as autoridades não tomaram providência, ainda, ocasionando, dessa forma, grande prejuízo pela perda, em quantidade. O valor desses peixes por causar mal à saúde (dor de barriga, dor de cabeça, diarreia) cai, por exemplo, muita gente que consome esse peixe adocece. A colônia dos pescadores tem avisado sobre o risco de se consumir peixes envenenados e orienta para que as pessoas não comprem nessas condições. Há outros tipos de pesca, que são predatórios: a pesca de arpão, a pesca de batida, a pesca de chucho e a pesca de malha. Aqueles que pescam com malha fina pegam peixes pequenos, esse tipo de pesca predatório também é proibido.

Para o informante (13), outras situações graves que vêm ameaçando a profissão de pescador dizem respeito ao período de escassez da chuva. A tendência é, cada vez mais, o rio ir secando, pois, a irrigação e o consumo humano, quando se juntam, chegam

ao ponto de acabar com o que “sobrou”. Continua explicando que, além disso, a revitalização do rio não saiu e o desmatamento das matas ciliares vem prejudicando muito, aumentando ainda mais a vazão do rio, pois tem várias cidades, ao longo do seu percurso, que não têm tratamento da rede de esgoto. As empresas jogam agrotóxicos nas suas águas, através dos tratores que botam veneno e captam a água do rio. É outro crime ambiental que acontece, pois as autoridades não têm tomado providências, mesmo já tendo denúncia desse tipo. Os prejuízos com a qualidade da manutenção das águas desse rio são imensos, mas a esperança é que chova nas cabeceiras para poder então, “lavar”, encher de novo. Observemos o depoimento a seguir:

(34) Então são muitas maldades para esse rio, não sei como esse rio já não morreu, ele é muito forte, a gente espera... Pede a Deus que como choveu muito nessa região que chova nas cabeceiras pra poder então encher, lavar a água do rio que já não é mais a mesma, não é recomendável, mesmo que seja tratada da DESO [Companhia de Saneamento de Sergipe], por outro lado, os pescadores e os ribeirinhos não recebem nenhuma compensação pela água que a DESO capta como de Alagoas e de Sergipe e de outros estados, não têm benefício, porque eles pegam aquela água e vendem e ganham dinheiro como a CHESF é milhões que recebe e não tem benefício social para os ribeirinhos e nem pescadores, esse rio é uma fonte de riqueza pra muita gente... Muita gente vive exclusivamente desse rio, a maioria pescando, outros transportando passageiros ou fazendo outro tipo de negócio, como irrigação, e enche a barriga de muita gente, não é pouca não. A tendência de não chover nas cabeceiras, na parte de cima do rio, do médio ao alto, porque na região baixa ele pode subir, mais depois voltar, o que faz o rio cheio são as chuvas que vêm do alto São Francisco e do médio também [...] (Inf.13).

Como diz o informante (13): “esse rio é uma fonte de riqueza pra muita gente... Muita gente vive exclusivamente desse rio”. Para ele, a maioria sobrevive do pescado, e outros do transporte de passageiros ou mercadorias entre as cidades do baixo São Francisco, ou fazendo outro tipo de negócio, como, por exemplo, trabalhando na irrigação.

Partindo dessas breves reflexões acerca do elo existente entre o Rio São Francisco e pescadores do município de Gararu e tendo como pressupostos teórico-descritivos estudos desenvolvidos acerca de memória e argumentação retórica, no tópico seguinte, apresentamos a parte central da análise dos dados coletados.

### 4.3 Memória coletiva, argumento pragmático e *ethos* discursivo: análises de relatos de pescadores do baixo São Francisco/Gararu

Nas análises a seguir, vale ressaltar, mais uma vez, que consideramos a importância de perceber o contexto e a situação na qual o argumento está inserido. Contudo, não buscamos a certeza e a verdade na análise, pois a visão que o orador se utiliza para se colocar diante dos fatos são apenas hipóteses consideradas na representação de um caminho possível de análise. Nesse ponto, vale dizer que o contexto argumentativo influencia a prática da linguagem que o enunciador utiliza para imprimir uma imagem de si no discurso.

Entendemos e concordamos que as mesmas técnicas de argumentação são encontradas em todos os níveis de contextos, monitoradas ou não, seja em situações mais elaboradas, ou nas do dia a dia, pois, não há *a priori* a proposta de utilizar essas técnicas para argumentar sobre algo, contudo, ainda assim, acabam as utilizando. A importância do argumento está na qualidade dos espíritos que a ele aderem. Desse modo, mostramos nos relatos que os pescadores argumentam e se utilizam da técnica do argumento pragmático, mesmo sem especular sobre isso.

No tocante ao argumento pragmático, sua autenticidade é comprovada via experiências oriundas de situações concretas do cotidiano e aceitas como reais, pois podem ser constatadas pelo auditório como existentes. Com base nesse raciocínio, desenvolvemos nossa análise, associando o tipo do argumento, presente no *logos*, com a relação estabelecida entre o *ethos* e o *pathos*. Essa relação propicia uma identidade coletiva, discursiva, comum aos dois, a partir de uma mesma *doxa*.

Consideramos, também, a memória como representação e construção social, prevalecendo uma consonância que parte do grupo dos pescadores no presente, em relação às mudanças das quais presenciavam no passado. Diante desses apontamentos, partimos para nossa primeira análise. Para ilustrar, examinemos o relato seguinte:

(35) O arpão eu sou contra... A pescaria que chamam de espingarda, né? Na pescaria de bata, coloca a rede, faz um círculo e deixa o peixe doido, aí, os peixes correm pra um lado e pra outro, uma parte que vai pra rede o cara pega, a outra parte que foge ninguém vê mais, o que eu pesco é honesto, faço o certo, né?... Já eles não, estão colocando até veneno no rio, uma mulher pegou em Propriá um *piau* [um tipo de peixe], estava lavando pano, levou pra casa e tratou pra comer e o marido disse pra ela não comer ainda estava meio vivo, ela disse que ia comer aí fritou o *piau*, mas

disse que não ia comer não, aí deu ao gato, o gato comeu, no outro dia o gato amanheceu ruim, se a mulher come o *piau* tinha morrido, pronto, aí pra baixo ninguém quer comprar *piau* mais, de Amparo pra lá, os caras que estão fazendo essas armadas é de lá, Amparo, Propriá, Colégio, pra cá não, em Gararu não, se alguém tiver fazendo isso aqui é que vem de lá, os traficantes do rio vem da praia, estão vindo de lá esculhambar com o sertão, se não tiver uma fiscalização, vai chegar ao ponto da gente querer pegar um peixe e não conseguir pegar. Já tem pouco e o pouco que tem já quer acabar, lá na banda da praia ninguém pega *piau* não, porque o veneno onde passa acaba, aí eles não pegam lá e vem pra cá, pra esculhambar. Uma coisa que eu ainda queria ver era o rio cheio. né? Com muito peixe, o que eu quero ver é isso, acabar com esse movimento de arpão, a bata, arpão e esses venenos que estão colocando no rio para matar o peixe, né? ver esse rio cheio é uma bênção (Inf. 06).

O contexto (ou situação) exposto no relato (35) se refere às práticas ilegais que têm sido presenciadas no rio São Francisco. Atividades essas que fazem parte da realidade da comunidade gararuense. A pescaria de arpão, por exemplo, vem sendo muito praticada por pescadores mais atuais (*O arpão eu sou contra... A pescaria que chamam de espingarda, né? Na pescaria de bata, coloca a rede, faz um círculo e deixa o peixe doido, aí, os peixes correm pra um lado e pra outro, uma parte que vai pra rede o cara pega, a outra parte que foge ninguém vê mais, o que eu pesco é honesto, faço o certo, né?...*). Isso prejudica a produção do peixe. Essa prática tem crescido, cada vez mais, por falta de fiscalização. Segundo o depoente, muitas pessoas compram os peixes pescados dessa maneira. Elas não fazem a diferenciação do tipo da pesca, justificado, na maioria das vezes, para não prejudicar financeiramente o pescador, já que não há muitas alternativas de garantir a renda mensal. Essa nova realidade se confronta com a realidade percebida em tempos passados ([...] *o peixe eu vendia no caldeirão, que o pessoal pescava até quando fechava as lagoas, pegava muito peixe, aí no caldeirão às vezes eu vendia seiscentos, oitocentos quilos de peixe, peixe de qualidade, era mandim, era surubim, era cumatá, mandim* (inf. 12), em que os esforços eram menores para encontrar peixes no rio. Esse contexto também diz respeito à *pescaria de bata*, menos praticada, mas, também, prejudica-os, devido ao desperdício provocado, pois nem todos os peixes atingidos são pegos. Mais grave, ainda, é o veneno colocado no rio que, além de todos esses prejuízos já citados, causa problemas de saúde aos consumidores e mata os peixes de forma mais avassaladora.

Dentro desse contexto, o orador (informante 06) se apropria de uma *doxa* comum entre os que valorizam o correto, evidenciando valores em comum entre ele e seu interlocutor (a partir da imagem que ele faz do *pathos*), e buscam estabelecer uma identidade com o auditório, a partir da ideia prévia que se faz dele. Para Amossy (2016, p. 123-4), “é mediante um trabalho sobre a *doxa* que o orador tenta fazer seu interlocutor partilhar seus pontos de vista”. Dessa forma, podemos dizer que a *doxa* é um elemento indispensável às trocas verbais (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005) que realizamos diariamente tanto em situações institucionais quanto em contextos informais.

No fragmento (35), percebemos que a *pescaria de arpão e de bata* é realizada por pescadores gararuenses, no entanto, não é praticada por esse informante (06), pois a partir do *ethos* dito, que pesca honestamente, diz fazer o certo e, além disso, é contra esses tipos de pesca, ele busca ser avaliado positivamente (*o que eu pesco é honesto, faço o certo, né?...*), considerando que esses sejam, também, os princípios do *pathos*, além de utilizar a figura de presença, se coloca dentro do próprio texto/discurso. Por seu relato estar sendo inserido em um trabalho acadêmico de uma universidade, o locutor entende a entrevistadora como séria, avaliadora, por causa do propósito que a fez realizar esta entrevista, isto é, compartilha o conjunto de valores, evidências e crenças, do auditório. Essa maneira de dizer está atrelada a uma maneira de ser, que considerada na cena da enunciação, imprime uma verdadeira construção de uma imagem de si, modificando a estereotipagem de pescador mentiroso, pois legitima sua fala com um saber extradiscursivo que é inerente ao saber da profissão.

Quanto ao uso do veneno no rio, segundo o locutor, tal prática não é desenvolvida pelos pescadores de Gararu, mas por outros da redondeza, que acabam prejudicando a venda dos peixes e conseqüentemente a profissão de quem pesca, visto que, cada dia mais, se torna difícil pegar o peixe. Para o informante, *se alguém tiver fazendo isso aqui [Gararu] é que vem de lá [Amparo, Propriá, Colégio], os traficantes do rio vem da praia, estão vindo de lá esculhambar com o sertão, se não tiver uma fiscalização, vai chegar ao ponto da gente querer pegar um peixe e não conseguir pegar. Já tem pouco e o pouco que tem já quer acabar, lá na banda da praia ninguém pega piau não, porque o veneno onde passa acaba, aí eles não pegam lá e vem pra cá, pra esculhambar [...]*.

Esse argumento revela também o estabelecimento de uma identidade entre orador e auditório de acordo com a ideia prévia de que o orador faz do público (auditório) aquilo que vai contribuir na/ para a consolidação do *ethos*. A utilização desse tipo de argumento

promove a persuasão por ser apoiado na realidade e, assim, estabelecer uma identidade com o auditório.

Essa realidade atual, oposta à realidade de quando pescava em tempos passados, demonstra as consequências desfavoráveis de atos praticados por pescadores que precisam pegar o peixe, que está cada vez mais difícil, e recorrem a técnicas prejudiciais ao meio ambiente. No próximo fragmento, o mesmo informante relembra a quantidade de peixes que já havia pegado em outras pescarias:

(36) Antigamente vendia e dava também, já cheguei aqui numa pescada só [...] pegar uns cem quilos de peixe, sozinho mesmo, [...] sozinho e Deus, quando terminei de apanhar a rede estava quase se afundando de peixe. Tinha a *cutia*, a *chira*, lá em Belo Monte mesmo, um isopor de cento e vinte litros eu enchia ele... sozinho e Deus. Teve um sábado que eu cheguei aqui [Gararu] peguei uns oitenta quilos de *piau* (Inf. 6).

Diferente das primeiras conclusões relacionadas aos argumentos avaliados desfavoravelmente do tempo presente, esse fragmento (36) relacionado ao tempo passado não só confirma a imagem preexistente do locutor ou *ethos prévio* (pré-discurso), mas também demonstra casos de exagero ao relatá-los. Diante da mesma situação argumentativa, com diferença no tempo do relato, percebemos que nessa época não se tinham esses problemas atuais, daí o informante não necessitar “dizer” um *ethos* para ser construído. Ou seja, “não se trata mais da construção de uma imagem de si no discurso, mas de um conjunto de atitudes mostradas tanto no discurso quanto nos posicionamentos do ser empírico” (AMOSSY, 2016, p. 141). De igual modo, confirma o *ethos prévio* de religioso, quando revela que “*sozinho e Deus*” pegava muitos quilos de peixe. Esse *ethos pré-discursivo* influencia também na construção do *ethos* dos pescadores.

Vale ressaltar o que Weiduschadt e Fischer (2009) alertaram sobre saber lidar com realidade-ficção, pois o pesquisador quando tenta reconstruir o passado, deve reconstruir a história, considerando um passado que omite partes, extrapola fatos, ou mesmo, corta fragmentos de um todo maior, o que acarreta em não estar, necessariamente, reproduzindo acontecimentos com fidedignidade. No tocante a extrapolar fatos, quando constatamos exageros nos relatos dos pescadores, nesse caso, podemos também atrelar esse exagero a confirmação do *ethos prévio* através da estereotipagem, que nos faz pensar o real por meio de representações sócio-históricas e culturais preexistentes. Vejamos, no excerto abaixo, um momento no qual o pescador/informante se propõe a reconstrução de dados

fornecidos pelo presente da vida sócio-cultural que o leva a recomposição de fatos do passado referente à pesca no Baixo São Francisco, sobretudo, na região de Gararu.

(37) O rio era cheio... né? Não era cheio de ilha como hoje, de banco de areia, tinha os canais, hoje nem as navegações grandes não viajam mais por falta de água, tudo é baixo né? E problema de peixe naquela época havia com abundância, água barrenta, e o peixe sem água barrenta não produz... Sem água barrenta não produz, sem cheia no rio não tem produção de peixe, não tem piracema, o peixe é uma espécie que depende da água barrenta, enquanto as outras espécie de animais e tudo é pasto, o peixe justamente a sobrevivência dele é a água, mas quando tem água barrenta, quando a água limpa assim, o predador que é a piranha devora o peixe. *Tucumatá* que nós chamamos *mandim* acabou, *surubim* é coisa do passado, *tubarana* que é conhecida como *dourada* também acabou, *pirá* era um peixe azul de couro do bico fino, ele crescia até catorze, quinze quilos, era um peixe que só vivia gordo também esse acabou, já faz muito tempo o *capadinho* era o *mandizinho* pequeno, branquinho, gordinho não existe mais, basta um trazido do alto ainda tem, mas no baixo não tem, a melhor parte hoje... Não tem mais vantagem de peixe, não tem mais abundância, acabou, hoje ainda resta o *piau*, ainda resta a *tilápia*, porque a *tilápia* não é natural daqui, a *tilápia* migrou, veio de outra parte, ela veio de um açude do Ceará chamado Oróis, numa grande cheia que teve lá, rompeu a barragem e ele, o São Francisco, era a bacia dele, desceu para o São Francisco com todo tipo de peixe que tinha lá, mas com vantagem mesmo era a *Tilápia* e essa existe hoje, ainda, continua né, e até em grande quantidade, não é grande, são pequenas, mas ainda tem em grande quantidade, o *piau* ainda tem e o resto acabou-se, porque o *aragu* era um peixinho pequeno parecido com o peixe *cumatá*, *bambazinha* como chamamos, o *cumatá* pequeno chamamos de *bambá*, *aragu* era parecida acabou também, o *tubi* acabou, o *tubi* era um peixe parecido com o *sarapão*, vocês não sabem o que é *sarapão*, é um peixe comprido da calda fina, a calda bem comprida, também acabou, e pra falar bem a verdade oitenta a noventa por cento do peixe daqui do Baixo São Francisco acabou, não existe mais, de jeito nenhum, em canto nenhum, hoje, esses pescadores novos de hoje não conhece esse tipo de peixe que eu estou falando, o *pirá* alguns ainda conhecem, viu por acaso, a *tubarana* que é a *dourada* essa quando o rio enchia subia de cardume, porque o peixe anda sempre contra as águas quando é no tempo da piracema pra desovar, pula as cachoeiras pra desovar naquelas parte assim, acho que já viram na televisão né? Nesse processo, o peixe só anda contra as águas (Inf. 01).

Nesse fragmento (37), o locutor começa sua fala, trazendo lembranças de fatos presenciados à época do rio cheio, em que havia a possibilidade de navegação de grandes embarcações, como também os variados e numerosos tipos de peixes decorrentes do fenômeno da piracema oportunizado por causa da água barrenta (*o rio era cheio, né? [...] o peixe naquela época havia com abundância, água barrenta, e o peixe sem água barrenta não produz... sem cheia no rio não tem produção de peixe, não tem piracema, o peixe é uma espécie que depende da água barrenta,*). Ao tempo que relata esses fatos, contrapõem aos dias de hoje, valendo-se do argumento de que a realidade mudou devido à falta de água, já que as consequências desfavoráveis da criação de ilhas e da água limpa impedem navegações maiores no rio. Essas lembranças e/ou memórias, que estão relacionadas a um saber extradiscursivo do pescador, revelam conhecimentos específicos da profissão avaliados de acordo com suas experiências. Conhecimentos esses nos mostram que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, pensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (LIMA, 2008, p. 104), indicando como a partir da memória, o cotidiano vivido pode ilustrar a construção de uma história.

Esse contexto situacional apresentado no fragmento (37) busca retratar um passado de quem viveu nele, demonstrado, sobretudo, pelos numerosos tipos de peixes que existiam, àquela época, e não existem mais. Nesse sentido, a construção do *ethos* se estabelece na valorização desse contexto passado e na constatação de que os pescadores mais jovens vão sofrer com as consequências desfavoráveis avaliadas segundo experiências desse pescador.

A constatação da realidade, no passado, ser melhor do que a atual, devido a abundância de peixes existentes, remete-nos aos lugares da quantidade, que segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), por serem entendidos quando se considera uma coisa ser melhor que outra por questões quantitativas, os números maiores são utilizados para demonstrar lucros e benefícios em relação a outros menores, e assim o discurso se constitui persuasivo. Percebe-se também, na realidade dos pescadores, a relação entre quantidade e qualidade, visto que a abundância de peixes proporcionava uma melhor qualidade de vida para a comunidade.

Na teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), os fatos são caracterizados por se ligarem a uma realidade objetiva e por serem comuns a vários seres pensantes, isto é, podem ser comuns a todos. As informações colocadas pelo informante (01) de que a piracema é prejudicada pela água limpa e que, conseqüentemente, os predadores devoram

os peixes que iriam reproduzir e se associam a uma autoridade institucional do pescador, dando-lhe credibilidade de que o que fala é verdadeiro, são comprovadas, estendendo-se essa noção a todo relato.

Apesar de apresentar uma memória muito específica às vivências da profissão, o argumento utilizado na comparação dos tempos passados com os atuais, também, estabelece uma *doxa* comum com o *pathos* (a pesquisadora é da região, o que facilita essa aproximação), já que a avaliação desfavoravelmente feita às consequências atuais, como o próprio tipo de argumento (pragmático) propunha é algo notório pelos ribeirinhos do Baixo São Francisco (auditório particular). Nesse sentido, há uma incorporação pelas representações sociais e culturais entre o enunciador e o coenunciador, a qual compartilha de uma realidade enfrentada e entendida pelos ribeirinhos de Gararu e ativa os lugares-comuns, uma identidade típica de quem vive neste lugar. O relato desse informante também é utilizado no tópico sobre a “Contextualização: a relação dos ribeirinhos de Gararu e o rio São Francisco”, devido ser um dos moradores mais antigos da cidade, desse modo, percebe-se que seu saber extradiscursivo é legitimado nas relações cotidianas.

Seu *ethos* é construído pelo engajamento, relevância, credibilidade do que relata diante das situações vividas de acordo com a memória construída de um passado a partir de interesses e preocupações desse grupo e do indivíduo, aliado aos argumentos desfavoráveis do presente. Contudo, ao descrever os variados tipos de peixes que não existem mais, o informante (01) confirma o *ethos prévio*, cristalizado socialmente, quando diz que oitenta a noventa por cento do peixe do Baixo São Francisco acabaram.

- (38) E o que mais acaba a gente hoje são os venenos que tão botando, esse acaba na foguitude, quem tiver deste tamanho hoje, quando tiver assim, vamos dizer assim, quando chegar no ponto de entrar na água como tá com o veneno, ele não vai precisar se tornar mais pescador, porque não tem pra que, hoje, pra mim, é a coisa mais triste que tá acabando o rio é o veneno, ele é brabo, pode conversar com um pescador aí, pescador que só vive das águas, a primeira coisa que ele reclama. Por que a pescaria de cerco acaba né? Não, não, acaba não, porque a gente joga uma rede aqui né e larga o cacete, bate pan, pan, pan, pan, muitos vão malhar, mas muitos se entocam no mato [...]. Também acaba muito essas ilhas que tem no meio do rio que acabou, porque de primeiro a gente via, né? No rio sempre teve ilha, croa, mas sempre teve o canal fundo, andava uma lancha, andava uma canoa e hoje não tem mais, devido ao rio tá seco, que a maioria do nosso peixe aqui, a gente diz o nosso peixe aqui é do rio, mas a maioria vem da praia, o *robalo*, esse *camurim* vem do mar, então ele precisa do

canal fundo pra vim, com a vasão que tem, eles não tem mais como subir, camarão não, nosso camarão é do rio, tudo bem, de água doce, mas ele nasce lá na praia, a gente via as beiradas cheias de *camarãozinhos*, *aratanhas* subindo, né? Hoje ninguém vê mais todo tempo, né?, que aqui tinha a época do *camarão* né, hoje não tem mais, eu sou pescador de *camarão* hoje aqui, mas se nós formos caçar direitinho não é *camarão* não, é *sapateiro*, o *camarão* aqui não tem não senhor, pronto, torrei aqui nesse instante, talvez só veja três, quatro *camarões* aí dentro, é só aquele *camarão* da mão grossa, que a gente chama *sapateiro*, ele é bom também, mas não é *camarão*, esse toda vida viveu aqui, o que vem de baixo ele não sobe mais, não tem por onde, acabou-se, acabou-se... então do jeito que essa vasão tá indo, daqui a mais dez, doze anos ninguém sabe se ele ainda tá correndo [...] (Inf. 02).

O problema do veneno, mais uma vez, é relatado como algo que dificulta o desempenho da profissão de pescador, devido a forma avassaladora que destrói os peixes, implicando na falta de formação de novas gerações de pescadores, já que estes não serão mais necessários diante da nova realidade observada pelo pescador. Esse argumento é apresentado como o principal motivo para que o rio acabe, mas legitimado apenas por aqueles *que só vivem das águas*, ou seja, os verdadeiros profissionais, pescadores que não compartilham de outra fonte de renda para sobreviver. Diante disso, percebemos que se os pescadores têm o rio como única fonte de renda, conseqüentemente, eles não lhe farão mal, colocando veneno em suas águas. Os que fazem isso devem ter outros meios de sobrevivência.

Diferente do fragmento (38), este informante (02) não coloca a pescaria de cerco (bata) como um indício de um tipo de pescaria que prejudica os peixes, levando-os, na maioria das vezes, à própria morte. Contudo, nem todos (os peixes) morrem, visto que muitos deles conseguem sobreviver. Esse informante (02/38), um pescador desse tipo de pesca, e, diante disso, protege sua face. Como nos lembra Ferreira (2010), a estratégia de proteção da face está atrelada a construção do *ethos* que o orador quer imprimir, dando efeito positivo ou negativo. Nesse caso, o informante, por um lado, busca diminuir os efeitos desfavoráveis da pescaria de cerco e, por outro, sobrecarrega-a em outras práticas que não são desenvolvidas por ele.

Outro problema ambiental que ocorre no rio, segundo esse pescador, é a grande quantidade de ilhas e croas que vem aumentando porque o rio está seco ([...] *essas ilhas que têm no meio do rio que acabou... porque de primeiro a gente via, né? No rio sempre teve ilha, croa, mas sempre teve o canal fundo, andava uma lancha, andava uma canoa*

*e hoje não tem mais, devido ao rio tá seco*). Em outros tempos, mesmo tendo o surgimento das ilhas e croas, o canal fundo do rio possibilitava que os peixes pudessem subir da praia para o sertão. Comparando isso à nova realidade, os peixes não têm como mais subir, assim ocorre com o camarão, que mesmo sendo presenciado no sertão, já não é o camarão “original”, mas outro que já vivia por aqui, pois nem mesmo à época do camarão está sendo evidenciada. Todas essas consequências (mudanças) são vistas como desfavoráveis segundo vivência a memória do pescador, em que o fato passado era mais produtivo que no atual, que continuando dessa forma, a existência do rio está ameaçada.

O contexto, percebido nesse fragmento (38) pelo pescador, leva-nos a observar que os argumentos apresentados por ele partem da mobilização de um universo de sentidos que faz ser compartilhada pelo auditório. São consequências constatadas da observação e da vivência no lugar. Contudo, ao se minimizar os efeitos desfavoráveis a práticas prejudiciais aos peixes, busca-se instaurar um *ethos* que modifique a avaliação negativa, por saber que é uma prática polêmica. Nesse momento, não se constata o ato de adesão estabelecido pela identidade da *doxa* entre o locutor e o *pathos*. Mosca (2001) nos lembra que a identificação ocorre a partir do que se espera o auditório ouvir o que diz o orador, por meio do compartilhamento de princípios e expectativas e, assim, ativar paixões, que nesse caso, deixaram em dúvida a qualidade do *ethos* do orador quando elege algo pior que outro, só porque o “outro” é praticado por ele.

(39) [...] nós tínhamos o tempo que pegávamos o *piau*, cutia era o tempo que eles iam comer, eles saíam de lá das tocas que ficavam bem entocados, era quando a gente pegava o peixe, quando ele vinha comer, só que agora eles tão dentro da toca, aí o cara vai lá de noite, com a lanterna, chega com a espingarda, pou! Acaba com tudo, nós não temos mais, eu tenho pra mim, que a gente vai chegar um tempo aí que peixe... já tá outra coisa, que eu acho interessante do pescador né, que recebe o defeso, é: Zezinho, por que você não compra uma tarrafa, uma rede? Pra que eu vou comprar se eu já tenho minha linha, meus anzóis, não precisa isso, se eu pesco diferente... outra coisa, ele sai à noite pra pescar porque só pega peixe se for à noite, quando chega amanhã se ele pegar cinco, seis quilos de peixe, ele já enricou, aí eu acho interessante, porque o pescador não bota na conta a noite de sono que ele passou, ele não bota em conta as artes que ele tá acabando, uma tarrafa, um barco, uma rede, um remo, tudo, o motor, a gasolina, não bota nada disso em conta, e o que ele bota: ah peguei dez quilos de peixe! aí quando chega na época que acaba as artes, ele pensa, peguei certo porque o cabra não vai passar fome, pra comprar uma rede,

uma tarrafa. Nós estamos com um processo lá em Propriá contra a Chesf por causa desse problema da cheia do rio, porque prende as águas lá, manda do jeito que quer, do jeito que não quer, deixa escasso aqui, eu fui pescador de *pilombeta*, de tarrafa, de linha, era abundante, tinha bastante, nós dávamos lance de pescar *pilombeta* assim, remava sabe, ela cabichava, saía na flor d'água assim, aí dava um lance, a tarrafa passava uns cinco minutos pra descer, quando descia, tinha corda desse tamanho assim, o lanceador tinha a obrigação de mergulhar um pouco, vamos dizer assim, uns seis, cinco metros, não era lugar muito fundo, quarenta metros, aí ele mergulhava, chegava lá com uma cordinha, aí juntava o saco da tarrafa, aí amarrava, chegava com três bolos de *pilombeta* (Inf. 08).

O informante (08) parte, nesse fragmento, das diferentes formas de pegar o peixe, pois da forma como se pesca, só pega o peixe quando ele sai da toca para comer. O outro modo de pegá-lo, diz respeito ao uso de lanterna e espingarda, acabando com tudo. Nesse argumento, o pescador (informante 08) traz à tona a diferença de pegar o peixe quando sai para comer e de pegá-lo quando está entocado, pois da última maneira, o pescador acaba atingindo a todos os peixes, sem deixar que nenhum escape, daí acaba com tudo. Quando compara a pescaria da toca com a da espingarda, mostram-se os benefícios de uma sobre a outra.

Da mesma forma, dentro desse contexto, esse informante (08) relata problemas sobre os quais outros pescadores passam por não considerar todos os prejuízos que são acarretados na pescaria. Assim, o que o pescador consegue pegar de peixe não compensa se for comparar com todo desgaste e despesa que ele tem. O que difere do pescador de toca que não precisa se utilizar de tarrafas (redes) para capturar o peixe. Desse modo, o *ethos* que busca imprimir é estabelecido na comparação de sua forma de pescar com a de outros pescadores.

De acordo com a memória desse locutor, à época em que pescava *pilombeta*, a quantidade desse tipo de pescado era enorme ([...] *eu fui pescador de pilombeta, de tarrafa, de linha, era abundante, tinha bastante, nós dávamos lance de pescar pilombeta assim, remava sabe, ela cabichava, saía na flor d'água assim... aí dava um lance, a tarrafa passava uns cinco minutos pra descer, quando descia, [...] aí ele mergulhava, chegava lá com uma cordinha, aí juntava o saco da tarrafa, aí amarrava, chegava com três bolos de pilombeta*). Pela descrição feita a partir das lembranças, ou seja, a forma como pescava de tarrafa, mostra não só o quanto é necessário que o pescador conheça a

fundura do rio, mas também, a quantidade de “*bolos*<sup>13</sup> *de pilombeta*” que conseguia pegar. Fatos esses criados pela Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) que solta as águas do jeito que quer, deixando o Baixo São Francisco com pouca água. A partir desse argumento pragmático é possível verificar as consequências desfavoráveis provocadas pela Chesf, oportunizando estabelecer a diferença entre a abundância e a escassez de peixes.

É importante frisar que o informante ao ativar sua memória para explicar como as coisas eram, assim como, quando parte da realidade para explicar como elas são hoje, o contraste entre o farto, abundante para o passado, e o escasso, seco para o presente, demonstra que a constituição da importância do *ethos* se faz mais presente quando se relata os problemas atuais.

No interior desse contexto, o locutor elabora uma imagem de si que corresponde simultaneamente a diferentes momentos, ou níveis preestabelecidos (preexistentes), na medida em que tais fatos podem ser vistos em uma perspectiva argumentativo-cognitiva. Em conformidade com Amossy (2016, p.137), “a imagem de si construída no discurso é constitutiva da interação verbal e determina, em grande parte, a capacidade de o locutor agir sobre seus locutários”.

Na atual conjuntura se faz importante processar a Chesf já que há a necessidade da água abundante, nisso o *ethos* de pescador fica muito mais a mostra, é algo que foge da estereotipagem estabelecida socialmente, numa outra conjuntura, em que havia a água abundante não há quem responsabilizar, os problemas não estão à mostra. Nesse caso, o *ethos* *prévio* é mais propício a se manter na abundância, já que o exagero é mais coerente, embora esse pré-discurso possa ser confirmado ou modificado (AMOSSY, 2016).

Além disso, enfocamos também que em alguns momentos, o exagero na realidade acontece quando o pescador relata que acabou tudo e ([...] “*agora eles [os peixes]tão dentro da toca, aí o cara vai lá de noite, com a lanterna, chega com a espingarda, pou! Acaba com tudo, nós não temos mais, eu tenho pra mim, que a gente vai chegar um tempo aí que peixe...*”) não tem, nem terá mais peixe. Nesse momento, entendemos que o exagero não reforça a estereotipagem, já que não engrandece os grandes feitos do pescador, pelo contrário, busca modificar o *ethos*, e imprimir a imagem do que fala como verdade, pois estabelece uma *doxa* comum com o *pathos* e todos os ribeirinhos que vivenciam a realidade atual. As grandes conquistas realizadas por ele na pescaria, tende muito mais a

---

<sup>13</sup> Aglomerado de algo em desordem.

reforçar o estereótipo, percebidas num momento histórico já passado, e oportunizado a ser percebido no presente por meio da memória. Vejamos mais um relato,

(40) Eu pescava com rede de arrasto, rede de minhunsa né, pegava a minhusinha, depois passou pra o arrastão que era marinho. Essa rede de minhunsa que pegava a *pilombeta*, nós pegávamos o *aragu* né, o arrastão, o marinho era com três pessoas, joga nas águas, vem e arrasta e puxa o pescado né, hoje são vários tipos de qualidade de arte para pescar que eu não uso né, que é o arpão com aquele farol, no Oiteiro muita gente usa, eu não uso. Se for fazer reunião, chamar os governantes é pouca gente que assina esse negócio, é proibido e prejudica o próprio pescador, onde ele roda ali não fica nada, gera destruição, aquilo ali às vezes, sai rodando ali em menos de uma hora, ele separa não tem o que aproveitar, já peguei, as vezes ele tá até ovado, já perdeu. Muita saudade a gente lembra né, porque quando nós começamos tinha aquela fartura né, hoje nós vamos morrer vendo tudo diferente, o pouco pescado, esse tipo de pescaria que mais tão aplicando hoje é o que tá mais prejudicando, a gente fica querendo ir, mas sendo desestimulado. Eu mesmo se fosse pra fazer abaixo-assinado eu era a favor, pra acabar ou evitar mais né, não pode acabar de uma vez, mas evitar mais né, porque essa pescaria nunca foi liberada, porque esse tipo de gente vai por um esporte, quer se achar como se fosse nadador, nessa hora quem for mais esperto pega, tem muita gente que não tem coragem de mergulhar mesmo, vai esperar por uma tarrafa, uma rede, ele aplica dentro d'água, mergulha na fundura que tiver vai com aqueles pezinhos de pato, vai lá e traz o pescado, naquela região que ele mergulhar ali nada fica, o pescador é prejudicado porque profissional que paga o documento, origem mesmo e sustentou aquela profissão ainda hoje, pode tá velho cansado, mas ainda hoje vai. Antigamente quando nós pescávamos, pegávamos era cinquenta de uma lanço, eram três pessoas, arrastávamos, nós fazíamos era aquele balaio, já demos lanço de pegar cento e trinta quilo de *aragu*, *tubivin*, *aragu* não existe mais, vinha que era monte, nós subíamos ali pra uma ala de Belo Monte, naquele tempo era os salgados né, pegava duzentos, cento e cinquenta na parte do escuro, na parte do claro aparecia mais, nós saíamos no domingo, chegava na sexta feira, naquela época era uma grandeza, hoje nós nos batemos pra pegarmos vinte quilos de peixe (Inf 07).

O informante (07) relata o modo de pescar de quando começou. Inicia seu discurso, citando a rede de arrasto (minhunsa) e a de arrastão. Esta última necessitava de três pessoas para puxar o pescado. Nos dias de hoje, muitos pescadores se utilizam de

novas ferramentas, como por exemplo, a pescaria de arpão não praticada por esse informante, que fala dos danos e da pouca aceitação dessa prática, pois é ilegal. Os governantes não concordam, e as consequências geradas por esse tipo de pesca causam prejuízos àqueles que vivem da atividade pesqueira, pois acabam pegando todos os peixes por onde passam, provocando destruição (“[...] *é proibido e prejudica o próprio pescador, onde ele roda ali não fica nada, gera destruição, aquilo ali às vezes, sai rodando ali em menos de uma hora, ele separa não tem o que aproveitar, já peguei às vezes ele [o peixe] tá até ovado, já perdeu [...]*), já que nem sempre pegam peixes que possam ser aproveitados.

A diferença entre a quantidade excessiva de peixes do passado causa saudade comparada ao pouco pescado de hoje. O informante relata a diferença das realidades quando morrer (“*Muita saudade a gente lembra né?, porque quando nós começamos tinha aquela fartura né?, hoje nós vamos morrer vendo tudo diferente, o pouco pescado, esse tipo de pescaria que mais tão aplicando hoje é o que tá mais prejudicando, a gente fica querendo ir, mas sendo desestimulado*”). O argumento para essas consequências desfavoráveis, mais uma vez, é reforçado pelo tipo de pescaria que mais está sendo evidenciado no município (pescaria de arpão), que mesmo o pescador querendo ir pescar já não tem mais ânimo. Ele perdeu o estímulo diante de tantos desencontros na atualidade.

O informante estabelece uma diferença entre quem de fato é pescador e quem utiliza esse tipo de pesca, pois para ele, essas pessoas pescam por “esporte”, ou seja, sem entender essa prática como parte de uma profissão séria, como se fossem nadadores, usam pés de pato para mergulhar e trazer o pescado que, muitas vezes, foi deixado por pescadores, numa rede, tarrafa. Além disso, esse tipo de pesca é proibido, o que caracteriza ainda mais a falta de seriedade dos que praticam, por onde passam, pegam tudo e prejudicam de fato quem é pescador, profissional que sustenta a profissão. Nessa diferenciação, se coloca do lado dos que respeitam a profissão e dos que praticam o certo ao pescar, se coloca à disposição de contribuir com um “abaixo-assinado” caso seja necessário, nem que seja para diminuir mais esse tipo de pescaria.

O *ethos* aqui é construído, mais uma vez, na diferenciação de quem de fato é pescador e quem não é de fato, inclusive o próprio informante se coloca no texto para garantir que ele não usa o tipo de pesca que mais prejudica. Neste momento se mostra um *ethos* preocupado, indignado. Essa imagem relaciona-se com a memória quando compara o passado com o presente estabelecido pelo uso do argumento pragmático, já que as

consequências provocadas pelo tipo de pescaria não estão associadas à sua prática como “verdadeiro” pescador.

Essa noção estabelecida ao “verdadeiro” é admitida de acordo com o *pathos*, pois a verdade é estabelecida na implicação dos fatos como crença, um valor agregado também pelo auditório já que se trata de algo que é existente, pode ser observado e, por isso, aceito pela sociedade como real, o que também estabelece uma *doxa* comum entre eles.

O pescador relembra também a quantidade e variedades de peixes que pegavam num lanço, na época de “grandeza”, saiam viajando pelo rio, de domingo a sexta-feira. Confirma o *ethos prévio* ou pré-discursivo (AMOSSY, 2016) quando relata a quantidade de quilos num só lanço que variava de cento e cinquenta quilos a duzentos na parte que não pegava mais. Quando compara com os dias de hoje, relata que as dificuldades são maiores para pegar vinte quilos de peixe, neste caso, o lugar da quantidade se faz presente de modo efetivo.

Diante desses direcionamentos, podemos apontar a confirmação do *ethos prévio* quando se trata do tempo passado, de igual modo, também há uma refutação, considerando que as “histórias de pescador” acontecem todas num passado distante e não se repetem, daí entendemos a modificação da estereotipagem. O estabelecimento da relação entre *ethos* e *pathos* como condição fundamental do *logos*, possibilita verificar as *doxas* presentes na argumentação, como também, a avaliação desfavorável sobre as consequências provocadas por pescadores, o que revelou a construção do *ethos* dos pescadores gararuenses em oposição ao pescadores que não eram de Gararu. E assim, o registro das memórias do grupo de pescadores sobre o lugar que viveram/vivem, como contribuição maior deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando acreditamos na importância da memória coletiva na representação das subjetividades de um povo, de acordo com Halbwachs (2006), assumimos que a memória é coletiva e social, pois os indivíduos recordam por pertencer a um grupo social e, por isso, vinculamos a memória à história oral, que se utiliza do verbal para recorrer ao passado. Neste trabalho, buscamos unir a identidade de cada pescador ao grupo em que está inserido.

As noções estabelecidas na argumentação em torno do *ethos*, *logos* e *pathos* foram cruciais, a fim de serem desvelados os pontos de vistas colocados pelos pescadores nos relatos. Entendemos que a situação argumentativa, na qual essas três provas estão inseridas, é complementar uma a outra no jogo da argumentação. O alargamento da noção de *ethos* retórico em direção ao *ethos discursivo* nos possibilitou explorar ainda mais os relatos desses pescadores, já que a noção de *ethos prévio* está associada ao pescador dentro de uma dimensão cultural, na qual se insere este trabalho.

Os ribeirinhos de Gararu ao demonstrar a sua relação com o rio São Francisco através (i) da tradição cultural revelada pelos aspectos econômicos voltados à piscicultura e rizicultura; (ii) das manifestações ligadas à religiosidade, aos currais de pedras construídos em volta do rio; (iii) dos banhistas nas croas, das lavadeiras, dos transportes aquáticos não só revelam a importância que o rio sempre teve para o desenvolvimento das pessoas e da cidade, como também contrastam as realidades do passado “produtivo” com o presente “falido”.

As lembranças dos sujeitos em torno das enchentes, da fartura na produção, das variedades de peixes gordos, das lagoas cheias, da plantação de arroz, das grandes lanchas, dos navios, dos currais de pedras, da produção de algodão, da força negra são carregadas de grande valorização cultural ao registrar memórias que representam e constroem uma realidade a qual vivenciaram/vivenciam e podem ser repassadas a diferentes gerações.

Conforme Azevedo (2016), faz-se necessário destacar no argumento pragmático o caráter de apropriação que um sujeito demonstra quando se dispõe a apresentar o objeto que parte de acontecimentos de uma determinada época que condicionam os arranjos discursivos. Diante disso, relacionamos o saber extradiscursivo que os pescadores demonstram de sua profissão. Saber este que possibilita a legitimidade do discurso com o argumento pragmático, ao destacar a apropriação do sujeito com o “objeto”, em que

destaca essa apropriação com acontecimentos de determinada época. Assim, estabelece-se uma correlação mútua entre argumento pragmático – *ethos* – memória.

A realidade é representada e, ao mesmo tempo, construída e reconstruída por todos os informantes, de modo que se percebe uma coerência argumentativa que acaba especificando um momento histórico capaz de instaurar um *ethos* de qualidade devido à identidade estabelecida entre o locutor e o locutário, quando apresentam uma realidade que pode ser observada e argumentada, defendendo pontos de vista que são comuns entre eles. Contudo, cada justificativa se apresenta de um modo que se façam “diferentes” dos que praticam atos prejudiciais ao rio, até porque os que prejudicam o rio também são denominados pescadores. A relação entre o locutor e o locutário é estabelecida via o processo de estereotipagem, a imagem que um faz do outro.

Assim, são construídos dois (novos) *ethé*, a partir da imagem positiva que se faz de si (enquanto orador) baseada na imagem negativa do outro, um revelado pelos pescadores gararuenses, que são conscientes, e outro, revelado pelos pescadores de outros lugares, que são inconscientes. Como Ferreira (2010, p. 90) nos explica, o conceito de *ethos* se ampliou em sua significação, e esse termo é aceito como “a imagem que o orador constrói *de si e dos outros* no interior do discurso”.

Quando o pescador traz à sua memória coisas do passado, o *ethos prévio* se confirma (era uma época farta, abundante, cheia, rica), então, o exagero se fazia presente (“[...] *tinha umas oitos canoas esperando a pilombeta né, encorajou, jogou a tarrafa e pegou, disse que os outros todinhos jogaram, mas não pegaram, mas um só que jogou pegou dez mil pilombetas, veja só, dez mil pilombetas, foi fazer a conta oitenta a cem quilos no lanço, também só pegou um, estava só naquele lugar, jogou a tarrafa, estava junto, tudo isso já foi visto no nosso rio*”. “[...] *Antigamente quando nós pescávamos, pegávamos era cinquenta de uma lanço, eram três pessoas, arrastávamos, nós fazíamos era aquele balaio, já demos lanço de pegar cento e trinta quilo de aragu, tubivin*”); quando ele se refere à realidade atual, busca construir um *ethos* que se fuja das causas e consequências desfavoráveis percebidas pelos atos de alguns pescadores. Desse modo, tenta construir uma imagem de preocupação, indignação, desejo de mudança, de que volte ao que era no passado, e que seu discurso seja legitimado como verdadeiro a partir dos saberes extradiscursivos que apresentam, da vivência, experiência, memórias que se fazem surgir e são compartilhadas pelo universo historicamente especificado.

Vale ressaltar, ainda, a importância desta pesquisa no registro das memórias desse grupo social sobre a cidade em que vivem, principalmente, as condições ambientais em

que o rio São Francisco está exposto, pois não há de fato nenhum tipo de política pública voltada à sua revitalização. Falou-se muito em transposição, mas nunca foi tomada a atitude da revitalização, pois o rio está cada vez mais seco, e sua foz, cada vez mais, sendo invadida pela água salgada, devido ao nível baixo. Certamente o SÃO FRANCISCO pede socorro e toda população que dele depende.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 119- 144.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 5. ed. São Paulo: ed. Atlas, 1986.

AZEVEDO, I. C. M. A construção do discurso argumentativo em perspectiva foucaultiana. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 247-269, dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/120009>; acesso em: 21/09/2017, às 17h55min.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Caderno da Região Hidrográfica do São Francisco** / Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos. – Brasília: MMA, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1969.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CHEFFER, Arquimedes; TRUJILLO, Cleber Augusto; RLRICH Henning. Bases neurais da memória humana. In: GALLE, Helmut; SCJIMIDT, Rainer (Org.). **A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2010.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **A condição camponesa em Sergipe: desigualdade e persistência da agricultura familiar**. Aracaju: NPGE, 1996.

FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. XIX vol., Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

GALLE, Helmut; SCJIMIDT, Rainer. **A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LIMA, GERALDA DE OLIVEIRA SANTOS. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado**: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

LISBOA, KAREN MACHNOW. Lugares de memória dos alemães na Alemanha e o Brasil. In: GALLE, Helmut; SCJIMIDT, Rainer (Org.). **A memória e as ciências humanas**: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Humanitas, 2010.

MAINGUENEAU, DOMINIQUE. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-33.

\_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia, incorporação In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 68-92.

MENEZES, SÔNIA S. M.; ALMEIDA, MARIA GERALDA DE. “Vaquejada: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano”. In: **Vivência**, n. 34, p. 181-193, 2008.

MONTENEGRO, ANTONIO TORRES. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOSCA, LINEIDE DO LAGO SALVADOR. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.) **Retóricas de Ontem e de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCH-USP, 2001. p. 17-55.

NORA, PIERRE. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, MARIA. Thetis. **Sergipe Colonial I**. São Cristóvão: Editora UFS/ Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.

PEREIRA, JOSÉ CARLOS. **Sincretismo religioso e ritos**: influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro. São Paulo: Zouk, 2004.

PERELMAN, CHAIM; OLBRECHTS-TYTECA, LUCIE. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIMENTA, RICARDO MEDEIROS. **Retalhos de memória**: Lembranças de operários têxteis sobre identidade e trabalho. Jundá: Paco Editorial, 2012.

PIMENTEL, SIDNEY VALADARES. **O chão é o limite**: A festa de Peão de Boiadeiro e a domesticação do Sertão. Editora UFG. Goiás, 1997.

PLANTIN, CHRISTIAN. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2008.

POLLAK, MICHAEL. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. \_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>; Acesso em: 03/06/2016, às 10h20min.

PRADO Jr., Caio. **Sentido da colonização**. In: Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 9-32.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, vol 5, no1, p. 1-22, 2013.

ROCHA, Vaudúlio Vieira da. **Historiologia da festa de Bom Jesus dos Aflitos e dos Navegantes em Gararu/SE**. Especialização. Faculdade São Luís de França, Aracaju: 2014.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 93-101.

SANTANA, FLÁVIO PASSOS. **Curtindo os curtas**: análise da construção de imagens discursivas de Aracaju e de aracajuanos em curtas-metragens. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe– São Cristóvão, SE, 2017.

SANTANA, ISABELA MARÍLIA. **O acordo retórico e a construção textual da Persuasão**: discurso político. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, SE, 2015.

SANTOS, Reginaldo Gouveia dos. **Impactos sócio-ambientais à margem do Rio São Francisco: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 194 f. 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SERGIPE. SUVALE/ACARSE. **Plano de ação para os vales úmidos do Baixo São Francisco em Sergipe**. Aracaju: ANCARSE, 1972.

TERMO DE ABERTURA DA CÚRIA METROPOLITANA DE ARACAJU, 1949.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. Tradução Cristina Murachco. Apresentação Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Edusp, 2001.

VIEIRA, Natã Silva. Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. **Anais do III ENECULT** – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 23 a 25 de maio de 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz T. Daudt. História oral e memória: aportes teóricos-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; FISCHER, Beatriz T. Daudt; PERES, Lúcia Maria Vaz (Org). **Memórias docentes**: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2009.

YATES, Frances. **A arte da memória** [1966]. Tradução Flávia Bancher. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

## ANEXOS

### Informante (01)

O rio era cheio né, não era cheio de ilha como hoje, de banco de areia, tinha os canais, hoje nem as navegações grandes não viajam mais por falta de água, tudo é baixo né, e problema de peixe naquela época havia com abundância, água barrenta, e o peixe sem água barrenta não produz, sem água barrenta não produz, sem cheia no rio não tem produção de peixe, não tem piracema, o peixe é uma espécie que depende da água barrenta, enquanto as outras espécies de animais e tudo é pasto, o peixe justamente a sobrevivência dele é a água, mas quando tem água barrenta, quando a água limpa assim o predador que é a piranha devora o peixe. *Cumatá* que nós chamamos *mandim* acabou, *surubim* é coisa do passado, *tubarana* que é conhecida como *dourada* também acabou, *pirá* era um peixe azul de couro do bico fino, ele crescia até catorze, quinze quilos, era um peixe que só vivia gordo também esse acabou, já faz muito tempo o *capadinho* era o *mandizinho* pequeno, branquinho, gordinho não existe mais, basta um trazido do alto ainda tem, mas no baixo não tem, a melhor parte hoje... não tem mais vantagem de peixe, não tem mais abundância, acabou, hoje ainda resta um *piau*, ainda resta a *tilápia*, porque a *tilápia* não é natural daqui, a *tilápia* migrou, veio de outra parte, ela veio de um açude do Ceará chamado Oróis, numa grande cheia que teve lá, rompeu a barragem e ele, o São Francisco, era a bacia dele, desceu para o São Francisco com todo tipo de peixe que tinha lá, mas com vantagem mesmo era a *Tilápia* e essa existe hoje ainda continua né e até em grande quantidade, não é grande, são pequenas, mas ainda tem em grande quantidade, o *piau* ainda tem e o resto acabou-se porque o *aragu* era um peixinho pequeno parecido com o peixe *cumatá*, *bambazinha* como chamamos, o *cumatá* pequeno chamamos de *bambá*, *aragu* era parecida acabou também, o *tubi* acabou, o *tubi* era um peixe parecido com o *sarapão*, vocês não sabem o que é *sarapão*, é um peixe comprido da calda fina, a calda bem comprida, também acabou, e pra falar bem a verdade oitenta a noventa por cento do peixe daqui do Baixo São Francisco acabou, não existe mais, de jeito nenhum, em canto nenhum, hoje, esses pescadores novos de hoje não conhece esse tipo de peixe que eu estou falando, o *pirá* alguns ainda conhecem, viu por acaso, a *tubarana* que é a *dourada* essa quando o rio enchia subia de cardume, porque o peixe anda sempre contra as águas quando é no tempo da piracema pra desovar pula as cachoeiras pra desovar naquelas parte assim, acho que já viram na televisão né esse processo, o peixe só anda

contra as águas. Antigamente, nós tínhamos uma fonte produtora de peixe na praia, a chamada Marituba, Brejo da Marituba, esse entra numa barra pertinho de Piaçabuçu, pra cima de Piaçabuçu, aí vai pra Marituba, ela ainda tinha naquela época, hoje mais não, porque tá sendo a água salgada, já entrou lá, já não existe mais essa vantagem, vantagem não já existe de maneira nenhuma produção de peixe lá, mas o peixe de *crumatá* desovava, quando era no mês de março, o rio vazando, no tempo das cheias, nas grandes cheias, o rio vazando, esse peixe da Marituba subia, ele era um peixe que não crescia muito, ele ficava tamanho médio, bem redondo, os olhos grandes, era conhecido quando viam diziam: esse aqui é da Marituba, esse aqui é da Marituba, vinha de lá esse também, acabou porque hoje o mar, as marés grandes dizem que tão vindo até o morro vermelho, eu morava em Penedo deixei de andar pra lá, mas diz que em Penedo com a maré grande, a água chega salgada aí em Penedo que são sete léguas da boca da barra pra Penedo do Pontal ou do Saramém, Saramém hoje é um povoado do tempo do cabeço, que é uma pororoca, era um povoado grande, acabou-se aí o pessoal construíram esse povoado chamado Saramém, então não existe mais aquelas vantagens que existia antigamente e a tendência, a previsão é de não ter mais o Baixo São Francisco de Pão de Açúcar até a praia. Era grande produtora de arroz e essas lagoas com a cheias do rio, com a água barrenta, ela ficava cheia de água, abria a porta d'água quando enchia fechava com as tábuas pra plantar arroz, nessa época mesmo agora era a época do corte do arroz, estava cortando arroz e a palha do arroz servia para a ração de animal de gado, ovelha, cavalo e de todos os tipos de animais, hoje muita gente tá comprando palha na praia, quinhentos reais uma carrada de palha, aonde nós tínhamos aqui com abundância, era a ruma nas beiras das lagoas e se acabou desde o tempo da construção dessa barragem que hoje é de hidrelétrica de Xingó, a partir daí foi diminuindo, diminuindo, até que acabou de uma vez não existe mais o peixe aqui nosso, há cinco anos dizia pra os pescadores que eles chegavam aí com aquela ruma de peixe de *cumatá* de quatro quilos, três, cinco quilos eu dizia: aproveite viu, porque daqui a uns quatro, cinco anos, do jeito que vai, quem ver uma coisa dessa corre, pensa que é um bicho. Não existe mais, não existe mais, você vai na própria feira, vá na quarta-feira na feira que você não ver uma *cumatá*, uma *bambá*, se aparecer aí é algum *piau* e pronto, o *pacamão*, o *niquim*, até *niquim* acabou, porque até poucos tempos tinha *niquim*, é um peixe achatado, a cabeça larga, mas achatada, cabeça larga e a calda fina, é um peixe de couro, mas é um peixe gostoso, o *pacamão* era parecido com ele um pouco, mas grosso, morava nas pedras, mas hoje as pedras estão aterradas, as cavernas desses morros aí estão tudo cheia de areia, não tem mais onde criar esse tipo de

peixe e a *piranha* vai e devora tudo, porque o alimento da *piranha* é o peixe e, principalmente, o peixe de couro, é mais fácil pra ela né, um *surubim* de quinze, vinte quilos, o cardume cercam um cardume de quarenta ou cinquenta *piranhas*, de dois quilos, três quilos, cercam e menos de uma hora devora, fica nem as espinhas, elas comem tudo, até isso mudou, pra vocês jovens essas coisas é do passado, vocês só tão ouvindo eu falar, mas nunca viram de jeito nenhum, *surubim* acabou, nos rios do Norte, a gente vê pela televisão, ainda continua né graças a Deus, que ainda existe aquele rio, que ainda tem a piracema, muita produção de peixe, mas aqui no São Francisco, nem no baixo, nem no alto o Alto São Francisco, tá em decadência, nós estamos vivendo uma vida difícil, os jovens tem que pegar essas informações e anotar num caderno pra registrar as informações pra quem vai vir, aí porque chega na beira do rio, tem peixe aqui? E o que tem qual é a qualidade? Pouca qualidade dos que tinham, acabou. Tenho saudade de tudo, tudo de modo geral, muita saudade, eu fui pesador desde menino, comecei a pescar no sete anos de idade, o meu pai vivia a vida toda pescando, parei depois de velho, quando não pude mais, foi tudo extinto, esse tipo de peixe, tudo extinto, acabou-se tudo, mas eu sinto saudade de tudo, eu sinto saudade da plantação de arroz, eu sinto saudade da grande abundancia de peixe que tinha, e que hoje não existe mais, e finalmente eu sinto saudade de tudo, hoje nós vivemos uma vida muito diferente. O transporte do Baixo São Francisco era a canoa na época não tinha rodagem essas canoas aí abordo do navio vinha aqueles navio cargueiro de fora entrava na barra até Penedo aí baldeava a carga com essas canoas essas canoas saiam distribuindo essas mercadoria de porto em porto todas cidades até Piranhas pelo lado de Sergipe e pelo lado de Alagoas era canoa de toda e na parte mais perto aonde as canoas grande andavam tinha outro tipo de canoa menor chamado Chata as velas eram diferente também era canoa de transporte e isso acabou hoje até lancha que eu alcancei... o navio que nós chamava do comendador o comendador afundou-se no porto de Penedo em setenta e sete ele era um transporte de Penedo a Piranhas era cheio de gente pra cima e pra baixo aí foi diminuindo, diminuindo, diminuindo... até que não compensava mais a despesa ele não era motor era caldeira era movido a lenha a pressão aí abastecia a caldeira com madeira ele provocava aquela pressão e fazia o movimento pra rodar o hélice mas o comendador já era uma parte de motor era duas parte e a outra de caldeira aí depois parou aí ficou a empresa Tupan aí foi construída a Tupan a Tupi e a Tupigi a grande e as duas menores mas isso com o decorrer do tempo já não compensava a despesa com tripulante de modo geral a arrecadação que eles recebiam dos passageiro já não estava cobrindo mais a despesa aí também pararam foram quando começaram as

estradas de rodagem de um lado e de outro em Sergipe, começa lá em Brejo Grande geralmente vem até Propriá, de Propriá baldeia com os carros que pega de Propriá a aqui Porto da Folha, de Porto da Folha pra Poço Redondo não tem linha direta, mas não falta transporte e antigamente se fazia tudo por água tudo era por água naquela época a grande colheita de algodão esses dois estados produziam muito algodão, era algodão que abastecia quatro fábricas de tecido, como uma que tem em Propriá só tem mesmo o prédio, a Brito, era um tecido fabricado a Têxtil, em Neópolis, faliu tudo num tempo só, faliu a de Propriá, a Brito, faliu a Têxtil, em Neópolis, faliu a Penedense, em Penedo, e faliu a Marituba lá na barra da aranjeira, eram as quatro, só ficaram a Passagem funcionando, eram cinco as quatro fecharam-se por causa do algodão, aí acabou-se a produção do algodão, pra comprar fora não compensava, aí foram obrigados a fechar, hoje o transporte é carro, agora você sai de Penedo não é direto pela beira do rio, você vem de Penedo pra Arapiraca e de Arapiraca pra Traipu, mas são duas horas de viagem e de canoa você gastava um dia, dois dias era de acordo com o vento, se ventasse bem, andava mais, quando o vento era pouco andava menos pra cima era as vela abertas cheia de vento pra baixo era as vela fechada para ir bordejando do lado do rio do lado pra outro até... então você saia de Pão de Açúcar a boca da noite sete horas essa hora pra chegar em Propriá no outro dia por oito e meia nove horas conforme tirava a noite todinha era negócio sério viu coisa do passado hoje graças as Deus tudo é fácil só o que tá acontecendo mais é falta de emprego. Não era Gararu, Gararu é nome do indígena que residiu aqui e deu o nome dele de presente para colocar no nome Gararu cidade, mas aqui foi começado através dos portugueses, colonizadores portugueses que vieram para o Brasil, fixaram nessa região, em companhia dos africanos, que foram os africanos a mão-de-obra dos currais de pedra, a base fundamental de Gararu é essa história Curral de Pedras, porque aqui os africanos construíram os currais de pedras na época da colonização portuguesa e esses currais de pedra era o abrigo do gado naquela época, porque o nosso transporte daqui era o carro de boi, não tinha carro naquela época, automóvel, nem nada, era transportado toda agricultura feijão, foi um grande produtor de feijão Gararu, milho e arroz e algodão. Algodão já é parte industrial, já não é alimentício porque o arroz, o feijão é um gênero alimentício, essa produção de algodão daqui era todinha levada para Propriá, Penedo para as indústrias têxtil que tinha lá, a Brito em Propriá fechou, faliu, a Penedense em Penedo, a têxtil em Neópolis, a Passagem, toda produção de algodão da região Sergipe e Alagoas, da margem do rio até uma média de quinze, vinte quilômetros para o interior a safra de algodão era toda escoada para essas indústrias têxtis e então a base fundamental

alimentícia de Gararu era o arroz, o feijão e o milho e o peixe, era em grande abundância nosso baixo São Francisco arroz e peixe, a base fundamental, o peixe acabou, foi extinto, desde a construção do Xingó que foi diminuindo não teve mais piracema, porque a piracema só existe quando tem água barrenta, quando o rio enche com a força da água o peixe sobe contra as águas e vai desovar, o que chamamos de piracema, na cabeceira do rio, nós não temos cabeceira, nós temos uma bacia que recebe água do São Francisco em Canindé, pra cima de Piranhas, lá tem uma bacia que recebe toda água que vem do Alto São Francisco, era ali onde o nosso peixe subia pra desovar, fazia a piracema, dali acabou não tem mais, do Xingó pra cá acabou, não tem mais água barrenta, não tem mais nada, inclusive a agricultura do arroz acabou, só tinha arroz quando tinha cheia de rio, sem cheia de rio, sem água barrenta, não tem a piracema, nem arroz. Os portugueses quando vieram isso aqui era mata, assim nos anos mil e setecentos, quando os portugueses chegaram devastaram, aí vieram os emigrantes de cor preta da África, que foram servir de escravos para os portugueses, vieram trabalhar, e essa mão-de-obra deles aqui, em toda parte do baixo São Francisco, de Alagoas e de Sergipe foi em cerca de pedra, pode viajar embarcada no rio que você ver as cercas de pedra em toda parte, obra e mão-de-obra dos africanos, foram quem construíram, então foi daí que começou Gararu, por isso o primeiro nome daqui povoado foi Curral de Pedras, não sei exatamente quantos currais tinham, mas todo esse baixio aqui, do Oiteiro indo até o Juazeiro, até Fernando era tudo cercado de pedra, era os currais onde eram o abrigo do gado. As casas residenciais daquela época, não eram de alvenaria, as casas eram de taipa e barro, pau a pique tapada com barro, os primeiros telhados eram de palha no tempo dos indígenas, aí os africanos foram trabalhando... aí passaram a construir os currais de pedras e outra parte que os administradores que eram os portugueses colocavam um pra uma coisa, outros para outras coisas, foram fazer telhas para cobrir essas casas. As primeiras casa de Gararu foram de taipa e palha, depois taipa e telha, então depois veio o tijolo de barro... Essas casas antigas de Gararu, as paredes ainda são de tijolo. Então daqui veio a história fundamental de Gararu, situado a margem do rio, por muitos anos foi Curral de Pedra, então veio o indígena e deu de presente o nome dele para fundar Gararu, essa cidade linda que a gente mora. A família Gonçalves, os que foram donos dessa casa de Zé de Esther aí do beco também, eles trabalhavam para essas famílias portuguesas que foram os agricultores primeiro que veio pra aqui. A plantação de arroz era semeada a semente, ela nascia, o trabalhador arrancava ela manual e ia fazendo os pacotinhos e plantando com o dedo da mão direita na lama, medido com o espaço de um palmo e pouquinho de um pé pra outro,

isso passava três meses pra ficar com a semente gerada, todos os baixios ribeirinhos eram plantados de arroz, as lagoas tinham as portas d'águas, o rio enchia tudo e antes dele vazarem, os proprietários ou administradores colocavam umas tábuas que tinham uns caxios, como uma porta assim, fechava e a água ficava presa, iam trabalhar nas sementeiras, semear o arroz pra quando ele tivesse com um tamanho adequado arrancar manual e plantar, começar a soltar as águas das lagoas, aí iam escoando, as águas iam baixando em proporção aos baixios que iam sendo descobertos e ia sendo coberto pela semente de arroz, era plantado o arroz assim, e hoje, tudo isso é coisa do passado quem viu, viu e que não viu, não vê mais. A semente não era daqui, veio do exterior para o Brasil. O trabalhador uns eram diaristas, ia ganhar dinheiro, outros dividiam a parte plantada ou que fosse plantar, agora quando você colhia o arroz plantado era cortado em saca, feito aquelas ruminhas, depois era transportada num lençol para o terreiro onde os homens iam bater com o pau, quando batia o arroz, sacudia e botava no saco, de acordo com a produção o proprietário da terra tinha o percentual dele, trabalhava três partes uma, dividia três sacos, o trabalhador tinha uma e o proprietário tinha duas, e assim foi esse processo de desenvolvimento agrícola de Piranhas até o pontal da barra achegada do mar. O milho e o feijão é do campo, mas o arroz é da margem é da lagoa, essas lagoas quando fechavam ficavam cheias de peixe, o trabalhador ia trabalhar e pescar, ele pegava o peixe para se alimentar e vender. Os africanos eram quem construíram tudo, moravam em qualquer barraquinho, não tinha salário, eles viviam para se alimentar, à custa de um prato de comida, os portugueses eram os chefes, administradores, eles mandavam, era uma situação difícil. O arroz acabou antes do ano dois mil. O feijão e o milho é a mesma coisa a plantação, mas antes era manual, na enxada, hoje é na máquina, o processo de plantio é diferente, mais modernizada.

## Informante (02)

Eu nasci no beijo do rio, mas nunca fui pescador sabe, eu vivi, vamos dizer, trabalhando fora, mas aí quando foi no ano dois mil, eu desci pra Propriá, aí quando cheguei em Propriá, lugar ruim de se viver né, aí comecei a pescar né, em dois mil ... dois mil e quatro a gente arrumava um peixinho, aí foi mudando, mudando, foi sacrificando, cada vez ficando mais difícil, esse negócio de arpão judiou muita gente. Pesco de rede, tarrafa, (inaudível) *piau* de três, quatro quilos, camarão a gente sempre pegava, ai foi fracassando, fracassando... aí quando foi de dois mil e dez pra cá fracassou tudo, dois mil e dois a gente ainda pegava um *piauzinho*, uma *chira* na rede, na tarrafa, depois acabou, aí só ficou o *piauzinho* preto, pega um *piau* preto, um *pacu*, tambaqui e às vezes uma *piranha*, mas devagar, devagar mesmo e hoje tá arrasado. E o que mais acaba a gente hoje são os venenos que tão botando, esse acaba na foguidade, quem tiver deste tamanho hoje, quando tiver assim, vamos dizer assim, quando chegar no ponto de entrar na água como tá com o veneno, ele não vai precisar se tornar mais pescador, porque não tem pra quê, hoje, pra mim, é a coisa mais triste que tá acabando o rio é o veneno, ele é brabo, pode conversar com um pescador aí, pescador que só vive das águas, a primeira coisa que ele reclama. Porque a pescaria de cerco acaba né? Não, não, acaba não, porque a gente joga uma rede aqui né e larga o cacete, bate pan, pan, pan, pan, muitos vão malhar, mas muitos se entocam no mato.

Também acaba muito essas ilhas que tem no meio do rio que acabou, porque de primeiro a gente via né, no rio sempre teve ilha, croa, mas sempre teve o canal fundo, andava uma lancha, andava uma canoa e hoje não tem mais, devido ao rio tá seco, que a maioria do nosso peixe aqui, a gente diz o nosso peixe aqui é do rio, mas a maioria vem da praia, o robalo, esse camurim vem do mar, então ele precisa do canal fundo pra vim, com a vasão que tem, eles não tem mais como subir, camarão não, nosso camarão é do rio, tudo bem, de água doce, mas ele nasce lá na praia, a gente via as beiradas cheias de *camarãozinhos*, *aratanhas* subindo né, hoje ninguém ver mais todo tempo né, que aqui tinha a época do camarão né, hoje não tem mais, eu sou pescador de camarão hoje aqui, mas se nós formos caçar direitinho não é camarão não, é sapateiro, o camarão aqui não tem não senhor, pronto, torrei aqui nesse instante, talvez só veja três, quatro camarões aí dentro, é só aquele camarão da mão grossa, que a gente chama sapateiro, ele é bom também, mas não é camarão, esse toda vida viveu aqui, o que vem de baixo ele não sobe mais, não tem por onde, acabou-se, acabou-se... então do jeito que essa vasão tá indo, daqui a mais dez, doze

anos ninguém sabe se ele ainda tá correndo e outra mais, nós já estamos com uma pontinha de água poluída, que essa é que acaba ligeiro. Antes a gente só reconhecia Propriá e Penedo pra esgoto né, mas vamos olhar que nosso esgoto já vem de Juazeiro da Bahia, Petrolina desse fim de mundo todo, Pão de Açúcar, uma cidade pequena, mas já tem, aqui já tem, tem é pouco esgoto, mas quando juntar tudinho com o tiquinho de água que tem é muita coisa, hoje todo mundo trabalha com veneno né, nas lavouras ali na primeira chuva que bate aquele veneno desce todinho pra o rio, vai juntando, poluindo, ninguém tem culpa né, mas tem que ser assim mesmo, tem culpa, mas porque é os grandes, então, vamos dizer, teve um desmatamento aqui, ali em Alagoas, aquele cara de Arapiraca que comprou aquele terreno arriba do Riacho Grande né, desmatou, pronto, ave Maria, quando o Ibama bater não tem nada porque é rico, se fosse eu ou o senhor que desmatasse uma pontinha se arrebetava, mas o rico não tem nada. Minha pescaria sempre foi sozinho, meus filhos são pescadores, nunca pescou mais eu, já pescaram juntos, mas nunca mais eu não, porque minha pescaria é uma e a deles é outra. Nós já tivemos épocas boas, que eu não pescava na época né, mas a gente via esperar o *aragu* né e desapareceu, que nem teve época aqui, um rapaz ali das Intãs que nem o velho João Guarú estava dizendo, tinha umas oitos canoas esperando a *pilombeta* né, encorajou, jogou a tarrafa e pegou, disse que os outros todinhos jogaram, mas não pegaram, mas um só que jogou pegou dez mil *pilombetas*, veja só, dez mil *pilombetas*, foi fazer a conta oitenta a cem quilos no lanço, também só pegou um, estava só naquele lugar, jogou a tarrafa, estava junto, tudo isso já foi visto no nosso rio, hoje tem um menino na Genipatuba que pesca direto, ali o Ninho, ele pesca a semana todinha pra pegar doze, treze quilos de *pilombetas*, a semana toda juntando e tem mais, a *pilombeta* eu comprei e não é mais a *pilombeta* de antigamente não, é uma *pilombeta* dura, sem gosto, como essa piaba que nós temos hoje, é uma piabinha branca, só que ela dura. Saudade demais, demais, a coisa que eu ainda queria ver na minha vida antes de eu morrer era subir uma canoa aí no rio, agora não sobe mais, porque não tem como, quer dizer, se o cara pegar uma canoa em Penedo e vir pra cá ele vem, ele sobe, agora ele não desce com ela mais, ele vai velejar por onde se o rio tá seco? Então se ele pegar aquele canalzinho ele sobe, agora ele não desce mais, nunca mais nós teremos a fartura que nós já tivemos não. A feira antes aqui era segunda feira, aqui e em Porto da Folha, você dizia que ia pra feira pra comprar uma *fia*, vá hoje comprar, coisa que ninguém falou que antes nós tínhamos o *mandim*, que ninguém sabe o que é, nós tínhamos *tubarana*, *mandim amarelo*, aquele que não era amarelo, meio azul, mas o amarelo que era melhor, nós tínhamos muito *mandim*, nós tínhamos muito a *tubarana*

que teve muita, um peixe mais difícil que nós tínhamos e já até difícil o *camarupim* né, *bambá* ainda tem, pouco mas ainda o cara arruma, é pouco, pouco, meu menino ali pesca direto, nunca mais vi um *bambá*, nunca mais, o que tá acabando com isso é água pouca e arpão, porque a gente vai pescar pelo dia batendo pou, pou, pou, quando é de noite o peixe vai se agasalhar, o peixe não dorme né, mas se encosta, aí o cara vai lá no arpão, larga o arpão, acaba, pronto, vai embora, tem ainda né, mas ele vai tá nas pedras, alguns agora magro que nem tempo de sair pra comer ele não tem, porque tem medo, aí você diz como ele vai ter medo ele não sabe? Ele sabe sim, qualquer coisa no mundo que se sente ameaçado ele sabe, antigamente já houve a ema, a seriema, já houve o veado, hoje ainda tem, mas quem é que vê? Não vê mais não, alguma pontinha que tiver, tá ameaçado, ele tá mais sabido que tudo, então bem assim é o peixe, o senhor vai assim às vezes vê um cardume de *bambá*, mas antes do senhor vê ela, o senhor vê a carreira, já cai fora, não sei como é que ela advinha e outra coisa que acabou essa pescaria foi o motor, porque o senhor botava um pano no barco saia viajando, eu morava em Propriá, ia pescar ali perto do Amparo né, num morro que tem ali do Amparo, no crioulo, a gente vinha passando de vez em quando, a gente passava em cima do peixe, a água meia rasa a gente via o peixe correr né, hoje quando o senhor vem na caibera ali, o peixe já sente o motor aqui, ele vai esperar pra quê? Não espera não, sabe que é o predador que vem em cima não espera, não espera, aí o peixe não tem? Tem, mas ele tá escondido, pode tá a melhor comida que for, quando ele sente o motor cai fora. Então tudo isso evoluiu muito, aquele tempo atrasado faz falta demais, eu tenho um motor aí, eu nunca botei esse motor no barco novinho, novinho, foi comprado a Tarcísio ali, vai fazer um ano, nem no barco nunca botei, porque eu gosto de andar no pano, eu canso de ir com ela no Itamarati, duas léguas e meia, boto o pano no barco, porque eu gosto de andar, é o caso daquelas músicas velhas né, mas é o que eu gosto, porque quando vai essas pessoas mais novas, vai ali em Porto da Folha na praça do boi, sabe nem o significado daquilo dali, ali acha que é um desenho aquele jegue ali em Itabi, sabe ainda o significado porque felizmente ainda tem a festa né, senão não, sabia não, aqui do Gararu, daqui uns tempo ninguém vai saber mais não, ninguém vai lembrar mais não o que já houve, como já foi Gararu antigamente, a gente viu aquele menino do senhor contando uma história ali na praça, no calçadão, que antes, muito antes aqui já foi Curral de Pedras né, quem é mais que sabe né, ele não alcançou, já conta a história, então é o caso do nosso rio, aqui já foi aquela coisa linda, pronto eu já cansei de ver a gente vim remando numa canoa, pegar uma ponta d'água, a canoa parar e a *tubarana* vim, pulava dentro da canoa, e isso ela ficava pulava, pulava, caía na canoa, às vezes ela

batia nos peitos, a gente caía n'água, não morria não, subia de novo, isso aí eu cansei de ver, elas pularem aí, ela se bate, depois pula né, quem tá aperreado no beicho d'água não vai soltar a canoa pra depois pegar ela né. Já alcancei tempo da gente botar uma ingarea na rede, a gente botava um remo na proa do barco, outro no lugar do pano, do meio do pano né, passar uma rede de trevesa e sair subindo, beirando o rio, daqui acolá batendo o remo nas pedras, o peixe vinha, pulava, batia na rede e caía dentro do barco, colocava uns galhos de pau em cima do barco né, o ramo, quando ela batia dentro do barco e caía, aí ficava debaixo do ramo, ela não pulava mais né, cansamos de fazer isso, que pescaria é essa? Ingarea, uma rede, vamos dizer, com um pau na frente, outro atrás, e aquela rede passava no meio do barco né, podia ir porque o peixe pulava e caía ali, sair daqui pra Traipu duas horas da manhã, chegar lá quatro horas, devagarzinho, chega lá cinco, seis tubaranas dentro do barco, às vezes até um bambá pulava, um *piáu*, vá hoje pra ver o cara bater o remo o dia todinho e não vê nem uma piaba pular, uma piaba não pula. Teve tempo que nós já fizemos uma pescaria em Propriá com tucunaré na ingarea né, pulava, pulava, caía, hoje tucunaré tem muito, só que ele não pula mais, ele já sabe que se pular ali se arrebenta, agora quem é que ensina isso? É o tempo, perseguição é grande, nosso rio acabou-se, só fica a saudade e nada mais e só a saudade e lutando, porque como aquela história, onde há vida há esperança né, hoje pega um negocinho, amanhã pega outro, vai ali depois de amanhã pega dois, três quilos, hoje deu uma pescaria boa né, e assim vai vivendo, até o dia que Deus quiser.

**Informante (04)**

Meu pai era pescador há muito tempo né, aí como não tinha trabalho comecei a pescar também né, era uma maneira mais fácil de arrumar alguma coisinha, o peixe era farto, tinha muito peixe naquele tempo né, aí comecei a pescar né, que era uma maneira melhor de melhorar alguma coisa né. O rio de antes era muito diferente né, era aquele cheio, tinha as enchentes, os peixes enchiam as lagoas, os peixes ia tudo pra lagoa, desovavam, a produção de peixe era outra né. Uma vez, eu mais César pegou um tambaqui né, a gente riu pouco com isso, porque ele molhava ele todo, ia embarcar, ele tomou um banho todo com o movimento desse peixe, eu pescava mais César e Tonho, o irmão, era os dois que pescava junto, quando não era mais um, era mais o outro né. Eu gostava de tá pescando né, hoje é mais difícil porque o rio secou, você vai hoje pescar e quando volta, volta com a mão abanando e a rede nas mãos, peixe que é bom, nada. Pra o tempo que a gente pescava, hoje em dia tá difícil de se pescar, que o que você arruma dá nem o quê? Nem pra comer, se tornou difícil entrar para a pescaria agora né, é pescando só pra dizer que vai pescar, pegar peixe que é bom... um dia pega peixe, passa duas, três semanas sem pegar nada, só caminhando, pescando, andando no rio, o rio muito seco, não tem mais aquelas enchentes de antigamente para o peixe produzir, agora só encontra croa, ilha, aí se tornou difícil né, pra quem é pescador, praticamente daqui a uns dias vai o quê? Vai morrer de fome, tem que ter uma ajudazinha por fora porque senão é complicado.

### Informante (05)

O rio era cheio, tinha peixe de grandeza né, tinha peixe que pegava sem rede, sem tarrafa, tinha os viveiros na enchente né. Tinha *bambá*, *mandim*, *robalo*, hoje não pega mais, os peixes de antigamente é difícil, o que pega mais é *piau*, *sulapa*, *traíra* né, traíra antes só pegava no riacho, hoje em dia tem no rio São Francisco, *sulapa* que de primeiro não existia no rio, hoje em dia tem no rio, *sulapa*, *tambaqui* que não tinha, tem, porque no rio só tinha a *chira*, *bambá*, era *mandim*, o *mandim* que eu falei era o surubim, porque pra pega um surubim hoje é difícil em Gararu né. Meu pai era pescador, primeiro começou com meu avô, ai depois passou para o meu pai, do meu pai passou pra mim. Eu lembro de um pescador que ia com meu irmão pescar, nós pegávamos muito no rio, na beira das croas, *pilombeta*, rapidinho nós pegávamos um balaozão cheio de *pilombeta*, a gente ia com uma rede velha mesmo, rasgada, era tempo de fartura, hoje pra pegar uma *pilombeta* só se for lá pra baixo, porque aqui em Gararu é difícil, agora apareceu um *cu duro*, você já ouviu falar? Pescava na caceia ou de tarrafa, eu pesco mais de tarrafa né, se o cara tem uma rede só pega peixe se for de caceia, se deixar os donos levam, com a tarrafa o cara pesca e vem pra casa com a tarrafa, até de pegar *camarão* o povo deixou de pescar, mode isso, porque hoje em dia compra uma dúzia de covos, se botar no rio, no outro dia, solta os covos pra pegar *camarão*, *pitú*...*Pilombeta* desapareceu e camarão hoje em dia só vem aí de baixo, da praia, sempre aparece uns *pituzinhos* que é do morro, mas é difícil, hoje em dia o que tá matando mais esses peixes são esses pescadores de arpão, tão matando os peixes. Senti muita saudade né, principalmente quando eu ia pescar, era muita fartura, o cara ia ligeirinho, tinha um trabalho, mas hoje em dia pra o cara pegar, tem o mesmo trabalho, raramente só pra comer né...É muita lembrança, o rio cheio, riacho cheio, hoje em dia até o riacho tá seco, essa é uma verdade, não era como antes né, muito triste mesmo. Ninguém gosta de arpão, porque hoje em dia o cara bota uma rede pra pescar quando chega lá tá a rede tá toda esbagaçada, os pescadores mesmo arranca pra pegar os peixes no fundo, uma vez estava pescando com os meninos ali, botamos uma rede ali, aí eu vi quando passou os camaradas, desceram quatro caras assim, nós não conhecíamos nenhum, quando chegamos a rede estava toda levantada, a sorte que só pegou umas traíras e umas *pirambebas*, se tiver peixe na rede eles podem até pegar e levar, o que mais acabou essas pescarias em Gararu foi essa pescaria de arpão, diz que é proibido né, mas o povo é teimoso, hoje pega uma coisa de um, quando chega nas casa de pesca vende... diz que um dia desses atiraram num peixe grandão, aí foram encontrar lá pra baixo, os pescadores

que pegaram lá pra baixo e aproveitaram né. Os peixes do mar que eu já peguei aqui foi siri e *dubi*, pegamos ali no riacho, esses peixinhos que o povo tá chamando de *cluduro*, acho que veio do mar, eles parecem umas *pilombetinhas*, eles não tinham no rio São Francisco, quando vou pescar, nós pegávamos eles, uns peixinhos assim parecendo uns *piauzinhos*, eu e Tonho Gaiola pegamos e deu pra o rapaz comer torrado.

## Informante (06)

*Pilombeta*, *mandim*, o *surubim*, esses peixes não estão tendo mais, o *aragu*, outro peixe que já existiu, mas que não foi do meu alcance, mas já existiu, o *pirago*, a *chira* tem, mas está sumindo também, cada dia que passa tá diminuindo a quantidade, o peixe que mais aparece é o *piau*, a *pirambeba*, essa a piracema dela outros peixes não comem, já o *piau* tem a traíra, outros predadores, sabe, a tubarana. E o rio cada dia como a gente vê né, cada dia que passa secando mais, depois dessa barragem que fizeram no Xingó. Meu avô era pescador, meu pai não era não, mas como eu fui criado com meu avô e também a necessidade né, tinha muito peixe, hoje se a gente não batalhar bastante, pra viver da pesca mesmo, sabe, não tem como, a gente pesca, mas tem que fazer um dinheirinho extra porque o da pesca não está dando não, antigamente vendia e dava também, já cheguei aqui numa pescada só que eu dei pegar uns cem quilos de peixe, sozinho mesmo, varri uma caceia, sozinho e Deus, quando terminei de apanhar a rede estava quase se afundando de peixe. Tinha a *cutia*, a *chira*, lá em Belo Monte mesmo um isopor de cento e vinte litros eu enchia ele, sozinho e Deus. Teve um sábado que eu cheguei aqui peguei uns oitenta quilos de piau. Quando o rio enchia, a última cheia que o rio deu, deu bom, assim que ele vazou aí o peixe meteu a cara mesmo, pegamos bastante, mas agora mesmo quando a água ficava barrenta não tem peixe, passamos três anos sem *camarão*, ano passado ainda subiu, eu chegava aqui era oito quilos de *camarão* de uma tirada só, pegava três quilos achava ruim, agora é uma semana pra pegar três quilos. Saudade da pesca, do rio, o rio cheio é bonito demais, hoje mesmo vinha de Traipu no meio do rio, a água aqui, tem uma ilha bem de testa, o rio não tem mais água não, as águas do rio acabou, os baixios tão aterrados, o homem tá tomando de conta também, cercando, botando o gado, essa ilha aqui já, já tem dono, já tem cerca de arame, e ninguém faz nada, os fazendeiros tomando conta das ilhas. O arpão eu sou contra, a pescaria que chamam de espingarda né, a pescaria de bata, colocam a rede, faz um círculo e deixa o peixe doido, aí os peixes correm pra um lado pra outro, uma parte que vai pra rede o cara pega, a outra parte que foge ninguém vê mais, o que eu pesco é honesto, faço o certo né, já eles não, estão colocando até veneno no rio, uma mulher pegou em Propriá um *piau*, estava lavando pano, levou pra casa e tratou pra comer e o marido disse pra ela não comer, ainda estava meio vivo, ela disse que ia comer aí fritou o *piau*, mas disse que não ia comer não, aí deu ao gato, o gato comeu no outro dia o gato amanheceu ruim, se a mulher come o *piau* tinha morrido, pronto aí pra baixo ninguém quer comprar *piau* mais, de Amparo pra lá, os caras que

estão fazendo essas armadas é de lá, Amparo, Propirá, Colégio, pra cá não, em Gararu não, se alguém tiver fazendo isso aqui é que vem de lá, os traficantes do rio vem da praia, estão vindo de lá esculhambar com o sertão, se não tiver uma fiscalização, vai chegar ao ponto da gente querer pegar um peixe e não conseguir pegar, já tem pouco e o pouco que tem já quer acabar, lá na banda da praia ninguém pega *piau* não, porque o veneno onde passa acaba, aí eles não pegam lá e vem pra cá, pra esculhambar. Uma coisa que eu ainda queria ver era o rio cheio né, com muito peixe, o que eu quero ver é isso né, acabar com esse movimento de arpão né, a bata, arpão e esses venenos que estão colocando no rio para matar o peixe né, ver esse rio cheio é uma bênção.

### **Informante (07)**

Quando eu comecei a pescar a minha pescaria era de minhunsa, é um tipo de arrasto, as pessoas nem conhece isso, tem uns tempos, eu era rapazinho novo, era de arrasto, pega um balaio de *aragu* com grandeza [inaudível] aí passou os tempos né, esse peixe desapareceu, aí voltamos pra outro tipo de pescado né, aí um pescado mais maior, mas sempre não tinha o que tem hoje né, o gelo que guardava né, fazia de madeira, hoje já estamos muito sério viu, é menos pescado, hoje nós pegamos no mínimo vinte quilos de peixe por semana, no mínimo, ou até menos, antigamente pegávamos muito mais, era uma grandeza né, eu pegava era a minhunsa né, era a *pilombeta*, a gente usava outro artifício, já pegava o *bambazinho* né, era mais o *cumatá*, mas hoje esse peixe desapareceu, desapareceu a *chira* que é difícil hoje, tinha muita *chira* que chamava *cumatá*, hoje a gente pega de outra qualidade é a *tilápia* é o *tucunaré*, não é muito né, hoje já tem outra qualidade de peixe chamado *pacu* né, mas não é muito, o *pacu* antes já tinha mas não era muito procurado, não era bom de venda, esse peixe era quase isolado, outro pescado que a gente chamava *niquím*, tinha muito, hoje não tem mais (inaudível) muito já teve a *pilombeta* também, hoje não está tendo mais, muitos anos atrás já teve *pilombeta* e não tá tendo mais, a coisa mais difícil é *pilombeta* no nosso território. Quase dez anos tinham as enchentes e a última cheia que nós vimos aqui foi a de dois mil e sete, dois mil e quatro deu uma cheinha boa, aí deu em dois mil e sete. [...] virou quase fazenda né, porque desapareceu o pescado, pescado que eu chamo é peixe. Desde criança, nós tínhamos um território de fazendazinha, dez anos a oito anos atrás, meu pai como era pescador, nós deixávamos quase de estudar por causa da pesca, criava piru, criava ovelha, um nosso de rebanho né, mas nosso sonho era pescar, comecei a pescar com doze anos, desse tempo pra cá tenho cinquenta e oito que vivo ainda de pescado, já estou caminhando pra me aposentar, mas de uns tempo pra cá caiu muito né, como eu falei uns tempo pra trás a coisa era mais farta, tinha mais fartura, mas hoje tá dessa maneira, mas nunca deixei, segurei a peteca, meu ranço é esse mesmo. Tá tudo diferente, nosso rio antigamente tinha muita água, de novembro pra dezembro chegava muita água, enchia as lagoas, soltava água enchia essas lagoas(inaudível) muita gente dizia será que ainda vou ver esse rio como era, eu acho que não, a tendência é que não levanta mais, as cabaceiras do rio, como essa semana passou ali em Minas Gerais a nascente do nosso rio aí se acabando, é na nascente dele que tem que cuidar. Eu pescava com rede de arrasto, rede de minhunsa né, pegava a minhusinha, depois passou pra o arrastão que era marinho. Essa rede de

minhunsas que pegava a *pilombeta*, nós pegávamos o *aragu* né, o arrastão, o marinho era com três pessoas, joga nas águas, vem e arrasta e puxa o pescado né, hoje é vários tipos de qualidade de arte para pescar que eu não uso né, que é o arpão com aquele farol, no Oiteiro muita gente usa, eu não uso. Se for fazer reunião, chamar os governantes é pouca gente que assina nesse negócio, é proibido e prejudica o próprio pescador, onde ele roda ali não fica nada, gera estruição, aquilo ali às vezes, sai rodando ali em menos de uma hora, ele separa não tem o que aproveitar, já peguei, as vezes ele tá até ovado já perdeu. Muita saudade a gente lembra né, porque quando nós começamos aquela tinha aquela fartura né, hoje nós vamos morrer vendo tudo diferente, o pouco pescado, esse tipo de pescaria que mais tão aplicando hoje é o que tá mais prejudicando, a gente fica querendo ir, mas sendo desestimulado. Eu mesmo se fosse pra fazer abaixo-assinado eu era a favor, pra acabar ou evitar mais né, não pode acabar de uma vez, mas evitar mais né, porque essa pescaria nunca foi liberada, porque esse tipo de gente vai por um esporte, quer se achar como se fosse nadador, nessa hora quem for mais esperto pega, tem muita gente que não tem coragem de mergulhar mesmo, vai esperar por uma tarrafa, uma rede, ele aplica dentro d'água, mergulha na fundura que tiver vai com aqueles pezinhos de pato, vai lá e traz o pescado, naquela região que ele mergulhar ali nada fica, o pescador é prejudicado porque profissional que paga o documento, origem mesmo e sustentou aquela profissão ainda hoje, pode tá velho cansado, mas ainda hoje vai. Antigamente quando nós pescávamos, pegávamos era cinquenta de uma lanço, eram três pessoas, arrastávamos, nós fazíamos era aquele balaio, já demos lanço de pegar cento e trinta quilo de *aragu*, *tubivin*, *aragu* não existe mais, vinha que era monte, nós subíamos ali pra uma ala de Belo Monte, a mais naquele tempo era os salgados né, pegava duzentos cento e cinquenta na parte do escuro, na parte do claro aparecia mais, nós saíamos no domingo, chegava na sexta feira, naquela época era uma grandeza, hoje nós nos batemos pra pegar vinte quilos de peixe.

### **Informante (08)**

Comecei a pescar desde eu pequeno né, eu já morava praticamente na beira do rio né, graças a Deus até hoje eu tenho meus pais, meu pai mesmo era pescador e eu comecei a pescar assim, vendo ele pescar, ia mais ele, ele ia pescar de tarrafa, de rede, o que fosse, eu saía mais ele né, aí pescava, eu ia com ele, o jeito que ele pescava eu aprendia, nesse tempo o rio era bem cheio, tinha os tempos do rio cheio, em outros tempos o rio vazava também, aí nesses tempos que nós pescávamos mesmo, eu ia pra catar as piabas que pulavam dentro do barco, pulava tanta piaba, sério mesmo, nas beiras do rio, nas beiras dos morros, aí fui aprendendo a pescar, quando pensa que não, eu comecei a fazer uma tarrafa, quando eu aprendi de eu pequeno a fazer uma tarrafazinha, aí depois eu saí, já comecei a lancear, pescar de tarrafa é lanceando sabe, aí fui ficando mais velho, depois de eu mais velho tinham as pescarias de lagoa né, quando o rio enchia, enchiam as lagoas aí plantava os arroz né, aí depois que o rio baixava, a lagoa também ia baixando, aí ficava o caldeirão, chamava caldeirão, aí botava uns coitos, pegava umas madeiras e botava, chamava coito, aí o peixe ficava lá, quando era o tempo da pescaria, o dono da lagoa chamava nós pra irmos pescar, aí nós tirávamos a madeira de dentro d'água, lanceando de tarrafa, outros atravessavam a rede né, aí pescava de rede ou de tarrafa, ou rede e tarrafa também né, aí foi passando o tempo, o correr do tempo, aí agora mesmo cresci graças a Deus, sei fazer tudo de pescaria, sei remar, sei pescar, sei soltar a rede de caçaria de toda pescaria, graças a Deus eu sei. Nesse tempo agora mudou, depois desse período o rio agora tá tão baixo, e naquele tempo nós vivíamos mais de pescaria né, pegava peixe pra vender, pra comprar comida, e hoje em dia, eu mesmo digo de mim, eu pesco muito pouco, vou pra o rio, como hoje mesmo, eu pesquei, peguei quase nada, porque a diferença que o rio era daquele tempo pra hoje tá uma diferença tão grande, chegar no rio e diz assim: eita! aqui foi o rio nós pescamos? Tinha um tempo tão fundo, que nós soltávamos a caçaria e não sabia nem a fundura, hoje em dia, você vê lugar que você pescava bem fundão, hoje tá tão raso no mundo, que você atravessa de pé mesmo, sem embarcação, tem lugar que não passa embarcação, antigamente passava lancha e tudo, tinha as lanchas grandes, subiu até navio, não era da minha época, mas eu lembro o povo mais velho falar, hoje em dia tem lugar de você passar do meio do rio pra o outro lado que era o lugar mais fundo, tá aterrado, você passa de pé que não molha nem a bermuda. O peixe que tinha nós pegávamos muito era *chira*, porque *chira* tem de muita qualidade, tem a *bambá* que é mesma *chira*, tem a *chira*, tem a *cumatá*, que é um peixe maior, ele

pequeno é *bambá*, ele maiorzinho é *chira*, ele grandão cinco, seis quilos já é *cumatá*, tubarana tinha de você ver ela saltando, pulando no rio, você pegava de todo jeito, hoje em dia, mais você não vê, uma produção de tubarana não vê mais, um *pirá*, que *pirá* teve muito, *cruvina* que chamava *pescada*, um peixe que chamava *pescada* tinha muito, hoje em dia você não vê mais, *mandim amarelo* se você chegar a pescar é difícil pegar um *mandim amarelo*, o amarelo é o de croa, tinha o *capadim*, *tubarana*, *surubim*, hoje em dia não vê mais um *surubim* no rio, tem o *camarupim* que toda vida teve, mas tão bem escassos mesmo, agora de vez em quando pode pegar um, mas é muito difícil, o *pirá* já tem uns trinta anos ou mais que sumiu desse rio, que você não vê ninguém falar que pegou esse peixe no rio, mais a *tubarana*, a *cruvina* nós pegávamos quando vazava, já peguei tanto do peixe e nesse tempo tinha cardume de peixe que subia assim, uma comparação, eu pequeno, eu ia pra beira do rio pra ver a subida do peixe, subia mesmo cardume de *piau*, aí meu pai pegava o barco e a tarrafa dava um lance aqui, quando ele lanceava que pegava meio mundo pra 90 (inaudível) quando você ia acompanhar, ele ia subindo, estava ligando ninguém, despecava todindo e metia o remo, ia pegar outro lanço com mais de cinquenta varas de distância antes do lanço que tinha dado, era bom demais, agora mesmo nós batalhamos tanto pra pegar um peixe, sobreviver hoje por peixe não dá mais não, não dá de jeito nenhum, esse seguro defesa do peixe é de ano em ano, mas quem for pescador e viver por esse seguro é ruim também né, e pelo peixe, vamos dizer, vende um ou dois ou mesmo os três, tudo bem, vai vivendo assim né, agora pra dizer que vai viver de pescaria ou do seguro desemprego tá ruim de viver, a desova tá muito da ruim, por causa que não tem mais cheia, agora peixe que nunca perde a aparição é peixe *manjuba*, é a *piranha*, a *pirambeba*, todos esses peixes produzem muito, agora a *chira* tá ruim de nós vermos aqui, de primeiro também tinha o *aragu*, você lanceava e via encher de *aragu*, hoje em dia não tem, a *pilombeta* nós pescávamos a *pilombeta* todo dia, todo dia tinha *pilombeta*, hoje em dia não tem mais, camarão pescava de você botar covos, encher de camarão os covos, fazia muito dinheiro de camarão, pra viver de pescaria mesmo, eu lembro do meu pai que vivia de pescaria, dava comida a gente só de pescaria, mas pra mim, dizer hoje em dia dar de comida a um filho por causa de pescaria tem mais tria não, porque o rio acabou-se, acabou-se e tá se acabando. Uma parte é por causa de não ter enchente, mas naquele tempo não tinha muitos pescadores e hoje tem mais pescadores de que mesmo peixe, acabou-se mais porque tem mais pescadores de que peixe, e as formas de pescar naquele tempo só de rede, de trevesia, de caçaria era pouco, era mais de trevesia ou tarrafa, hoje tem esse negócio de arpão né, muitos pegam peixe, muitos

espantam, muitos furam o peixe e o peixe morre atoa, e a produção do peixe acabou, porque se tivesse mais peixe como tinha antigamente, mais peixe que pescador dava pra todo mundo, mas hoje o peixe não tá dando nem pra o pescador que tem, porque o rio secou, secou e tá secando, tá tão ruim de pescaria que você sobreviver sobre o peixe não vive não, lhe digo de verdade, hoje em dia tem muita gente que tem as coisas de pescaria do de antigamente, da pescada do outro tempo, agora desse tempo não tem mais não, tá ruim de viver sobre a pescaria. Saudade eu tinha era disso mesmo, dessa produção que tinha, da fartura, hoje não vê mais a produção desses peixes, não vê mais de jeito nenhum, a piracema que é do mês de outubro pra novembro, chegava em dezembro produzia o peixe, e hoje não tem mais produção de peixe, uma *chira* de cada aparição dela produz oito mil, se criar quinhentos peixes, se criar pra um rio grande desse né, aí não dá nada, se fosse nesse tempo era bom demais.

### **Informante (09)**

A minha experiência já não é da pescaria deles aí, está existindo agora dentro do processamento do pescador, o que o Governo Federal chama de pente fino, só que é o seguinte, o pescador artesanal não pode ser só o jogador de tarrafa, não pode ser só um soltador de uma caceia, isso aí eu entendo tudinho, eu mesmo sou mais pescador de poita, o que é pescador de poita? Pescador de poita chega hoje numa das maiores carreira d'água do São Francisco, joga uma pedra lá, bota uma pedra, apoita o barco, o barco parado fica ali, joga uma linha com uma pedra, só que tem que colocar o peso da pedra na posição da carreira d'água para que a pedra assente lá e o peixe chegue para comer a isca, aí diz: ah! pescador tem que ser jogador de tarrafa, isso, aquilo... não, não... é outra coisa, eu vivo lá em Penedo representando a colônia de pescadores daqui, aí foram reclamar do *camarão* numa reunião com o Ibama, foram reclamar do *camarão* do alto São Francisco porque no baixo ainda tem, Propriá, tal, ainda tem um *camarãozinho*, aqui pra cima não tem mais, o negócio do camarão eu expliquei lá pro Ibama, se eles quiserem fiscalizar nós ainda vamos comer *camarão* ainda aqui, se não quiserem fiscalizar nós não comeremos camarão, porque sempre, sempre eu sou do ramo de cinquenta e cinco, tenho sessenta e um anos agora, já tô indo pra sessenta e dois, completo em fevereiro, é o seguinte desde a idade de cinco, seis anos eu ando no rio pescando, era assim, tinha o tempo da *aratanha*, pegava um mosquiteiro velho, chegava nas carreiras d'água assim, aí pegava *aratanha*, era o tempo da *aratanha*, aí quando parava, pronto, o povo parava de pescar, hoje não, você chega aí, dia de quarta-feira tem *aratanha*, mas não é *aratanha*, eles tão pegando o camarão novo, nós temos dentro do rio São Francisco um mato alto que a gente chama de calda de raposa, um mato que cobre até a gente, aí a *camaroeira* vem ali, ela vê dificilmente o local, ela vem e desova ali, aí vem aquela mulepa com aquela redinha de balão e já pega os *camarões* novos, já não é *aratanha* aquilo ali e vende como *aratanha*, então nós estamos com um problema, nós estamos prejudicados com essa hidrelétrica, já viajei pra Salvador, Brasília, tudo, representando a colônia de pescadores de Gararu, nós estamos com um problema, porque estamos há muito tempo sem cheia de rio, sem cheia de rio não tem peixe, a gente sempre come aquele mesmo peixe, aquele mesmo peixe até que o peixe é inocente, ele vai pra desova, aí sobe, aí vai pra o encontro das águas lá em Xingó, porque tem força d'água maior, e o peixe só desova na força d'água, sobe, pega o oxigênio, faz força e vai desovando, aí ele vai pra lá e quando chega lá, pega o peixe todinho, também essa pescaria tá acabando com esse resto de peixe do rio, esse negócio

de espingarda, eu pescando de poita nós tínhamos o tempo que pegávamos o *piau*, *cutia* era o tempo que eles iam comer, eles saíam de lá das locas que ficavam bem entocados, era quando a gente pegava o peixe, quando ele vinha comer, só que agora eles tão dentro da toca, aí o cara vai lá de noite, com a lanterna, chega com a espingarda, pou! Acaba com tudo, nós não temos mais, eu tenho pra mim, que a gente vai chegar um tempo aí que peixe... já tá né outra coisa, que eu acho interessante do pescador né, que recebe o defeso, é: Zezinho, por que você não compra uma tarrafa, uma rede? Pra que eu vou comprar se eu já tenho minha linha, meus anzóis, não precisa isso, se eu pesco diferente... outra coisa, ele sai à noite pra pescar porque só pega peixe se for à noite, quando chega amanhã se ele pegar cinco, seis quilos de peixe, ele já enricou, aí eu acho interessante, porque o pescador não bota na conta a noite de sono que ele passou, ele não bota em conta as artes que ele tá acabando, uma tarrafa, um barco, uma rede, um remo, tudo, o motor, a gasolina, não bota nada disso em conta, e o que ele bota: ah peguei dez quilos de peixe! aí quando chega na época que acaba as artes, ele pensa, peguei certo porque o cabra não vai passar fome, pra comprar uma rede, uma tarrafa. Nós estamos com um processo lá em Propriá contra a Chesf por causa desse problema da cheia do rio, porque prende as águas lá, manda do jeito que quer, do jeito que não quer, deixa escasso aqui, eu fui pescador de *pilombeta*, de tarrafa, de linha, era abundante, tinha bastante, nós dávamos lance de pescar *pilombeta* assim, remava sabe, ela cabichava, saía na flor d'água assim, aí dava um lance, a tarrafa passava uns cinco minutos pra descer, quando descia, tinha corda desse tamanho assim, o lanceador tinha a obrigação de mergulhar um pouco, vamos dizer assim, uns seis, cinco metros, não era lugar muito fundo, quarenta metros, aí ele mergulhava, chegava lá com uma cordinha, aí juntava o saco da tarrafa, aí amarrava chegava, com três bolos de *pilombetas* assim.

## Informante(10)

Quando eu pescava tinha muito peixe, hoje em dia não tem mais né, o rio enchia e vazava, e tinha a desova pra o peixe se criar né, e hoje em dia não tem mais nada né, hoje você vai pra o rio, não arruma nem o que assar. Eu pescava muito, *chira* que chamam *bambá* né, a *pilombeta*, *piau*, nessa época dava muito né, mas agora pega né, mas é menos. O rio de antes era diferente né, agora tá tudo acabado, tudo aterrado, tudo cheio de mato, croa pra todo lado, é tudo seco e os pescadores só sofrendo, a pessoa vai passar com a embarcação é tudo pregando, antigamente ele não ficava nessa situação, tinha uma época que ele vazava, mas não era assim, era natural, na outra época recuperava, mas agora não, agora é o birote, cada vez mais tá é descendo, tá tudo seco e os pescadores só sofrendo, a desova é difícil de ver, a água não suja mais, não mela, só se der uma enxurrada, mas é muito difícil, a hidrelétrica segura as águas lá. Pescador esses mais novos é que vão sofrerem cada vez mais, tá ficando difícil, eu já me aposentei, já pesquei tanto, que eu não estou mais aguentando ouvir... dá frieza uma hora dessa tá, chegar no beicho do rio pra dá uma pescada, nego só vai pra comer mesmo sabe, porque pescaria é mais à noite, de dia a pessoa pesca mas não pega igual a noite né. Peixe pegava muito, *pilombeta* mesmo, pegava dois, três balaios de uma caçaria de *piau*, pegava um balaiio só de uma caçaria, quando acaba de pescar estava cheio e de *chira* mesmo, de uma caçaria pegava quarenta, cinquenta, cansei de pegar quarenta, cinquenta *chiras* dessas pequenas, dava muitas caçadas que pegavam muitos peixes. Me tornei pescador por mim mesmo, eu fui criado assim, não tinha pai sabe, comecei a pescar tinha idade de uns doze anos por aí assim, até agora quando me aposentei a pessoa saía, tinham épocas que dava meio ruim também sabe, mas não era assim que nem agora não, quando o rio dava de vazante geral, que era a vazante mesmo, aí dava peixe, jogava uma rede, tinha gosto de pegar, só via a bichinha meter a cara, hoje nego só fica com saudade, vai no rio, sobe e desce o rio todo e só chega com três, quatro quilos de peixes, se pescar muito, se não pescar, não pega não viu. Quando chegava com as embarcações, chegava assim, ficava só olhando os cabras, olhando cheio de peixe dentro das embarcações, coisa linda né, tanto fazia *piau*, quanto *bambá*, *pilombeta*, *piaba*, tinha época de *aragu* também, que eu pesquei também, nós demos um lanço uma vez que a rede estacou daqui pra aquele pau, tirava de balaiio, tirava uns dez balaios de *aragu*, era uma coisa, hoje faça isso né, *piaba* também, dava lanço de pegar dois balaios também, eu mesmo gostava de pescar *piaba*, pescava muita *piaba*, subia aí pra cima, a embarcação vinha rasa nesse tempo, não tinha gelo, nós salgávamos,

não levávamos gelo de caixa, nós levávamos uns tanques de cimento que fazia, comprava... depois apareceu umas borrachas grandes, pegava oitenta quilos, largava sal, tirava o fato todinho daquele peixe, hoje é você pegando um, botando dentro da caixa né, chegar em casa pode tirar o fato, pronto, tá bonzinho, somente o que resta é a saudade, quando a gente chega nessa idade não pode mais pescar né, fico com saudade do rio, da fartura.

### **Informante (11)**

Fácil não era não encontrar peixe no rio, eu quando comecei, pescava mais camarão, o camarão era bom. Peixe era *piau* mais, *piau*, *bambá* às vezes pegava, era difícil pegar o bambá, mas às vezes pegava, agora mais mesmo era *piau*, quando eu comecei já era seco, desde quinze anos que já pescava, já estava secando nesse tempo, ainda enchia, ainda peguei uns tempos cheios ainda, depois secava e agora nunca mais encheu mesmo, tá seco direto agora. Tornei pescador porque achei que era a melhor coisa que fiz, não tinha outras coisas, foi o melhor, melhor que outra coisa. Saudade mesmo mais dos camarões que dos peixes, camarão tem mais não, peixe tem, mas é mais pouco, mas ainda tem, o cara ainda acha né, e *camarão* acabou mesmo, saudade era mais dos *camarões* mesmo, *camarão* é que era bom, pescaria boa. Eu pesco de rede, caceia, de tarrafa também, tarrafa eu gosto mais que de rede, pescaria só isso mesmo. Antigamente era uns *tucunarezinhos* que pulavam, mas era difícil, era mais quando o rio sujava as águas, enchia, dava mais um peixinho, as águas enchiam, mas era pouco também, acabou mais esse negócio, mas era pouco, o rio acabou, não encheu mais, enchia e as lamas sujavam, só tem ilha no rio. Tem gente que solta bomba, solta bomba no rio e mata o peixe, se soltar uma bomba aí oi mata meio mundo de peixe, não pega tudo porque eles saem boiando, se soltar um peixe, vamos dizer, na Ilha do Ouro vem pegar peixe aqui, eles não boiam na hora. O rio quase que não tem o que falar muito porque alcancei cheio, topei ele cheio, mas quando comecei mesmo a pescar ele já estava assim, secava, enchia, hoje o que a pessoa pesca não pega quase nada mais, passa a noite todinha, vamos botar uns quarentas quilos de peixe que nós já pegamos numa pescaria, pescando assim até mais Zé Preguinho mesmo, nós já pegamos quarenta quilos, já dei umas pescadas boa mais ele, quem eu mais pegava peixe foi com ele, mais depois parei, nunca mais nem fui, dá até raiva passar a noite todinha e não pega mais nada, só passando fome.

## Informante (12)

A cerca de pedra a pessoa acha que não tem prestígio nenhum, mas tem a ver com a história. Então, a vargem de Gararu ela era toda cercada de pedra, saía da boca da vargem como chamam, tudo era cerca de pedra até São Paulo de Nelson, tudo cerca de pedra, a maioria já acabaram com as cercas. No cabaceiro, a parte do alto ainda tem, vem de lá da parte do saco, tem até um beco, chamavam beco do Agripino, João de Nego era de baixo do beco e o saco da parte de cima era do povo de Agripino, até o João de nego era cerca de pedra, pra cima era de arame. Aqui meu avô fez esse curral aí já tem mais de cem anos. Aqui a lagoa a parte de lá quando meu avô comprou, meu pai não sabe quem construiu a cerca de pedra, quando meu avô comprou já foi com a cerca de pedra. Meu avô fez as quatro cercas, mas as que ele fez foi na altura de cinco palmo de altura com sessenta de largura, depois foi pegando aterro com um gado, que era gado pé duro, aí a gente prendia quando ia laçar elas pulavam, aí depois que meu pai morreu eu remontei a cerca. A cerca tem dois metros, mais alto. Depois, foi cercando, meu pai fez muitas cerca, eu também, cerquei essa frente toda, essa ao redor da casa, cerquei tudo de pedra e quem mais tem cerca de pedra hoje sou eu, porque tem na Tapera, uma parte de cerca de pedra. Dirceu comprou cerca de pedra ali a frente (do rio), mas ele acabou, vinha até com os meninos de Joãozinho com a cerca de pedra, mas acabaram e outras por aí já tem acabado, outro dia pelezaram para comprar uma cerca que eu tenho ali, não tá servindo pra nada, tá no meio do cercado, meu pai construiu, não tem serventia, mas eu não vendo porque não sei quanto meu se sacrificou pra fazer ela, a cerca de pedra eu não vendo. A lagoa botava água que ficava bem fundo, esse plano todo que tá aí chegavam todas do lado de fora as águas, enchente grande, quando vinha enchente grande mesmo a base de fundura é de uns cinco, seis metros, que ficava no centro da lagoa, plantava milho, feijão, arroz. Ali no Saco eu plantei dessas batatinhas que chamam batatinha do reino, deu boa, plantei repolho, aquele de rama plantei, embeletou, mas deu, sem adubo nenhum, só plantar que dava, mas hoje tá assim o sacrifício não tem o arroz, não tem o feijão, não tem o milho, não dá algodão porque o tempo é escasso. Milho, feijão, essas coisas era mais pra consumo, o arroz que era mais, eu vendia. Da quantidade de pessoas que trabalhavam comigo dependia, quando era a lagoa, eu fui comprando, aí aumentou o terreno, passou pra umas trinta e tanta tarefas por quarenta, agora a plantação de arroz dava umas trinta tarefas, aí eu tinha seis meeiros que plantava, era de meia o arroz, eu dava a sementeira pronta, a planta como chama, só vir arrancar e plantar, era uns oito meeiros que eu tinha

e o arroz era dividido ao meio, se um meeiro duas tarefas, dava quatro alqueire dois era meu, dois era dele, quem tinha mais área de cinco tarefas de plantação eu tinha metade do arroz, se desse quarenta alqueire tinha vinte. O alqueire é a quatrocentos e oitenta quilos, são trinta e dois salamins, vendia pesado ou vendia pela medida de dez litros, no carregar pra casa quem ensacava, ensacava cada saco oito medidas quatro salamins, aí a gente vendia ou no peso quatrocentos e oitenta quilos ou trinta e dois salamins medido com a medida de dez litros, ainda hoje eu tenho a medida aí, vendi muitos alqueires de arroz, teve ano que eu cheguei bater setenta alqueires, trinta e cinco meu e trinta e cinco para os meeiros, parece que era oito meeiro, me ajudou muito, mas depois que represou Xingó, não botou mais água nas lagoas. O rio tá acabado porque aí na frente da Tapera tem aquela ilha monstra, diz que é razinha, com água no joelho, nunca tive naquela ilha, a frente da Tapera ainda tá bem larga, que tem um canalzinho por cá pra ir pra ilha e o mais fundo é do outro lado, do outro lado já tem outra ilha, já vem outra ilha. No cabaceiro diz que só tem em regozinho pra chegar em Alagoas. Peixe eu vendia no caldeirão, que o pessoal pescava até quando fechava as lagoas, pegava muito peixe, aí no caldeirão às vezes eu vendia seiscentos, oitocentos quilos de peixe, peixe de qualidade, era *mandim*, era surubim, era *cumatá*, *mandim* diz que cria em viveiro ainda pode pessoas de sua idade conhecer, surubim também cria em viveiro, mas a gente foi pra Xingó, pedi pra comer surubim lá no hotel, botaram um surubim que não tem gosto de surubim, antes se criavam da natureza dentro dos arrozes. As vezes até estava batendo arroz, aí via assim no caldeirão o surubim colocando as barbas assim de fora, a gente matava de cacete *sururbim* de dez quilos, oito quilos, gordos. Esse mesmo de viveiro que pedi lá em Xingó não peço mais, porque não tem gosto. O *mandim* salgava, aí mãe retalhava assim, botava no sol pra enxugar, a gordura pingava no chão, torrava mesmo com a gordura do *mandim*, agora hoje é uns peixes de viveiros... as águas do Rio São Francisco hoje estão empossadas porque os morros estão cheios de croas. Em sessenta teve uma cheia que atravessou o beco de Napoleão, a minha casa caiu nessa enchente, aí eu levantei ela em sessenta e um, fiz toda nova, de repente o tempo passa. Eu tinha uma tia que chamava Emília, ela dizia que teve uma padre, acho que era Padre Francisco, que dizia que o Rio São Francisco ia virar poço, está virado. Onde a pessoa ainda vê uma porção de água é na represa, como em Xingó, quando eu fui no Catamarã tem parte que tem cem metros de fundura e tinha muita água pra um lado e para o outro, para Alagoas e Sergipe, lá onde a gente fica quando faz o passeio já é estreito, é cada morro danado, mas é fundo. Croa teve toda vida, mas quando tinha uma croa de um lado do rio, o lado de lá corria com toda força né, as canoas

viajavam pelo canal forte, antigamente quando o rio baixava, a força d'água ficava numa parte só, croa era de uma parte só, não ficava como tá aí, ficava a croa do lado e a carreira d'água de outro lado, quando saía uma croa em Sergipe, a carreira d'água ficava em Alagoas, quando saía em Alagoas a carreira d'água ficava em Sergipe e era fundo. Andava o comendador era um navio grande, não era um naviozinho pequeno não, era bem grande o comendador, e o Penedinho era quando o rio baixava aí ele vinha que já era um menor, a Tupan tinha a primeira e tinha a segunda também, era uma lancha grande, menor que o Penedinho que era um navio, agora tinha quatro camarotes para dormirem, era uma lancha luxuosa, tinha o almoço meio-dia, era organizada, meio-dia você viajava era só ter o dinheiro.

### **Informante (13)**

Estou presidente desde 2011, desde 30 de maio de 2011 até 30 de maio de 2018, estou no segundo mandato, mas antes desse mandato já teve de outra pessoa que já foi presidente e eu era na época secretário. A colônia foi fundada em 30 de maio de 2007, a primeira presidente foi Martha Ferreira, filha de seu Paulo na Genipatuba, nessa época eu fui secretário e o irmão de Irma, Raimundo, foi o tesoureiro, foi composta na época essa diretoria executiva que essas pessoas fizeram parte. De lá pra cá, a gente teve dificuldade, desconfiança, mas nosso intuito era de organizar, quando acabou o prazo a presidente não pode se candidatar porque ela não fez a transferência dela, fazia parte da colônia -8 de Propriá para continuar tinha que fazer os trâmites, ela não fez e não morava mais no município de Gararu, por isso que ela não pode participar da diretoria seguinte, aí onde eu fui candidato a presidente, ganhei com a maioria dos votos foi chapa única, e depois fomos para a reeleição e ganhamos de novo chapa única também tivemos 80% dos votos válidos. Aqui não tinha uma colônia por falta de interesse dos pescadores, ela é importante para os pescadores porque é uma forma de organização dos pescadores de estarem juntos e reivindicarem seus direitos, além de reivindicar seus direitos, ter seus direitos sociais garantidos, sem a colônia não tem como ter garantia de seus direitos sociais, nem reivindicação. Então, dia 30 de maio de 2007, se juntou um grupo de pescadores, aí a gente fundou aqui a colônia, nesse intuito de organizar os pescadores, porque antes a maioria dos pescadores do município de Gararu e vizinhança eram afiliados em Propriá, em Traipu, então tinha dificuldade grande. E tinham muitos pescadores e pescadoras e filhos de pescadores que viviam da pesca e não tinha documento pela dificuldade que se tinha para ir a Propriá ou até mesmo Traipu. Com nossa fundação, pessoal que era daqui foi feito os documentos, legalizamos, o pessoal de Propriá já veio 70%, mas ainda tem muita gente daqui que trabalha em Propriá, a maioria de Traipu também já veio pra cá. E os benefícios sociais que a gente tem além da aposentadoria, auxílio-doença, quando o pescador tá doente, a pescadora quando tem filhos tem direito ao salário maternidade, já aconteceu de algum pescador ser preso ter auxílio-reclusão, mas a gente não quer que isso aconteça né, só em último caso, esses são os direitos, além disso, está contribuindo também com o governo através do GPS (Guia da Previdência Social) e através da contribuição sindical, que agora não é mais obrigatória, agora com essa nova lei aprovada no Congresso não é mais obrigatória a contribuição sindical. A partir do dia primeiro de novembro ao dia 28, 29 de fevereiro, esse período é proibida a pesca, que é a época da

piracema, é quando os peixes estão desovando, então como o peixe vem diminuindo muito, aí é a época de recompor, de desovar os peixes ficam vulneráveis quando está nessa época, fica fácil de pegar, por isso nesse período é proibida a pesca para isso o governo paga um salário a cada mês, são quatro meses de proibição, o pescador recebe também quatro meses em compensação esse período que está parado, para não pescar de forma alguma e o pescador que tiver pescando nessa época está ilegal, está cometendo uma infração. O pescador quando vem pra cá é preenchido um formulário, declaração que é pescador, que vive da pesca, que tem a pesca como profissão única, que não tem outro meio de vida, a declaração assinada reconhecida em firma e cartório e também o preenchimento do formulário do documento do governo que a pessoa assina também, os documentos são identidade, CPF, título de eleitor, comprovantes de residência e 2 fotos, depois cadastra na receita federal para fazer o CEI (Sistema Eletrônico de Informações) e também encaminha o cadastro para o INSS para poder fazer então o nit de segurado especial. A profissão pescador é uma profissão difícil né, mas é a profissão que a gente escolheu, é uma profissão extrativista, não ofende o meio ambiente da ambiente a pesca da forma correta, mas o desafio nesse longo do tempo né, a gente vê o rio São Francisco cada vez mais secando, diminuindo, e se o rio está seco os peixes ficam difíceis né, os peixes a tendência é se acabar porque a água está se acabado, só existe peixe, se existir água, apesar de ainda ter muita água, mesmo assim não tem as lagoas que enchiam antigamente, serviam de berçário de aumento dos peixes que iam para o rio, tudo isso se acabou, a gente não vê mais, aumentou a quantidade pescadores, o esforço para pegar o peixe aumentou, antigamente a gente saía com o remo com a vela, hoje é motorizado, a vela e o remo quando se dava uma caçaria, a motor se dá quatro, cinco, a rapidez é grande, e isso tem aumentado, o esforço de pesca aumentou e o peixe diminuiu, várias espécies não vê mais, como o surubim, o *mandim* e outras espécies desapareceram do rio, um peixe que ninguém queria que quando pegava soltava o *pacu*, hoje está pegando para comer, para vender, é difícil pegar uma *chira*, quando pega é mesmo que está pegando um troféu, o *piau* também desapareceu e outros problemas que a gente enfrenta a pesca criminosa, que pega os peixes com veneno, tem algumas pessoas que saem e jogam veneno, cozinha o arroz com veneno e joga o arroz no fundo do rio, e os *piaus* são os que mais comem o arroz e acabam morrendo, e os peixes que a piranha venha morder acaba morrendo também. Eles pegam 80% dos peixes, os outros se perdem, porque descem, é gente de Propriá, gente de Amparo e gente de Colégio, que já foram identificados foram denunciados, até aqui as autoridades não tomaram providência ainda, mas se quiser toma

providência, o prejuízo é grande porque perde em quantidade, o valor dos peixes cai e o peixe causa mal a saúde, por exemplo, muita gente que consome esse peixe dá dor de barriga, diarreia, teve uma época no hospital de Propriá foi parar muita gente com esse problema por causa desse peixe, a gente tem avisado às pessoas que não comprem, que não queiram, esse peixe com veneno a primeira coisa que ele faz é ficar esbranquecendo, ele perde a cor e a guerra fica amarela. Tem outros tipos de pesca predatória, que não é criminosa, mas é predatória, que é a pesca de arpão, a pesca de batida, a pesca de chucho, essa pesca predatória também é proibida e também a malha, quem pesca menos de malha oito, parece da dez pra baixo é proibida também porque pega os peixes pequenos. Outro problema grave que vem acontecendo esse período com a escassez da chuva, a tendência do rio é ir secando, o consumo de água, a irrigação e o consumo humano, junta tudo e chega ao ponto que está, além disso, a revitalização do rio não saiu, o desmatamento das matas ciliares do rio vem prejudicando muito, aumenta ainda mais a vazão do rio, tem várias cidades ao longo do percurso do rio, mais de quatrocentas cidades, com cidades de grandes portes, como Paulo Afonso, Juazeiro, Petrolina, Bom Jesus da Lapa, Penedo, Propriá, não tem tratamento da rede de esgoto e cai tudo no rio, essa é que acaba, para matar tudo de uma vez, as empresas que jogam agrotóxicos no rio, os tratores pegam água, botam veneno e com aquela máquina de veneno eles vão captar água do rio pra poder jogar e essas águas quando chovem acabam voltando para o rio de novo, é outro crime ambiental que acontece, que as autoridades não tem tomado providencia, porque já foi feita denúncia desse tipo. Então são muitas maldades para esse rio, não sei como esse rio já não morreu, ele é muito forte, a gente espera pedi a Deus, que como choveu muito nessa região que chova nas cabeceiras pra poder então, encher, lavar, a água do rio não é mais a mesma, não é recomendável, mesmo que seja tratada da DESO, por outro lado, os pescadores e os ribeirinhos não recebem nenhuma compensação pela água que a DESO capta, como de Alagoas e de Sergipe e outros estados, não tem benefício, porque eles pegam aquela água e vendem ganham dinheiro, a CHESF é milhões que recebe e não tem benefício social para os ribeirinhos e nem pescadores, esse rio é uma fonte de riqueza pra muita gente, muita gente vive exclusivamente desse rio, a maioria pescando, outros transportando passageiros ou fazendo outro tipo de negócio, como irrigação, e enche a barriga de muita gente, não é pouca não. A tendência de não chover nas cabeceiras, na parte de cima do rio, do médio ao alto, porque na região baixa ele pode subir, mas depois volta, o que faz o rio cheio é as chuvas que vêm do alto São Francisco e do médio também que tem o rio grande e o barras que cai dentro do rio São Francisco são rios grandes, sai

na cidade de Barras. Novembro ou mesmo até outubro tinha já as enchentes, mas as trovoadas caíam também na região de cima, aqui estava seco, mas lá estava chovendo, o inverno da região de cima já passou, na região de cima, Pilão Arcado, Barra, Chiquechique, Butirama, aquela região está seca, inverno é aqui, mas lá não é, então tem que chover lá em cima. Antes quase não tinha nenhuma barragem aí a cheia vinha, mas as barragens trazem desenvolvimento, não posso nem dizer se não tivesse as barragens se o rio estava até mais seco, porque ela vinha e ia direto, de qualquer forma as barragens segura, ela trouxe desenvolvimento, porque todo mundo quer energia e pra poder ter energia precisa ter as barragens, apesar que tem outros métodos de gerar energia, mas o método mais fácil é esse. Em 1970, o rio não tinha a barragem de Xingó, não tinha a de Itaparica, só tinha a de Paulo Afonso, não tinha Sobradinho, o rio teve muito seco em 1970, as lanchas grandes como a Tupan parou de navegar porque foi muito seco, além de ter sido seco na nossa região, foi seco no decorrer do rio, só que era menos, não é como hoje, mas que na verdade naquela época tinha secas e às vezes acontecia do rio não encher, mas sempre tinham as cheias mais longas ainda, tiveram cheias grandes também, teve a de 1983 inundou aqui Gararu e várias cidades, Brejo Grande ficou praticamente inundada, Piaçabuçu, parte de Penedo, parte de Propriá, a parte de baixo de Pão de Açúcar, a última cheia que teve aqui foi em 2007, mas foi bem menos que as outras, mas essa cheia foi ótima e já tinha as barragens, então o que foi que levou a tudo? Desmatamento que acabou secando a nascente do rio, chegou uma época que a Serra da Canastra secou, voltou agora, então tudo isso, além da quantidade de agrotóxico que vem pra o rio através da irrigação e das cidades que não tem tratamento, para resolver tudo isso, é preciso que faça revitalização, as cidades têm que cumprir com sua parte com o Estado e Governo Federal e ao pescador resta esperança e lutar para que toda essa situação melhore.